



Lisandra Berni Osorio

Subjetivações em meio à vida universitária

Aprender inventivo num tempo
de escrituras



Lisandra Berni Osorio

Subjetivações em meio à vida universitária

Aprender inventivo num tempo
de escrituras

Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado Acadêmico

Lisandra Berni Osorio

Subjetivações em meio à vida universitária:

aprender inventivo num tempo de escrituras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Carla Rodrigues

Pelotas, 2016

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

O81s Osório, Lisandra Berni

Subjetivações em meio à vida universitária : aprender inventivo num tempo de escrituras / Lisandra Berni Osório ; Carla Gonçalves Rodrigues, orientadora. — Pelotas, 2016.

244 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

1. Aprender inventivo. 2. Subjetivação. 3. Cartografia. 4. Escrituras. 5. Educação. I. Rodrigues, Carla Gonçalves, orient. II. Título.

CDD : 370.7

Lisandra Berni Osório

**Subjetivações em meio à vida universitária:
aprender inventivo num de escrituras**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 21/03/2016.

Banca Examinadora:

Profª Drª Carla Gonçalves Rodrigues – PPGE/UFPel (Orientadora)

Profª. Drª. Méri Rosane Santos da Silva – PPGEA/FURG, PPGE em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGRS/sede FURG)

Profª. Drª Luciane Prado Kantorski – PPGENf/UFPel

Profª Drª Rosária Ilgenfritz Sperotto – PPGE/UFPel

Agradecimentos

Gratidão: sentimento genuíno de se sensibilizar com os atos de alguém.

Gratidão à professora Carla Gonçalves Rodrigues, que não foi apenas orientadora. Transformou-se em uma amiga, mesmo nos enredos de momentos difíceis, lançou-me oportunidades de crescimento e aprendizado.

À UFPel que não só abrigou a questão de pesquisa, mas possibilitou a dedicação aos estudos. Reconhecimento também aos estimados colegas da PRAE, que me deram apoio para a realização desta investigação, em especial ao carinho e encorajamento das amigas Amélia Nonticuri e Juliana Souza.

Ao projeto Escreleituras, por meio do qual foi possível incentivo da CAPES de maio à dezembro de 2014 para a realização da pesquisa, além de reverberar uma potência de afirmação da vida, ensejando transformação em meu percurso profissional.

Aos alunos da Universidade, os quais constituíram a grande motivação na direção que esta rota cartográfica possibilitou. Um carinho singular aos estudantes que fizeram parte das oficinas, cujos verdadeiros nomes são preservados no texto, mas se configuram reminiscentes na memória desta pesquisadora.

Por entre ensinamentos a trabalhar com softwares, minha profunda gratidão à Mariana Bonati, e, por entre fichas e dados quantitativos, meu agradecimento às queridas Tainá Schnorr, Camila Mesquita e Shayane Gonçalves.

Sincero agradecimento a um bando que me deu o suporte necessário para materializar o pensamento, em imagens inventivas: ao querido Gustavo Oliveira, colega do grupo de pesquisa e responsável pelo desenho das metamorfoses a cada capítulo, dos jovens em mutação e da Pandora; ao Vinicius Sampaio pelos mapas e artes e, ao cuidado estético e diagramação de uma nova amiga, Ana Paula Vieceli.

Gratidão pelos colegas de pesquisa, principalmente pela amizade, paciência e um compartilhar de experiências de Josimara Schwantz e Rafael Brignol.

Agradecimento à querida amiga Cintia Gruppeli por sua solidariedade.

Não menos importante, minha grande gratidão pelo amado Nasser que me proporcionou momentos de solidão para encontrar a companhia de muitos pensamentos.

À minha mimosa Lara, que cedeu seu precioso tempo para que fosse possível estudar, dando-me ânimo, nesse processo, quando colaborou brincando na imaginação de seu mundo infantil, e também quando, tornou-se uma exímia leitora em potencial.

Ao meu pequeno príncipe Martín que, entre prelúdios e noturnos, sons de seu piano, e lances do jogo de tênis, ajudou-me com a liberdade que me foi concedida em alguns momentos, e com a paz e o prazer de tecer suas conquistas.

Aos familiares e amigos que compreenderam o fundamental afastamento, e que por entre instantes de temor e horas de desabafos, dispenderam um tempo, mesmo que ao longe, de incentivo para o desenvolvimento deste trabalho.

Às professoras da banca, Méri Rosane Santos da Silva, Luciane Prado Kantorski e Rosária Ilgenfritz Sperotto, que foram primordiais nesse processo, desde suas considerações na qualificação do Projeto.

À Deus por um deserto cheio de fé em que pude mergulhar para realizar uma viagem no mundo estudantil e a ter coragem de construir uma mudança, mesmo que ínfima, no olhar outros horizontes e solos de uma nova prática no campos da Educação e da Clínica.

*Mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas
– mas que elas estão sempre mudando.*

Prólogo (GUIMARÃES ROSA, 1994).

Resumo

OSORIO, Lisandra Berni. **Subjetivações em meio à vida universitária: aprender inventivo num tempo de escrituras**. 240 fls. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Este estudo teve como objetivo capturar modos de subjetivações em interface com o aprender que se circunscreve em meio à vida no ambiente universitário. Para além de critérios avaliativos e paradigmas psicológicos, buscou-se a temática do aprender sob o viés das Filosofias da Diferença, perpassando pelo escopo da inventividade (KASTRUP, 2007). Nessa direção, encontrou-se, em Deleuze (2000; 2010b), a ideia de que o pensamento produz uma diferença quando é coagido pelo encontro com os signos que o forçam, desdobrando, daí, algo que lhe confira novo sentido. Partiu-se de um contexto educacional que se encontra em constante mudança diante do aumento demográfico e sociocultural, face às novas formas de ingresso no ensino superior, nos últimos anos, e no qual se constatou um crescente não aproveitamento acadêmico de bolsistas da Assistência Estudantil da Universidade Federal de Pelotas. Isso impulsionou, em um primeiro momento, a realização de análise documental (LUDKE; ANDRÉ, 1986) com 557 alunos que não atingiram a média de 70% em 2013/1. Os dados quantitativos obtidos através dos softwares EPI INFO e SPSS, utilizando-se os testes estatísticos ANOVA e *Teste-t* para analisar as variáveis em exposição, associando-as ao aproveitamento acadêmico, foram articulados ao método cartográfico (PASSOS; BARROS, 2014). Em um segundo momento da investigação, selecionou-se, do total de sujeitos investigados,

um grupo com 12 alunos, os quais participaram de cinco oficinas com temas existenciais, a saber: liberdade, solidão, corpo, desejo e amor. Em composição cartográfica, operou-se com escrituras (CORAZZA, 2011), coengendrando leitura e escrita sob a forma de catalisador de um aprender inventivo. Os resultados indicaram que o baixo aproveitamento acadêmico relaciona-se menos com dificuldades cognitivas e mais com contingências do contexto acadêmico, sofrimento psíquico e heterogeneidades, em que as subjetividades (GUATTARI, 2012) emergem como territórios existenciais em condições de provisoriedade. Distanciando-se de processos identitários e representacionais, o estudo demonstrou uma conjunção de desterritorializações dos universitários: alunos que ora se sentem aprisionados, reproduzindo modelos, ora traçam linhas de fuga em sua potência de agir, ora perfilam ritornelos em movimentos que estão transfigurando-se em devir. Diante das distintas geografias, variados modos de composição familiar, diferentes tipos de moradia, diversos vínculos com os cursos de graduação e com a Universidade, as singularidades estudantis ganham expressões que são transversalizadas pelos modos de ser e estar jovem, que permeiam o aprender em meio à vida. Assim, os dados quantitativos, as oficinas, as subjetivações indissociadas das aprendizagens, os rizomas da Instituição, enfim, provocaram transformações na pesquisadora, produzindo uma cartografia do desassossego que reverbera, no campo problemático, a chance de pensar outras práticas na Educação e na Clínica.

Palavras-chave: Aprender inventivo. Subjetivação. Cartografia. Escrituras. Educação.

Abstract

OSORIO, Lisandra Berni. **Subjections through university life: inventive learning in a writing - reading time** f. Dissertation (Masters Degree) - Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas , Pelotas.

This study's aim was to capture ways of subjections interfacing with learning which is limited through university environment. Beyond evaluation criteria and psychological paradigms, it has been sought the theme of learning through Philosophy of Difference, permeating the scope of inventiveness (KASTRUP, 2007). In that direction, it was found in Deleuze (2000,2010b) the idea in which thought produces a difference when coerced by the encounter of the signs that push them, unfolding, then, something that set it a new meaning. We started with an educational context which is in continuous change front of population and sociocultural growth given the new ways of entrance in tertiary education, in the last years, where has been noticed a lack of achievement of academic fellows from Universidade Federal de Pelotas students' assistance. This boosted, at first, a conduction of a document analyses (LUDKE; ANDRÉ, 1986) with 577 students who did not achieve an average of 70% in 2013/1. The quantitative data obtained through EPI INFO and SPSS soft wares, using the statics tests ANOVA and Test-t to analyze the variables in exposition, associating them to academic achievement were articulated to cartographic method (PASSOS; BARROS, 2014). In a second moment of the investigation, we selected , from all the subjects investigated, a group of 12 students, who participated in 5 workshops with existential themes, namely: freedom, loneliness,

body, desire and love. In cartographic composition, we operated with writing - reading (CORAZA, 2011), coengendering reading and writing under the form of a catalyzer from an inventive learning. The results indicated that lower academic achievement is less related to cognitive difficulties and more to contingences of academic context, psychic suffering and heterogeneities, in which the subjectivities (GUATTARI, 2012) emerge as existential territories in provisory conditions. Being apart of identity and representative processes , the study showed a conjunction of university students deterritorializing: students who sometimes feel imprisoned, reproducing models, sometimes trace escaping lines in their power to act, sometimes profiling refrain in movements that are transfiguring themselves into becoming. On the different geographies, varies family compositions, different types of home, several ties with graduation courses and the University, the students singularities gain expressions that are mainstreamed by the ways of being young, which permeate learning through life. Thereby, the quantitative data, the workshops, the subjectivities dissociate from learning, the Institution rhizomes, at last, provoke transformations in the researcher, producing a cartography of the unrest that reverberates, in a problematic field, a chance to think in others Educational and Clinical practices.

Key - words: Inventive learning, subjection, cartography, writing-reading. Education

Sumário

6	Agradecimentos
10	Resumo/Abstract
17	<i>Pra não dizer que não se falou de grama</i>
23	<i>I Em uma terra não tão distante</i>
26	Um lugar para começar é avistado
33	Rota de uma cartografia do desassossego
37	<i>II Movimento analítico um: caleidoscópio estudantil</i>
57	<i>III Movimento analítico dois: oficinas em esrileituras</i>
69	Dos alunos que se fazem personagens
78	Das oficinas
83	1ª oficina: da liberdade nossa de cada dia
90	É preciso decifrar signos
94	2ª oficina: dos confins da solidão
103	3ª oficina: corpo que dança (nos) pensamentos
115	4ª oficina: desejo
121	Entre matilhas e marujos
127	5ª oficina: amor

135	<i>IV Movimento analítico três: mais subjetivações? Sim, por favor</i>
153	Jovem em metamorfose
159	<i>V Da Universidade se fez rizoma</i>
171	Um certo dia 26 no Instituto de Ciências Humanas
174	Mapas
180	Uma outra clínica? Por um tempo de esrileituras?
193	<i>VI De tudo ficam os afetos que pedem passagem</i>
199	Aprendizagens das oficinas
203	Linhas de subjetivações
206	Linhas de transformação
216	Referências
226	Lista de figuras
228	Lista de tabelas
230	Lista de abreviaturas e siglas
232	Anexos

Pra não dizer que não se falou da grama

As gramas crescem por todos os lados, sem começo nem fim. Não há ponto de origem ou centralidade. E é do rizoma que se quer extrair a forma de tratamento dos pronomes pessoais do escrito desta dissertação. O que reporta a uma individuação conduz aos movimentos que transformam coisas e sujeitos onde subjazem forças involutivas. É do campo gramínio do devir. Desprovido da necessidade de “eus”, os escritos seguem linhas de um narrador oculto. Por isso, iniciar pelo Eu seria um impropério. Aquele eu subjetivo, que é familiar para um, finda desconhecido, para outros. Dessa forma, quando Eu aparecer, irá tratar-se de uma instância temporária, sempre disposta a ser abandonada. Um eu-do(s)-aluno(s) quando escrevem e dizem coisas, cheio de “vocês” e “eles”. Não o Uno. Um eu-todo-mundo, em um mundo de possibilidades.

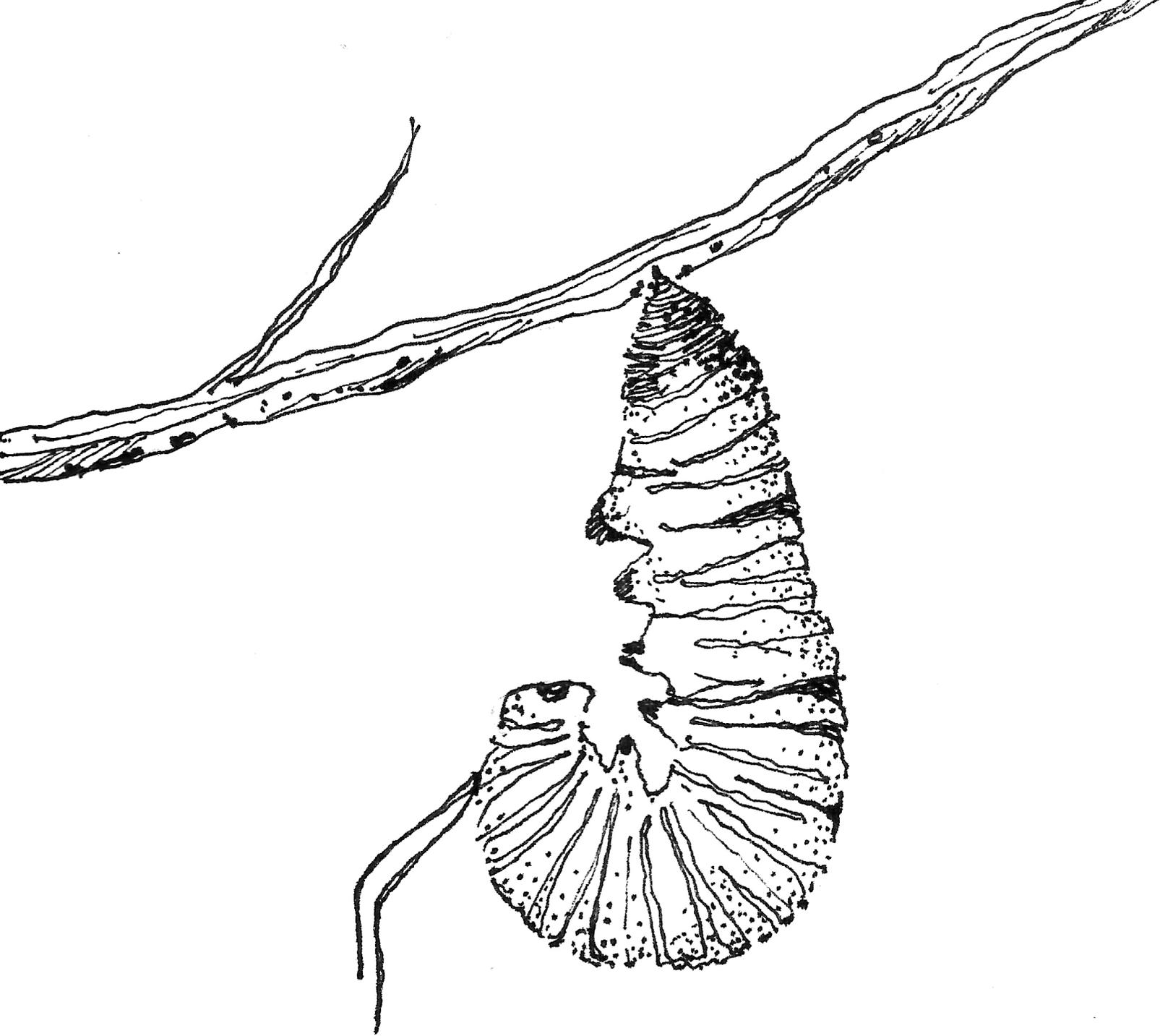
Há uma personagem em variados papéis experienciados no ato de escrever. Ela passa por devires. Anuncia suas transformações a cada capítulo: *psicóloga, psicóloga-pesquisadora, psicóloga-pesquisadora-aprendiz, psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa, psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa na Educação e na Clínica*. Por fim, transforma-se em *Pandora*. E todos eles remetem a uma personagem que vai mudando seus estados de sensações. Quer dizer que traça sua implicação no campo problemático da pesquisa, coexistindo uma pesquisadora de ninguém em especial, e que pode ser qualquer um.

Há um punhado de nomes, personagens fabulados, que arrastam consigo resquícios de histórias e geografias dos alunos que foram conhecidos nas oficinas de experimentações em escrituras desta pesquisa. Portanto, “o nome próprio não designa um sujeito, mas alguma coisa que se passa ao menos entre dois termos, que não são sujeitos, mas agentes, elementos, povos, tribos, faunas, floras, tufões” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 65). Pelo menos assim se desejou e se criou: Capitão sem o seu gancho; Alice no país do assombro e do demasiado; Menino-lobo; Quixote e seu Sancho desmedido; Aladim e o tapete que não voava; Borboleta de uma asa só; Cigarra que

prefere não cantar; Coruja que dorme acordada; Narciso e o espelho quebrado; Julieta sem Romeo; Flor de um lótus imperfeito; D'artagnan-menina.

Há, ainda, o “pesquisar”, verbo no infinitivo que desenrola o movimento analítico, onde há um narrador oculto. Um indefinido que se remete a uma singularidade em sua potência de determinação de um devir (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Movimentar aos estardalhaços aquele pensar que pensa, mas que, na verdade, reproduz. O pesquisar, então, quer perverter esse pensar as coisas de forma acomodada. Será que consegue?

Há trechos de esrileituras da pesquisadora [rastros de uma escritural], pequenos devaneios, inventados, extraídos do que leu nos textos, nos escritos dos alunos das oficinas, dos mundos artístico-filosóficos pelos quais adentrou. Avistam-se, também, movimentos esrileituras dos próprios alunos oficinairos. Com Corazza (2011a, p. 147), enfim, que o texto siga por linhas tortas, trapaceando e desviando funções costumeiras, tornando “selvagens seus sentidos”. Pelos caminhos sinuosos deste estudo, todos – os estudantes, a personagem em suas transformações, as escrituras e o pesquisar– fazem grama.



I

Em uma terra não tão distante...

Uma cena se anuncia

Após noite barulhenta, Alice do país do assombro e do desassossego não conseguiu descansar nem pôr para dormir sua secreta loucura. Tic-tac. Sonoridade de um tempo que está por um fio. A suave alegria de estar viva é um cristal. Ela pensa consigo: “donde vem essa certeza de estar vivendo? Basta silenciar para enxergar, abaixo de todas as realidades, a única irreduzível, a da existência”(LISPECTOR, 2013, p. 160). Veste a calça jeans rasgada e a blusa que põe à mostra um ombro, o colo e a barriga. Pensa: – Ih! Os guris não vão gostar desta roupa. E ainda vão dizer: “depois reclama se te assediam por aí”. O dinheiro é curto; o tempo escasso; não há remédio. Estampa uma cara de amanhecida como um pão de ontem, come um pão de anteontem e vai. Chega atrasada na aula. Prova difícil; não consegue estar atenta; erra umas bobagens. Não foi como aquela que até achou fácil, apesar de ter pouco estudado por conta do sono. No caminho até o restaurante, na companhia de seu pensamento, encontra a vontade de ir embora; fazer outro Curso, talvez, que tenha mais futuro, como dizem os outros. Um tanto zozna, se depara com uma pichação: “o seu pequeno destino quisera-a perdida no labirinto” (ibidem, p. 179). Afinal, o que quer? Sua família parece estar em outro continente de tão distante. Vê-se sozinha e na espreita por escolhas. E, desta vez, devem ser acertadas. O namorado já “deu no pé”. Os amigos parecem felizes, vivendo o amor livre por aí, nos bares da vida, coisa e tal. Isso não lhe faz sentido. A comida estava boa: um pedaço de carne, arroz, feijão e uma maçã de sobremesa. Essa, ela leva na mochila para lanche da tarde, se tiver fome. Está cansada. Não só por hoje. E há, ainda, uma tarde de ensaios pela frente. No palco do lugar em que habita, se sente viva. Consegue mandar embora problemas e ser quem ela quer ser. Ser outra. Por que no palco da vida,

isso se torna tão distante? Estava na hora de tentar escapar das armadilhas que a toca do coelho lhe impusera e inventar mundos para sobrepujá-las.

[rastros de uma escritura, nov. 2015]

Um lugar para começar é avistado

Nessa terra de gigantes, tem palmeiras, tem aspirantes. Ela entoca Alices e libera aprendizes para novas terras habitar. Não tem sujeitos fixos com alguma identidade, mas tem jeitos mil de se portar. Um território universitário que acolhe singulares personagens em um aprender que constantemente está a subjetivar. Eles inventam moda, criam mundos de dores e sabores, transportam prisões e alforrias para experiências e fugas poderem traçar.

Territorialidades que estão a variar. Elas adentram no curso da vida, para além de uma busca pela verdade como algo natural que lhe sossegue o espírito, transcorrem por contornos em relevo. Deslizam sobre superfícies de sentidos. Desdobram-se entre aquilo que faz pulsar e o que estanca o pensar. Escrever sobre o aprender impulsiona o pensamento para novos territórios e o leva a instantes de ruídos que desnudam as palavras. A personagem, uma *psicóloga*, tornou-se viajante de linguagens que buscam asilo na garganta. Elas devastam a esperança de ser aprendiz em meio às multidões de movimentos que arrastam subjetividades que não cessam de se transformar nos meandros da vida estudantil. Lembra de Schérer (2005, p. 1183), o qual diz que “o aprender vai além do saber, esposando a vida toda”. Eis que este primeiro capítulo demonstra o processo do pesquisar.

Nos rastros de um voo pulsante, a *psicóloga* foi em busca de novos horizontes, algo que lhe pudesse lançar para longe de modelos, de padrões, de DSMs¹ e CIDs². Não pretendeu negar a importância desses critérios e regras que regem um mundo de representações e que fazem parte da prática psi. Contudo, ela desejou se aventurar num encontro inesperado com algo ou alguém que se tornou um amigo chamado Gilles. Ele entrou em sua vida, assim, mansamente, em uma disciplina como aluna especial, como quem não quer nada: *Ei! O que se passa em teu pensar que te inquieta tanto?*

Aquele sussurrar de uma amizade, laço que se iniciava, fez algo se movimentar ainda mais: *Mas há algo de novo a insurgir no meio de práticas burocratizadas e mesmificadas pelo cotidiano?! Para ele, a amizade passa pelo F de fidelidade e dispensa ser explicada, ser sensível aos signos emitidos por alguém; “ser amigo é ver a pessoa e pensar: ‘O que vai nos fazer rir hoje?’ (DELEUZE; PARNET, 1997, p.35). Assim, a desconfiança que habita uma amizade para o autor, tornou-se imperativa nessa nova relação, fazendo-a ver o charme das pessoas como “aquele em que elas perdem as estribeiras, [...]. Não que elas desmoronem [...]. Mas, se não captar aquela pequena raiz, o pequeno grão de loucura da pessoa, não se pode amá-la” (ibidem, p. 36).*

Quando Gilles a convidou para entrar no campo da “Diferença e Repetição” (DELEUZE, 2000) em a “Imagem do Pensamento” (Ibidem), ela pôde perceber que havia uma imensidão de coisas para além de um lugar, uma pessoa, uma relação a serem representados; de novo e de novo. O novo não era o mesmo que o Mesmo³, ou o análogo, o equivalente; havia, então, algo singular e cheio de multiplicidades ao mes-

1. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

2. Classificação Internacional de Doenças.

3. Para Deleuze o eterno retorno é constituído de uma força capaz de selecionar, expulsar e criar, de destruir assim como de produzir e não de fazer retornar o Mesmo, o qual se refere à identidade real, que pode conter na repetição (DELEUZE, 2000). As coisas nesse âmbito são dotadas de uma identidade a ser reconhecida. Conhecer toma o caráter de reconhecer algo já posto e idêntico ao longo do tempo e do espaço.

mo tempo. Vivificada com todas aquelas impressões que perpassaram pelo seu corpo, olhos brilhantes, esfomeada com e em tantas dimensões, vivenciou a possibilidade de Invenção que Gilles lhe anunciava para formar uma teia, um turbilhão de conceitos. E, assim, deparou-se com um exímio labirinto. Labirinto de encontros: subjetivação, rizoma, devir, Mesmo, Encontro, Invenção.

Por meio de uma mola propulsora de seu próprio pensamento, ela foi levada a pensar na vida dos estudantes, como aquela cena inventariada⁴, ao pensar em Alice. Se é transformando que se conhece – embora não se saiba previamente como alguém aprende –, adentrar no mundo dos jovens passaria pelos seus processos em cursos, suas histórias carregadas de afetos e seus modos permanentemente constituídos em um esforço para dar conta de um mundo universitário.

Com o propósito de afirmar um aprender inventivo e articulado com modos de subjetivação em discentes universitários, a *psicóloga* buscou, na multiplicidade e singularidade do coletivo, agenciamentos com produções de sentidos que conferissem transformações de si e do mundo. Distanciou-se da hegemonia dos paradigmas da psicologia da aprendizagem, das linearidades de uma epistemologia genética e generalidades de conceitos que pudessem intentar verdades absolutas.

Desde um olhar macro, conforme Censo de 2005⁵, a personagem conseguiu ver que a educação superior no país encontrava-se em descompasso com as demandas da sociedade brasileira, desencadeando políticas públicas de expansão e desenvolvi-

4. A cena foi fabulada por quem se pôs a pesquisar, em um mergulho no possível cotidiano de uma aluna.

5. Realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), contempla censo demográfico, indicadores sociais e contagem da população. Apresenta os resultados da pesquisa para o conjunto do País, com informações básicas para o estudo e planejamento do desenvolvimento socioeconômico nacional, abrangendo características gerais da população, migração, educação, trabalho, rendimento e fecundidade, bem como famílias e domicílios. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

mento (SANTIN; CUNHA, 2012), tais como o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e o Sistema de Seleção Unificada (SISU)⁶. Dessa forma, a Universidade Federal de Pelotas, a qual configurou *locus* de sua investigação, foi uma das pioneiras ao implementar esses sistemas em 2008. Uma vez que tal fato deu-se no período de um ano, houve um crescimento desregulado das unidades acadêmicas (ibidem). As mudanças no ingresso ao ensino superior contemplaram, ainda, a Lei de Cotas⁷, a qual dispõe sobre políticas afirmativas que favorecem a inserção de alunos. Essa lei também foi alvo de sua pesquisa.

Ao aumento da população acadêmica, interpelaram-se não apenas diversidades demográficas e socioculturais, mas a evidência de um estudante capturado por transformações contemporâneas no mundo e na educação, em que outros modos de subjetivação são emergentes. A *psicóloga* foi percebendo, de modo empírico, um estudante que, vindo ou não de outro Estado do país, necessitava afirmar sua existência no ambiente acadêmico. Afirmação esta que perfilava por movimentos estudantis, imersão em coletividades que conferissem voz aos seus anseios ou àquilo que ele entendesse como uma rede de apoio e de direitos.

Desse modo, a personagem, encontrou-se implicada no campo da investigação por ser *psicóloga* do quadro técnico-administrativo da UFPel, mais especificamente junto à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Tornou-se viajante dos trajetos percorridos por discentes no âmago acadêmico. Desde seu ingresso, em 2010, inquietações e desdobramentos foram sendo desvelados por esse grau de sua imersão no

6. Consiste em um sistema informatizado em que instituições públicas de ensino ofertam vagas para candidatos participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), conforme MEC 2012.

7. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, obriga as universidades, institutos e centros federais a reservarem para candidatos cotistas (que cursaram os três anos do ensino médio em escola pública, EJA ou ENEM, pretos, pardos e índios, entre as vagas separadas pelo critério de renda), metade das vagas oferecidas anualmente.

mundo estudantil, possibilitando-lhe a invenção de mundos pelo proliferar das diferenças que foram se anunciando nesse processo.

Ela constatou que, no período de 2012/2 a 2013/2, houve um aumento de 82% no índice de não aproveitamento acadêmico dos estudantes de graduação, bolsistas⁸ da PRAE, da Universidade. Nesse sentido, de um universo aproximado de 3000 discentes bolsistas, 500 em 2012/2, 700 em 2013/1 e 929 em 2013/2 obtiveram um aproveitamento inferior ao esperado, conforme normas da Instituição. Isto é, por um emaranhado de circunstâncias que podem coexistir, como dificuldades de aprendizagem, sofrimento psíquico, situações de cunho pessoal e/ou institucional, entre outros motivos, não alcançaram o mínimo de 70% adotados como um dos critérios de permanência com as referidas bolsas. Essa condição é entendida como indispensável para a continuidade dos estudos daqueles alunos.

As possíveis dificuldades neste estudo se coadunam com aquelas que percorrem caminhos de um aprender em meio à vida, perfilam pelos modos de subjetivação que vêm se desenhando na paisagem da formação acadêmica. Do crescente baixo aproveitamento acadêmico, insurge a seguinte pergunta: como as subjetivações discentes vêm sendo produzidas em interface com o seu aprender em meio à vida universitária?

Nessa direção, a personagem delineou a temática da investigação – a aprendizagem – ao detectar que a mesma ganhava dimensões existenciais no cotidiano contemporâneo dos alunos. Longe dos ditames da reconição, o aprender foi entendido sob o escopo das Filosofias da Diferença. Assim, ele foi considerado amalgamado aos

8. A PRAE contempla as seguintes bolsas aos estudantes: Programa Auxílio Alimentação (PAA), Programa Auxílio Transporte (PAT), Casa do Estudante (CEU), Programa Auxílio Moradia (PAM), Programa Auxílio Instrumental Odontológico (PAIO), Programa Auxílio Deslocamento (PAD) e Programa Auxílio Pré-Escolar (PAPE).

processos que estão permanentemente produzindo subjetivações no contexto da Universidade, mas que, antes de tudo, alastram-se pela vida.

A *psicóloga* não pretendeu percorrer outras instâncias, como os critérios avaliativos da Instituição ou mesmo a forma como cada graduação estaria sendo composta, embora sabendo que estes ocupam seu devido lugar no contexto estudantil. O que lhe interessou, isso sim, foi o processo, ínfimo e delicado, de singularização e multiplicidades que perpassam o aprender no campo do vivido. Buscou em Deleuze (2000, 2010b), na gênese do ato de pensar no próprio pensamento e na contingência do encontro daquilo que o força, a violência e a estranheza necessárias para que uma aprendizagem pudesse ser produtora de sentidos. Concepção que adota o aprender como invenção de problemas em um pensamento sem imagem, e não como uma rasa solução de problemas pressupostos de uma imagem dogmática do pensamento ou de uma representação. Isso seria o mesmo que dizer que pensar passa pelo criar.

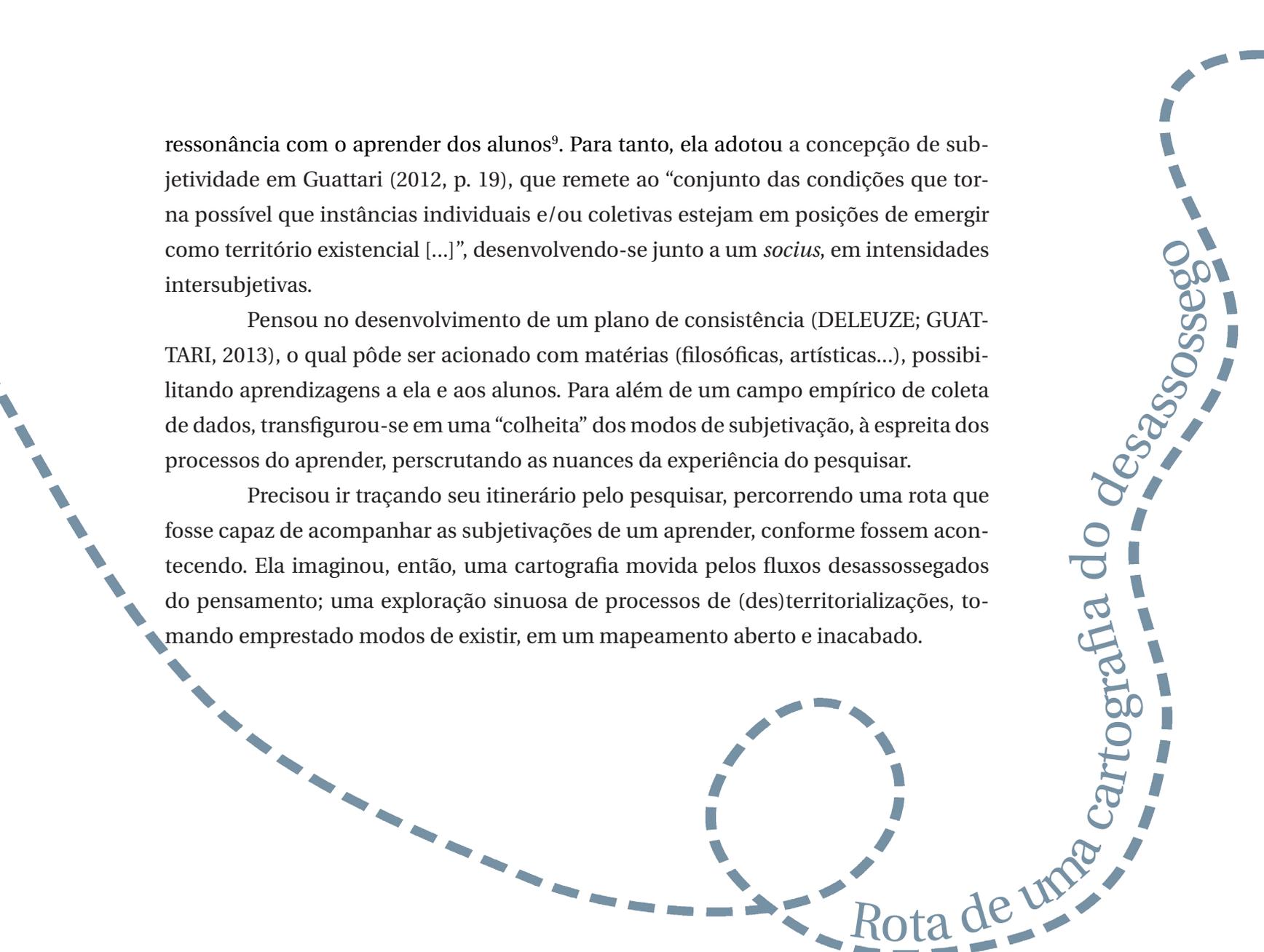
Diante da questão anunciada acerca do crescente não aproveitamento acadêmico, encontrou, na aprendizagem inventiva formulada por Kastrup (2007) – a qual é fundamentada da concepção deleuzeana –, uma zona de vizinhança com as formas subjetivas existentes. Assim, “a aprendizagem surge como processo de produção de subjetividade, como invenção de si” (KASTRUP, 2005, p. 1277), em mutualidade à invenção do próprio mundo. Um aluno e uma *psicóloga* em devir tecendo deslocamentos em seus modos de ser e estar no mundo, sendo o próprio movimento de constituição e desaparecimento das singularidades responsável pelas transformações que foram ocorrendo.

O pesquisar, nas veias pulsantes da personagem, então, desvelou-se em “colher” modos de se constituir enquanto discente, os quais dessem pistas sobre a existência estudantil, no contexto acadêmico investigado. Logo, seu principal objetivo desenhou-se: capturar subjetivações que estivessem a circundar a vida universitária em

ressonância com o aprender dos alunos⁹. Para tanto, ela adotou a concepção de subjetividade em Guattari (2012, p. 19), que remete ao “conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posições de emergir como território existencial [...]”, desenvolvendo-se junto a um *socius*, em intensidades intersubjetivas.

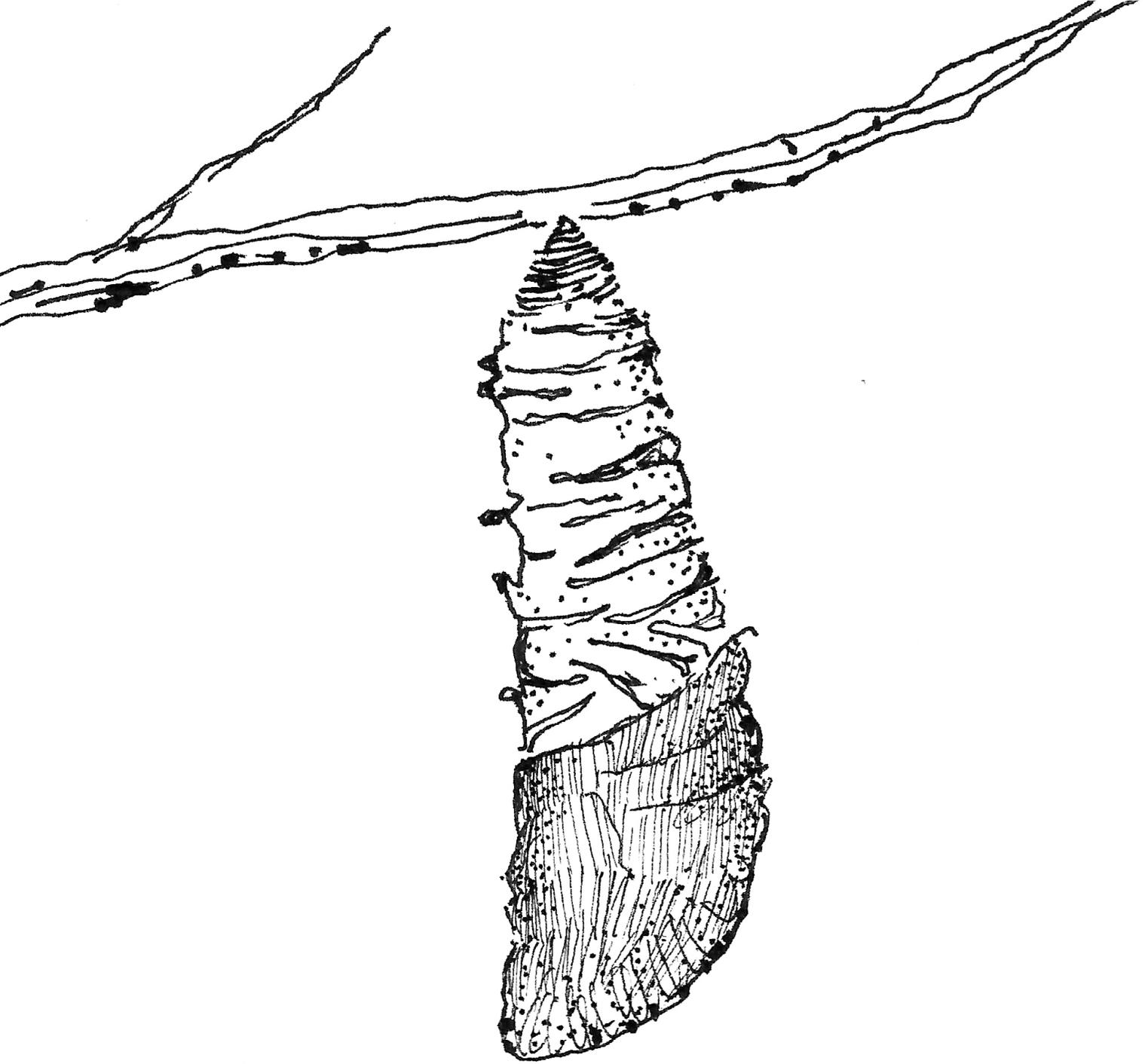
Pensou no desenvolvimento de um plano de consistência (DELEUZE; GUATTARI, 2013), o qual pôde ser acionado com matérias (filosóficas, artísticas...), possibilitando aprendizagens a ela e aos alunos. Para além de um campo empírico de coleta de dados, transfigurou-se em uma “colheita” dos modos de subjetivação, à espreita dos processos do aprender, perscrutando as nuances da experiência do pesquisar.

Precisou ir traçando seu itinerário pelo pesquisar, percorrendo uma rota que fosse capaz de acompanhar as subjetivações de um aprender, conforme fossem acontecendo. Ela imaginou, então, uma cartografia movida pelos fluxos desassossegados do pensamento; uma exploração sinuosa de processos de (des)territorializações, tomando emprestado modos de existir, em um mapeamento aberto e inacabado.



Rota de uma cartografia do desassossego

9. Os alunos do campo investigado foram os bolsistas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFPel que obtiveram aproveitamento acadêmico menor que 70% em 2013/1, os quais fizeram parte de uma análise documental. Destes, houve a seleção de 12 alunos para a realização de oficinas de experimentações em escrituras, apostando na força do coletivo e na pluralidade de vozes que dessem língua às subjetivações emergentes desse contexto.



II

*Movimento analítico um:
caleidoscópio estudantil*

Em 15 anos de profissão da personagem, diante de sofrimentos humanos, aprendizagens foram transcorrendo e o mergulho intensivo no mundo de alunos graduandos ocupou um novo lugar, ainda indiscernível. Paulatinamente, percebeu que, dentro de quatro paredes de um consultório institucional, para além de medos e anseios de jovens que ingressavam nos bancos acadêmicos e que, por vezes, pareciam um tanto perdidos e sozinhos, deslizavam expectativas e sonhos, caminhando na direção de concluírem seus Cursos com saúde e condições para desenvolverem-se como pessoas.

Se a diferença cria intensidades e a repetição manifesta singularidades (DELEUZE, 2000), isso a fez pensar no que difere de potencial nos modos de vida dos estudantes que pudessem ser remetidos a um desigual em si mesmo. Ela foi se dando conta que seu papel já não era o mesmo de antes. Precisou se transformar em alguém que investiga um campo problemático, uma vez que não conseguia controlar sua inquietação acerca do que vinha acontecendo na vida dos alunos que estavam a não obter o aproveitamento esperado pela Universidade. Passou a entender que os contornos provisórios das subjetividades emergiam de um lugar a ser explorado (suas relações com o mundo, formas de se expressar, territorialidades) e ganhavam forma e sentido, reverberando-se e reinventando-se; uma saliência, pontos de fissura.

Foram avistados, pela então *psicóloga-pesquisadora*, movimentos de desterritorialização que tivessem o poder de provocar alguma mudança e que pudessem afirmar potência de vida, de que algo se passa, não está inerte, estanque. Um furor da existência que amplificasse os efeitos da ação no processo de ser e de aprender. Como pano de fundo, concebeu a complexidade constitutiva do não aproveitamento acadêmico, pois o mesmo poderia estar sendo atravessado por diversos fatores de naturezas distintas.

Assim iniciou seu ato investigatório. Para a realização de análise documental (LUDKE; ANDRÉ, 1986), a personagem criou uma ficha¹⁰ orientadora dos dados concernentes às características sumárias no acervo da PRAE, contemplando características sociodemográficas (idade, naturalidade), do contexto familiar (perdas, separação de pais) e da situação acadêmica (histórico de notas e outros ligados à instituição) que pudessem ser encontradas nos acervos das pastas de documentos dos bolsistas da Instituição.

Ela trabalhou os dados através dos softwares EPI INFO e SPSS, utilizando os testes estatísticos ANOVA e *Teste-t* para realizar a análise das variáveis em exposição, associando-as ao aproveitamento acadêmico. Por meio da tabela 1, demonstra que tais associações foram consideradas significativas para as variáveis que apresentaram p-valor $\leq 0,05$. Dessa forma, quando duas variáveis apresentam este dado, pode-se inferir que existem diferenças significativas da média de aproveitamento no semestre descrito entre os elementos numéricos colhidos nas variáveis analisadas.

Descobriu que o quanti não anula a expressão quali, pois “todo número é original, intensivo, vetorial, em que implica uma diferença de quantidade” (DELEUZE, 2000, p. 377). O pesquisador movimentou-se na medida em que se deparou com elementos, os quais, sem a pretensão de comunicar generalidades, estampavam relevos e singularizações. Nas paisagens que foram vislumbradas de uma análise documental, os documentos foram tomados pela personagem como retratos que denunciavam condições de ser e estar dos jovens. Os históricos acadêmicos, em suas baixas notas, infrequências e trancamentos de Cursos, traziam um grito de socorro, nos quais eram encontrados pulsando, como um desenho, muito mais processos subjetivos pelos quais os alunos estavam enfrentando do que um não aprendizado.

10. Em anexo 1.

Nas entranhas documentais, também havia histórias para contar, cartas que pediam uma segunda chance na permanência com as bolsas, por processos de adoecimentos, por entre atestados médicos ou de acompanhamento psicológico, fossem deles próprios, fossem familiares, fossem de seu contexto. Adoecimento este que se remetia a um estado de coisas e de desterritorializações. Seria dizer que adoecer envolve um agenciamento, algo por se transformar, como depressão, câncer, brigas, agressões, tratamentos e relações de naturezas distintas.

Tabela 1. Variáveis que apresentaram associação significativa com o aproveitamento acadêmico dos alunos bolsistas da PRAE/UFPeL

Variáveis		N (%)	Média de aproveitamento em 2013/1	p-valor
Idade (n=557)*	16 a 19 anos	129(23,2)	39,2 (21,8)	0,012
	20 a 23 anos	221(39,7)	35,7 (24,5)	
	24 a 29 anos	137(24,6)	30,8 (24,8)	
	30 a 57 anos	70 (12,6)	29,6 (28,3)	
Naturalidade	Pelotas	290(52,0)	31,7 (25,0)	0,020
	Outras cidades do RS**	206(36,9)	38,0 (23,6)	
	Outros estados	60 (10,8)	36,7 (25,4)	
	Outros países	02 (0,4)	12,5 (17,8)	
Estado Civil (n=546)*	Solteiro(a)	495(89,0)	35,4 (24,1)	0,031
	Casado(a) ou vivem com companheiro(a)	55 (9,9)	26,2 (28,4)	
	Separado(a) ou divorciado(a)	6 (1,1)	32,0 (29,5)	
Tem filhos (n=546)*	Não	485(87,2)	35,8 (24,2)	0,005
	Sim	71 (12,8)	26,1 (27,2)	
Acompanhamento Psicológico	Não	498(89,4)	35,3 (24,5)	0,025
	Sim	59 (10,6)	27,2 (25,2)	

*variáveis com missing

Fonte: OSORIO, 2014.

** (RS) Rio Grande do Sul

A *psicóloga-pesquisadora* conjugou alguns resultados do levantamento com outros estudos publicados, dos quais duas pesquisas foram realizadas com o mesmo *locus*. A primeira trata de uma investigação qualitativa acerca do sofrimento psíquico

dos discentes atendidos pelo serviço de psicologia da UFPel, entre 2008 e 2012 (SCHNORR; RODRIGUES; OSÓRIO, 2014). E a segunda, realizada pela própria PRAE, revela, quantitativamente, o perfil sociodemográfico e de hábitos relacionados à qualidade de vida dos moradores da casa do estudante desta instituição (NONTICURI et al., 2014).

Em ambas, ela esteve implicada em seu processo de planejamento e execução, assim como em buscas de textos com as referentes temáticas que contêm seus títulos. Destas, desdobram-se referenciais de artigos encontrados sobre vida acadêmica, em que ela foi capturada, e evidencia-se a busca nos anais da Anped¹¹ (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no período dos anos¹² de 2011 a 2013, de artigos que contemplassem, em seu título, as palavras “universidade” ou “universitários” ou que fizessem menção a estudantes do ensino superior.

Entre os resultados de sua investigação, constatou a predominância, entre os estudantes, da faixa etária entre 20 e 23 anos, conjugando com outros achados (SCHNORR; RODRIGUES; OSÓRIO, 2014; NONTICURI, et al., 2014; OLIVEIRA; FERNANDES, 2013), em que a média de idade circunda os 23 anos (conforme tabela 1). Assim, embora tenha encontrado as menores médias nos discentes entre 30 e 57 anos, ela voltou seu estudo para a compreensão do ser jovem e de sua trajetória acadêmica em um contexto social-histórico da Universidade, o qual vem sofrendo mudanças. Carrano (2009) menciona em seus estudos, que o termo “juventude” compreende a população entre 15 e 29 anos. O autor descreve estudos sobre a complexidade que enseja a questão: “Quando alguém deixa de ser jovem e atinge a vida adulta”? (ibidem, p. 3).

11. A escolha pela Anped deve-se por se tratar de uma referência em termos de publicação científica, em educação, no Brasil.

12. A opção pelos últimos anos deve-se ao fato de as mudanças de ingresso na Universidade serem recentes. O ano de 2014, no momento da busca, ainda não tinha os anais publicados.

Outros estudos sobre jovens englobam até os 34 anos, por exemplo, de modo a entender a dinâmica social daquele que prolonga a juventude por não encontrar meios socioeconômicos para a vida adulta. Se, por um lado, há manutenção de vínculos de dependência material e afetiva para que esta fase se alargue ao longo de sua vida, por outro, fluxos de vida buscam autonomia. Ultrapassando os limites norteadores que descrevem juventude em termos cronológicos, nossa personagem problematizou o que pode estar constituindo o ser jovem nos dias de hoje, seus guetos, narcisismos, vazios, seus modos de ser na era tecnológica, lutas e passividades. Subjetivações de um ser jovem que busca liberdade, possibilidades de escolhas, responsabilidades e consequências implicadas a partir daí foram deflagradas por enunciações de singularidades dos dados que compõem este estudo.

Marcar a juventude por intermédio do aspecto geracional e cronológico seria reduzi-la a um caráter identitário. Para além de uma passagem do tempo e dos acontecimentos, subjetivações vão diferenciando os seres, suas descontinuidades históricas e suas mudanças. A *psicóloga-pesquisadora* esclarece que não se trata, portanto, de generalizações que estratifiquem os papéis que os jovens devam assumir, mas, sim, de um *socius* em que as singularidades sejam respeitadas. Desse modo, quando antigas territorialidades, tais como “o corpo, a família, o espaço doméstico, as relações de vizinhança, de faixa etária, etc. – são ameaçadas por um movimento geral de desterritorialização, procedemos à recriação artificial destas mesmas territorialidades” (GUATTARI, 1985, p. 65). Uma juventude maquínica, em que seus corpos voláteis e devires dão a ver “movimentos de revolta em diferentes autonomias” (ibidem, p. 57). Nessa direção, há uma multiplicidade e heterogeneidade de fatores que abraçam a juventude.

Ela continuou percorrendo matizes do que viesse a compor singularidades, como se pudessem terem sido fotografadas em um dado momento (2013/1), estando a se transformar a todo instante. Transformações que os alunos trouxeram com eles,

desde o lugar onde nasceram e/ou cresceram, aqui chamado de “naturalidade”. Nessa questão, os alunos apresentaram médias do aproveitamento de 2013/1 significativamente diferentes entre as categorias, configurando as menores médias entre os que são estrangeiros.

Contudo, a segunda menor média, e o número mais expressivo, foram de alunos da cidade sede da Universidade, o que refutaria a hipótese empírica de que dificuldades insurgem com mais frequência entre os que fossem de outros lugares, exigindo um suposto maior esforço de adaptação ao novo território. Este fato revelaria que, para além de sua cidade de origem, seria inerente ao contexto estudantil um processo de absorver outra realidade vivida à nova vida no ambiente acadêmico. Uma aprendizagem em meio à existência que produz subjetivações com a possibilidade de invenção, em uma adaptação que se configura ativa com o meio (GUATTARI, 2012; KASTRUP, 2007).

Essa possibilidade de ação, elucida a personagem com o apoio de autores, inclui um *quantum* de força entendido como poder de transformação (CÉSAR; SILVA; BICALHO, 2014) que perpassa por entre as formas de se constituir estudante, imbricado em suas relações. Nesse sentido, embora a grande maioria fosse solteira, a menor média encontrava-se entre os que eram casados ou viviam com algum companheiro. Isso conjugado ao fato de ter filhos, em que uma média menor estava entre alunos que os tinham, e, somando-se ao da idade, desvelou-se que, apesar das dificuldades intrínsecas ao ser jovem, estudar na “suposta” vida adulta, imbuída de responsabilidades, com família constituída, interpelava singularidades e diferenças.

De outra maneira, continua a *psicóloga-pesquisadora*, se ter filhos denunciava um menor aproveitamento acadêmico, como 485 alunos (comparados aos 71 com filhos) expressavam a mesma condição de não aproveitamento, sem terem que se ocupar de cuidar de outrem? Um arranjo de quantidades de forças e formas começava a

ganhar dimensões provisórias de multiplicidade em um caleidoscópio estudantil.

A personagem percebeu, então, que o sofrimento psíquico abre portas no mundo discente, destacando-se diferenças significativas do aproveitamento de 2013/1 entre ter ou não acompanhamento psicológico. Tal fato indicaria que, quando o aluno chega a tal serviço, algo pode estar transbordando, algo já se passou até esse caminho acontecer, algo já havia sido anunciado. Assim como nas pesquisas de Schnorr, Rodrigues e Osório (2014), Zago (2006) e, Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), ela encontrou o sofrimento psíquico em universitários, configurados pela presença da depressão, ansiedade, estresse emocional ligado à falta de confiança na capacidade de desempenho ou autoeficácia, desencadeamento de distúrbios psicossomáticos, em intensidade que produz o adoecimento.

Isto, somando-se às complicações para concentrar-se e adaptar-se, à carga excessiva de alguns Cursos, à natureza subjetiva que coloca os alunos em contato com questões como morte e doença, assim como dúvidas sobre sua sexualidade, impasses nos relacionamentos afetivos e em sua nova vida (SILVA, et al., 2011; VALLILO et al., 2011), recrudescem o mal-estar discente em sua formação. Como demonstraram Nonticuri et al. (2014), por exemplo, em que 38% dos moradores da casa do estudante da mesma Universidade descreveram sofrer influência emocional em suas tarefas e 50% não se perceberam com boa saúde.

Entretanto, nos meandros dessa discussão, a *psicóloga-pesquisadora* sentiu algo de potência de vida exalando pelos poros do aprendiz, onde se aguçava o desejo de se despojar de algo pré-concebido, perfurando o tecido estudantil de modo a capturar as subjetivações que também desdobrassem vitalidade, “devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis” (DELEUZE, 2013b, p. 14). O autor a perguntaria: “Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionado pelo homem e no homem [...]?” (ibidem, p. 14).

No horizonte das contingências e variações de potência na/da vida universitária, desvelam-se modos provisórios de existência em vias de se transformar. Outros contornos se perfilam à medida que novas subjetivações são exploradas, em um processo incessante de se inventariar, de traçar linhas de fuga, maneira que seja conhecida de todos “a perturbação que sofre o estudante ao chegar ao kafkiano mundo da Universidade. Sabemos quantos padecimentos ele terá para superar todos os tipos de dificuldades e inibições” (GUATTARI, 2004, p. 97).

Com a intenção de melhor entender a metamorfose estudantil, na esteira deleuze-guattariana, a personagem passou pela conjunção de desterritorializações: (1) a que a Universidade-máquina impõe ao estudante; (2) e a que o próprio discente propõe à Instituição, pelo que escapa, escorre em suas subjetivações. Em um jogo de certas premissas, como, por exemplo, as formas de avaliação, as subjetividades inerentes a cada Curso, a cada professor e seus estilos de pôr sobre a mesa as cartas do ensino e aprendizagem que podem fazer com que o aluno queira traçar suas linhas de fuga, imerso num arsenal de mudanças em seu meio. Assim, não são apenas transformações corporais que vêm ocorrendo desde a puberdade e exigem adaptação a um novo corpo. Há, também, a volubilidade dos desejos, as oscilações do humor, os arrebatamentos das expectativas e da confiança, o incremento narcísico para combater a ansiedade advinda das perdas da infância, o enfrentamento da solidão e uma ainda frágil autonomia, como falam Eizirik, Kapczinski e Bassols (2001).

A psicóloga-pesquisadora, distante da compreensão de um conjunto, como afirma Guattari (2004, p. 87), encontrou a possibilidade de articular tais fronteiras de forma mais fluida e flexível, assim como se interpelam ao subjetivo. Algumas subjetivações discentes deflagraram sofrimento psíquico em relação às vivências, tais como a separação de pais (34,5% eram filhos de pais separados) ou morte sig-

nificativa na família (19,5%), de forma a pensar sobre as experiências difíceis de elaboração na vida do estudante e sua indissolubilidade à aprendizagem. Dessa forma, encontrou forças, heterogêneas e fluxos de multiplicidade que coexistem e constituem vínculos entre invenção e devir. Vínculos estes circunscritos além de domínios psicológicos familiares ou em suas relações com memória, percepções, sentimentos ou mesmo a inteligência.

As inúmeras mudanças pelas quais o aluno passa, quer seja de cidade, de condição socioeconômica, ou, ainda, de atravessamentos emocionais, além do próprio ambiente universitário, lhe conferem constante ajustamento. Esse fato fez com que o estudante manifestasse impedimentos mais significativos em seu aproveitamento acadêmico no início do Curso (57,2% estavam entre o 1º e o 3º semestre), conforme demonstrado na tabela 2. Isto revelou a importância na fase de adaptação, seja por questões pessoais, seja por fatores acadêmicos, podendo surgir vulnerabilidade emocional pelo esforço devido a esta situação, além de poder mobilizar disposições psíquicas pré-existentes “pela sobrecarga dos alunos que conseguiram ingressar na universidade sem base” (CERCHIARI; CAETANO; FAC-CENDA, 2005, p. 418).

Porém, a interface subjetiva da aprendizagem foi encontrada ao longo do Curso, sendo a menor média (32,7% em 2013/1) com aqueles estudantes que estavam entre o quarto e o sexto semestre. Conforme Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005, p. 416), “na medida em que o acadêmico permanece na universidade há um aumento da tensão ou estresse psíquico, distúrbios psicossomáticos”, o que configuraria que diminui a saúde mental.

Tabela 2. Variáveis de moradia, de trabalho e acadêmicas.

Variáveis	N (%)	Aproveitamento acadêmico. Média em 2013/1
Moradia (n=537)*		
Casa do estudante (CEU)	16 (3,0)	40,6 (±16,7)
Família	110 (20,5)	33,5 (±25,0)
Pensionato/ colegas	39 (7,3)	35,0 (±24,5)
Sozinho(a)	359 (66,9)	34,6 (±26,3)
Outro	13 (2,4)	43,1 (±18,8)
Trabalho (n=546)*		
Não	463 (84,8)	35,4 (±21,1)
Sim	83 (15,2)	29,1 (±27,0)
Curso por área (n=555)*		
Humanas	131 (23,6)	31,0 (±27,2)
Ciências da Vida	182 (32,8)	35,7 (±24,6)
Exatas	242 (43,6)	35,4 (±23,3)
Período do Curso		
1º a 3º semestre	319 (57,2)	34,9 (±23,8)
4º a 6º semestre	174 (31,2)	32,7 (±25,6)
7º a 10º semestre	65 (11,6)	37,1 (±26,6)
Reopção de Curso		
Não	496 (88,9)	34,2 (±24,9)
Sim	62 (11,1)	36,5 (±22,7)

*variáveis com missing

FONTE: OSÓRIO, 2014.

Como demonstra a tabela 2, residir sozinho potencializa forças e refuta a ideia contemplada em estudos (NEVES; DALGALARRONDO, 2007) de que o apoio familiar seria fundamental ao bem-estar do estudante. Assim, com maior autonomia e necessidade de sentir que consegue dar conta de si, é impulsionado a realizar enfrentamentos, tecer rupturas com certas relações de dependência e desfrutar de oportunidades na vida (acadêmica). Papéis que passam a circular pela força do coletivo (GUATTARI, 2012), dariam a ver expressões que reverberam nos discentes que moram sozinhos ou

em pensionatos/com colegas (359 e 39 respectivamente)? Cerchiari, Caetano e Facenda (2005) consideram que os estudantes moradores em repúblicas apresentam maior nível de estresse psíquico enquanto que aqueles que residem em pensionatos possuem escore maior para distúrbios do sono.

Questões socioeconômicas que fazem parte deste contexto também emanam multiplicidades que estão a se modificar. Houve combinações entre trabalho-estudo, estudo-estudo, trabalho-abandono-de-estudo, estudo-abandono-de-estudo. Alguns autores revelem que se tornam “mais fluídas as fronteiras entre os tempos de lazer-trabalho e trabalho-lazer” (NAKANO et al., 2012, p. 11), um número expressivo de estudantes (463) que não possuem vínculo empregatício, ainda assim deflagraram algum ponto de fissura, não atingindo o aproveitamento esperado para a manutenção das bolsas que lhe dariam uma contrapartida pelo não-trabalho.

A *psicóloga-pesquisadora* então observou, entre os jovens, que aquele predestinismo de uma vida considerada adulta em uma sociedade modeladora – “terminar estudos, conseguir trabalho, sair da casa dos pais, constituir moradia e família, casar e ter filhos” (CARRANO, 2009, p. 4) – não vem acolhendo a velocidade das subjetivações estudantis, tampouco obedecendo a uma estruturação rija de fases do desenvolvimento. Outras composições vêm se formando para que os discentes deem conta das singularidades da sua existência, nas quais vão tecendo suas escolhas.

Nos estudos de Xavier, Nunes e Santos (2008, p. 436), a personagem observou a explicação de que “pode-se compreender alguns sentidos constituídos na esfera subjetiva a partir da aprendizagem na universidade, dentre eles, os sentidos atribuídos ao que se quer aprender, ou seja, à escolha dos cursos de graduação”. Assim como no *corpus* dos 557 alunos pesquisados, 11% já realizaram reopção de graduação, e em discentes da Casa do Estudante da mesma Instituição (NONTICURI et al., 2014), a insatisfação com a carreira escolhida prevaleceu em 25% dos casos. A personagem toma

consciência, como observou Zago (2006), que a ampliação de vagas, não apenas no ensino básico, mas, de igual forma, no superior, colocaram a ver que a necessidade do aluno de não ser excluído do processo de escolarização e dar prosseguimento aos estudos, muitas vezes, “aparece com toda força na escolha do curso” (ibidem, p. 232).

Isso poderá contribuir para a inserção dos discentes em graduações com pouca afinidade com as suas singularidades, do mesmo modo que poderá exigir um grau de saberes que, por vezes, ficarão pendentes em seu percurso. Adachi (2009) ressalta que estudantes recém chegados do interior ou, ainda, o trabalho realizado de modo concomitante aos estudos, favorecem a evasão do ensino superior. Assim, questões pessoais, além daquelas ligadas ao vínculo estabelecido com a Instituição, como condições sociais, políticas e econômicas, configuram fortes influências pela permanência, ou não, do aluno na Universidade. Nessa direção, “a ‘falta de base’ do aluno pode levar a reprovações sucessivas em determinadas disciplinas e, muitas vezes, ao abandono do curso” (ibidem, p. 31).

Vale destacar que a *psicóloga-pesquisadora* encontrou relatos, nos documentos do arquivo da PRAE, alguns em forma de carta, outros em forma de justificativa, que imprimiam uma expectativa de alunos pela troca de Cursos porque se sentiam insatisfeitos com a natureza dos conteúdos das graduações que estavam a cursar. Isso deflagraria um mal-estar, não como uma relação de causa e efeito, mas como uma linha transversal que atravessaria a vida do aluno. Linhas de desassossego, por meio das quais o aluno queira estudar, passar nas provas, ir às aulas, mas que, por vezes, o faz ser puxado para um buraco negro. Aquilo que lhe potencializa e aquilo que lhe fragiliza coabitam em seu viver.

Diante do sofrimento estudantil observado nos estudos, a *psicóloga-pesquisadora* fundamentou-se na seguinte concepção enunciada por Rolnik (2005, p. 6): “um desenvolvimento humano favorável tem a ver justamente com esta capacidade

de relacionar-se com o mundo de maneira criativa: é isto que daria sentido à existência, ancorando o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida”. Assim, os fluxos do mal-estar discente são como as formas de conteúdo e expressão que se misturam aos signos de dor, de depressões, de rotinas cansadas, de esperanças e anseios, noites mal-dormidas, palavras engasgadas. Por trás de um não aproveitamento na Universidade, é investigante a força contida em um “eu posso” de Agambem (2013, p. 240), pois, diante de uma experiência indiscernível, há chegado o momento de afirmar uma experiência da potência, não como uma individualidade, mas no coletivo que se produz em enunciados e que se constrói por agenciamento.

Os modos de subjetivação neste estudo foram vistos, então, como um processo de constituição da subjetividade, em suas possibilidades de desvio e reapropriação dos modos de ser e estar jovem-estudante-em-mutação num contexto universitário. Por entre frestas de um percurso pesquisadeiro, insurgiram as possibilidades singulares de aprender e as maneiras de existir inaugurais no muro da subjetividade estudantil. “Ora os devires são absorvidos por esse muro, ora sofrem verdadeiros fenômenos de implosão” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 59), envolvendo a sensibilidade, procurando dar conta de um movimento involutivo que possa corresponder à “dessubjetivação, que é condição para que os processos de subjetividade se mantenham em curso” (KASTRUP, 2005, p. 1276).

Logo, nas paisagens que perfilarão a trajetória da personagem e em sua imersão nos meandros das subjetivações desses jovens alunos, foi possível ver, por vezes, a angústia deles ao carregar o peso que parecem atribuir à mudança em sua existência. Eles foram encontrados como jovens em constante transformação, ocupando territórios novos em sua existência, ao se verem compelidos a buscar formas de autogerir suas vidas em meio a suas formações acadêmicas e ao corresponderem às expectativas do mundo universitário.

Às formas que esquadrinham ou modelam a existência, pode insurgir uma pequena irregularidade para um agenciamento que intente “fugir” de estratificações dos alunos em seus modos de ser e estar no mundo. Elas se referem ao controle social sobre suas sexualidades, modos de se vestir, agir, pensar; regras de permanência em programas de bolsas acadêmicas de inúmeras naturezas; padrões de vínculos com pessoas, instituições, mundo cibernético etc. Assim, intentam romper barreiras, dando novas dimensões para os rijos critérios de avaliação acadêmica, perpassando pela diversidade que o contemporâneo traz à vida estudantil, “a linha de fuga é uma desterritorialização. [...] Fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. (...) Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 47).

Isto seria mencionar a possibilidade de pensar acerca da coabitação de mundos, de muitas universidades dentro de uma Universidade, suas linhas de escape, suas resistências e revoluções, assim como suas formas de manutenção de um *status quo* em que se intente escavar brechas que sirvam de um respiradouro para a existência, para o aprender. De acordo com Kastrup (2005, p. 1279), “o novo e o antigo, o que surge e o que já estava lá, não são partes antinômicas, mas se ligam por uma linha de repetição, diferenciação e invenção”. A subjetividade não se remete à centralização no indivíduo-estudante, mas à produção que acontece em meio aos encontros que se vive com o outro, o qual pode ser o social, a natureza, as invenções, aquilo que cria efeitos nas maneiras de viver. Sendo assim, a “aprendizagem surge como processo de produção de subjetividade, como invenção de si” (ibidem, p. 1277), sobretudo em mutualidade à invenção do próprio mundo.

As teias de relações que os alunos tecem a cada instante constituem-se de certa provisoriade em que há uma construção coletiva que emite e acolhe elementos de multiplicidade. Com isso, a heterogeneidade do contexto social em que o estudante

vive, como seus diferentes tipos de moradia¹³, variados modos de composição familiar, distintas geografias, ganham singularidades nas expressões que se transversalizam pelas suas subjetivações que se circunscrevem em seu aprender em meio à vida. Permanentes abandonos e modificações dos modos de ser discente, suas misturas e desvios, dão movimento às suas experiências. Entre o tanto de territorialidade que se arrastam nos movimentos desterritorializantes, um estudante que quer mudar de Curso acadêmico, por exemplo, trocar o curso da vida, não rompe totalmente seu vínculo acadêmico, por vezes com ganho secundário de se manter bolsista, outras vezes como gesto genuíno de galgar uma mudança.

Dessa forma, a análise documental realizada não se remeteu à modelização subjetiva em meio ao baixo aproveitamento acadêmico e sim àquilo que lhe escapava, como, por exemplo, um elevado índice de infrequência no semestre de 2013/1 estudado (61%), o qual, em parte, justificado em documentos, deflagram contingências existenciais. Devires, enquanto linhas de fuga, arrastam as subjetividades para o agenciamento de fluxos heterogêneos em que outros territórios vão se formando, fazendo emergir uma diferença. Assim como de singularidades que revelaram potências de vida, quando, dos 16 alunos, partícipes deste estudo e moradores da casa do estudante apresentaram as maiores médias (40,6%) no período investigado, quando comparados aos que moravam sozinhos (34,6%) ou com família (33,5%). O que está em jogo não são, portanto, as identidades ou estratificações de papéis que codificam destinos para adaptar os alunos às finalidades universais de uma graduação, mas, sim, o respeito às singularidades (GUATTARI, 2012).

No plano coletivo de forças e signos emitidos por entre documentos e o campo empírico, a *psicóloga-pesquisadora* foi afetada pelo vínculo entre subjetividade e

13. Ver tabela 2.

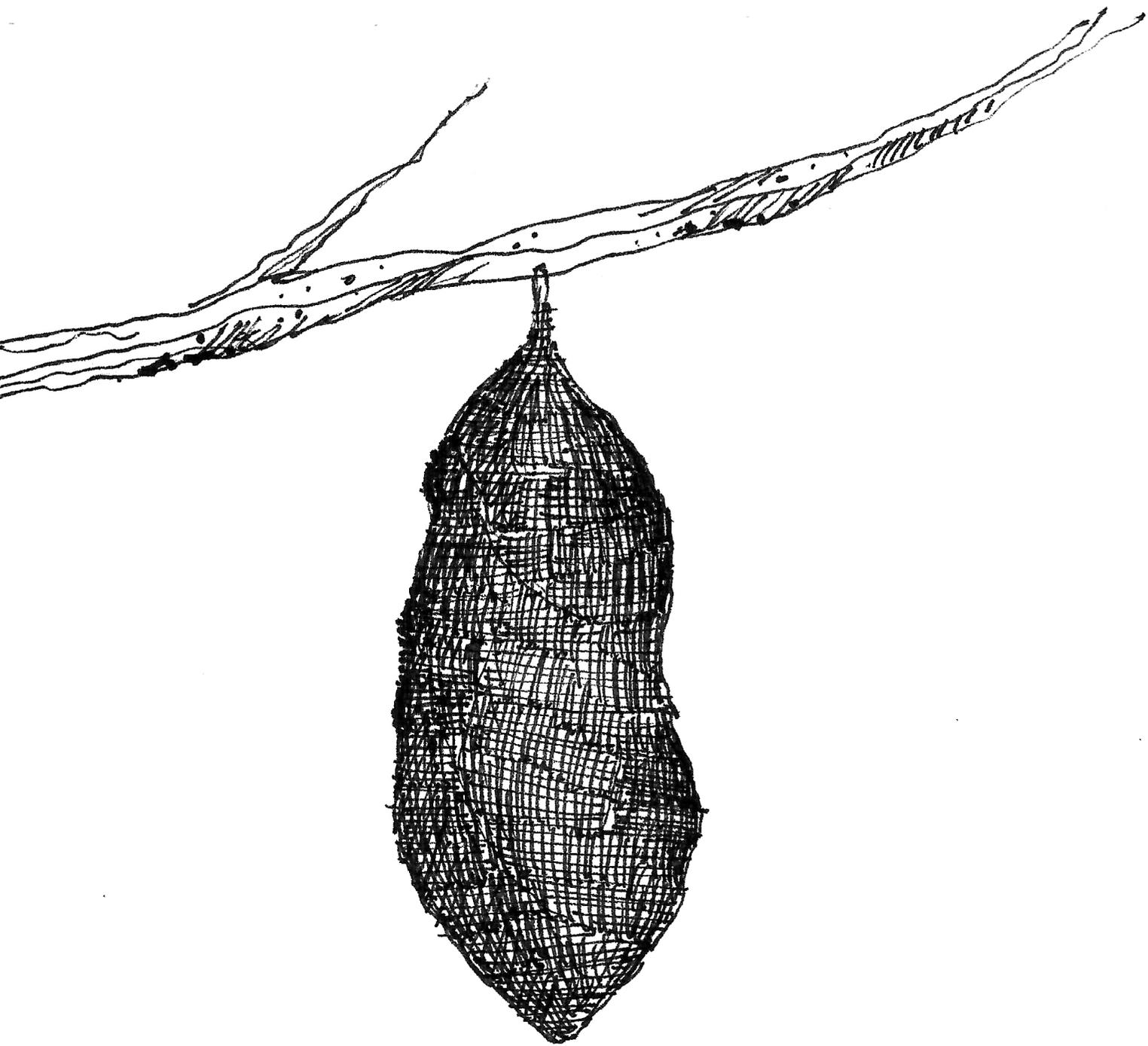
o mundo. Este, segundo Rolnik (2002), circunscreve-se além de domínios psicológicos familiares, em suas relações com memória, percepções, sentimentos ou mesmo a inteligência, mas perpassa por outra dimensão, a de um corpo vibrátil. Um corpo de documentos recheados de queixas, vitimizações, mas também atravessamentos de situações que lhe conferiram sofrimento. Um corpo estudantil que se vê impossibilitado de assistir às aulas, com bloqueios ao ato de estudar, ou, ainda, um corpo que, ao funcionar como máquina na engrenagem junto ao *socius*, à família, à educação, aos elementos fabricados por mídias e tecnologias, depara-se com uma enxurrada de incorpóreos e de territórios existenciais. Há, pois, a interação de diferentes instâncias, como se fossem máquinas de expressão extraindividual (sistemas sociais, tecnológicos, econômicos) e infrapessoal (percepção, sensibilidades, modos de memorização).

A personagem percebeu que um aluno, ao mergulhar em um montante de forças que o impulsionam a tecer pequenos desvios, vislumbra novas aprendizagens enquanto experiências que perpassam em meio a uma vida. Mudanças na Educação que transcorrem por um viés social-político, como a ampliação de Cursos sem, necessariamente, um aumento nas condições de acolher aos alunos em uma diversidade de dimensões; assim como a inserção do coletivo que integra a instituição educacional, atravessado por subjetivações de um mundo contemporâneo, quer seja em seu desenvolvimento, quer seja em suas fragilidades. Pensou em uma Universidade que pudesse acolher as metamorfoses do ser estudante.

Singularidades e subjetividades polifônicas, maquínicas e coletivas

Estudantes brancos, negros, pardos, índios, quilombolas, estrangeiros, católicos, luteranos, ateus, espíritas, umbandistas, altos, baixos, gordos, magros, homens, mulheres, hermafroditas, heterossexuais, travestis, homossexuais, transexuais, bissexuais, cabelos aos vento, sem cabelo, fios azuis, violetas, curtos, longos, raspados, all star, coturnos, chinelos, sandálias, alpargatas, sapatilhas, quietos, mudos, calados, silenciosos, barulhentos, gritões, glutões, anoréticos, revolucionários, militantes, feministas, homofóbicos, preconceituosos, esquerdistas, de direita, de coisa nenhuma, alienados, hiperconectados, robotizados, encenqueiros, insatisfeitos, acomodados, passivos, guerreiros, seguem mesmo caminho, fazem sempre diferente, seguem novos caminhos, buscam equilíbrio, extremistas, militares, punks, *skinheds*, filosóficos, cientistas, empíricos, práticos, teóricos, músicos, artistas, fumantes, ex-fumantes, bebem final de semana, bebem sempre que possível, religião não permite, maconha, doce, bala e pozinho, caretas, quadrados, conservadores, da noite, do dia, esperando o tempo passar, rezando para que não termine, nordestinos, baianos, paulistas, mineiros, paraenses, gaúchos, capixabas, cariocas, barriga-verde, cigarras, carrapatos, raposas, borboletas, anjos, demônios, com dinheiro no bolso, sem nenhum tostão, que trabalham, que fazem estágio, que estão procurando emprego, que estudam, doentes, saudáveis, com dor, psicossomáticos, saem na chuva para se molhar, têm medo de trovão, e, e, e..... potências de uma existência estudantil.

[rastros de uma escritura, ago. 2015]



III

*Movimento analítico dois:
oficinagens em escrituras*

Correio eletrônico

Estou demasiado enojado desse ambiente de estudantes. A maioria das experiências que tenho tido com eles me deixam doente e com vontade de me isolar. Me refiro aos escrotos que acabam ganhando importância e visibilidade naquele lugar chamado casa. O desrespeito foi surreal quando um deles quis mais que dois pães, berros e brigas num café da manhã. É tenso. Sou sensível e estou cansado dessa coisa toda. Reunindo forças para enfrentar mais um semestre no restaurante universitário. Adoro a comida, nunca comi tão bem em toda minha vida. Queria evitar topar com a galera esquerdista, anarquistas, pseudo intelectuais que se acham comunistas, bando de intolerantes. *Bullshit*¹⁴ e bla bla bla, *skinhead*¹⁵ ou coisa parecida punk anarquista libertário traga sua maconha, crianças morrem por causa do tráfico de drogas, outras ainda vão presas.

[e-mail de um estudante à *psicóloga-pesquisadora*, ago. 2015]

14. Besteira ou papo-furado em inglês.

15. *Skinhead* (do inglês) significa “cabeça raspada”. Engloba uma subcultura originária dos jovens da classe operária no Reino Unido no final dos anos 1960 e, mais tarde, espalhada para o resto do mundo. A moda *skinhead* apresenta um estilo particular de se vestir (que costuma incluir botas e/ou suspensórios), o culto à virilidade, ao futebol e ao hábito de beber cerveja. A cultura *skinhead* é também ligada à música, especialmente *ska*, *skinhead reggae* e *streetpunk*, mas também *punk rock* e *hardcore punk*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Skinhead>>. Acesso em: 20 out. 2015.

Trajeto e tracejos de um pesquisar

Após saltar do trampolim quantitativo de dados, foi naquele e-mail que a *psicóloga-pesquisadora* encontrou um novo impulso. Deslocamentos e ventanias de signos que lhe escancararam devires transpostos ao sabor do vento. Devir a tudo que não cabe em um modelo. Como quem caça borboletas, ela se pôs em busca de aprendizes. Devir-caçadora-de-borboletas. Elas estão sempre a escapar. Não pretendia trancá-las em um vidro, mas fazê-las parar por um instante em um pouso curto. Na então caçada por entre aprendizes que pudessem formar o grupo das oficinas, na proposta do pesquisar, encontrava, nas heterogeneidades, pistas para aquela busca.

Começar pelo meio, por aquilo que lhe potencializou em sensações, em afecções, nas paisagens que foram se formando à medida que os encontros com os signos foram acontecendo. Pensava que podia falar de uma *psicóloga* que se apercebeu como *pesquisadora* e que passou, num momento seguinte, a se ver como uma *aprendiz*. Algo se passou com ela naquela transformação. De repente, viu-se estudante, indo ao encontro de outros estudantes, amalgamando-se em seus contornos subjetivos. Uma *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*.

Não se sabia exatamente quando tudo aquilo havia começado, pois inquietações já eram arrancadas de seu peito há algum tempo. Seria quando habitou territórios por entre e com os estudantes? Quando traziam suas dores e alegrias numa sessão de terapia? Ou teria sido quando falou com os estudantes na ocupação da reitoria¹⁶, por entre greves de fome e fome de reivindicações? Formava-se

16. Em 2013, houve pelo menos duas ocupações na Reitoria da Universidade. E como psicóloga da instituição, e tendo alguns alunos como pacientes, a personagem foi solicitada. Eram reivindicações de inúmeras naturezas: casa do estudante nova; aumento do auxílio moradia; bolsa permanência; melhores

uma linha tênue de conexão entre política, ética, direitos, assistencialismos etc., nas diversas idas à casa do estudante, por encontros de acolhimentos de novos moradores – olhos arregalados e aterrorizados de um anseio por algo novo, vida nova cheia de rastros de velhos afetos e aprendizados, uma profusão de pensamentos. Quando a personagem realizava suas idas à Casa do Estudante (CEU), mergulhava em relações tecidas pelos estudantes. Ela, naquela ocasião, mediava conflitos de convivência, entre traços obsessivos de uns e depressões de outros, desânimos de arrumar o quarto ou limpar o banheiro de uso comum, o fazer do silêncio e os barulhos de festas ou aqueles que fazem parte da vida, do viver em comunidade.

Estava imersa no mundo estudantil. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* procurou, por entre pastas de documentos dos bolsistas da PRAE, a subjetividade enroscada que deslizasse incessantemente no curso da vida, nos Cursos universitários. O contato com tal acervo, por entre xerox de luz, carteiras de identidade, formulários de inscrição, comprovantes de renda, emitiu um turbilhão de signos. Signos do tempo que se perde (Deleuze, 2010b), mundanos registros para dar conta de uma necessidade, a da existência em meio à vida universitária. Eis alunos, o humano de coisas, as anotações, o tempo perdido de signos amorosos, sonhos e paixões de cartas.

Encontrou muitas diversidades de situações: pastas que estavam em ativos, mas o aluno não se encontrava mais na condição de bolsista; fichas em que o aluno constava matriculado em um Curso, mas que, ao buscá-lo no cobalto¹⁷, deparou-se com a troca de outro. Duas alunas para quem que ela ligou, haviam tido filho no

condições para o alojamento provisório (quando alunos ainda não têm a bolsa e são de outras cidades e estados, a Universidade cede um lugar para ficarem) etc.

17. Sistema informatizado utilizado pela UFPel para gerenciamento de notas dos alunos, entre outras funções. Nele a pesquisadora teve acesso aos históricos acadêmicos dos estudantes.

mesmo período investigado, 2013/1. Porém, de tudo, o abandono foi o que mais a impactou. Parecia que algumas coisas não tinham respostas; outras sim; outras, ainda, tinham suas doses de razão; muitas questões que estariam insurgindo no cenário dos desempenhos acadêmicos em consonância com a vida dos estudantes.

Foram em alguns meses de 2015 que isso se deu com a personagem. Angústia. Ela se perguntava: Será que dará tempo? Será tempo de um tempo redescoberto – lembrando de Proust em Deleuze (2010b)? Então, começou a pensar em arte, ciência e filosofia que fizessem sentido para a produção e afirmação de modos subjetivos, sempre em vias de serem diferentes de um tempo que já não existe mais. Imersa no campo empírico, em sua relação com os estudantes, percebia que eles pareciam lutar por “liberdade”; queixavam-se de “solidão”; queriam buscar dar voz aos seus “corpos”, suas sexualidades (declaradas e secretas), seus movimentos, seus “desejos”... Queriam o “amor”, caminho permanente de buscas, encontros e desencontros, com suas próprias expectativas, histórias e temores. Tinha acabado de se chocar com os temas¹⁸ que viria a explorar com os alunos.

Temáticas... da vida! Vida!
Tem vida!
em meio às vidas: aprendizagens...

[rastros de escrita, mai. 2014]

18. Em um conjunto de possibilidades, as temáticas foram escolhidas por meio da força que as mesmas emitiram à personagem, perscrutando daí uma potência de vida.

E foi nas sinuosidades, de expressão estudantil, de capturas cartográficas, do mergulho nos documentos, do contato com alunos que a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* encontrou muitas coisas.

(1) Denúncia de Cursos que ainda não cumprem expectativas dos alunos, quer por subjetividades destes, quer seja um dado de realidade – Cursos novos, com carga horária extensa; Cursos com formatos rijos de aula e de sistemas de avaliação; falta de professores; falta de diálogos. Ela lembrou da seguinte afirmação de Rodrigues:

Não há mais como suportar, nos cursos que formam docentes, ver jovens tendo seus corpos físicos confinados no espaço de uma cadeira com braço ao longo de quatro horas, tendo o olhar saturado pelos parágrafos longos com fonte diminuta projetados em *power point*, acompanhando ou não a leitura realizada pelo(a) professor(a) ministrante da disciplina (RODRIGUES, 2011, p.122).

(2) Sinais de despreparo para enfrentar nova vida, quer fosse por cidade nova, quer por fatores intrínsecos da Instituição, quer por fatores individualizantes. Ela lembrou-se de quando os alunos relataram, ao telefone ou por meio dos documentos da PRAE, que a vida na Universidade estava sendo difícil, mais do que imaginavam. Alguns alunos mencionaram que trancaram o Curso por questões financeiras, necessitando ajudar com a renda familiar. Outros, ainda, relataram que algum familiar adoeceu e que precisava de cuidados. Declararam-lhe, também, acerca da dificuldade das disciplinas e que a não aprovação trazia dúvidas sobre o Curso, sobre suas capacidades. Isso tudo a fez ratificar concepções guattarianas, em que a dependência econômica do capitalismo contemporâneo, dos dispositivos maquímicos (tais como dimensões culturais, tecnológicas e societárias) estão constantemente a produzir as subjetividades. E “se, por um motivo qualquer, essa máquina de subjetivação é ameaçada, é então toda a personalidade

que pode implodir” (GUATTARI, 2012, p. 28), em que singularidades são arrastadas para homogeneização de suas ações e afetos, e aprendizagens para um modelo representacional (DELEUZE, 2000). Contudo, há, igualmente, o embate de ritornos subjetivos em formas de resistências que intentam sobrepujar as contingências da Universidade.

(3) Desvios dos caminhos retos – é o que pensavam, inicialmente, e queriam -, de dar continuidade ao Curso que ingressaram. Desenhando, assim, uma potência que dança para além de sua volição, impregnando forças subjetivas que falam mais alto que o desejo de continuar a carreira que escolheram; continuando, dessa forma, a sua existência, algo de saúde para alimentar um aconchego urgente por algo, de errante, de nômade, de maquínico. Configuraram curvas travadas pela sobrevivência quando optaram por priorizar o trabalho que conseguiram; para cuidar de algum familiar; para planejar um retorno, só que, dessa vez, no Curso que lhe confira mais afinidade. Deflagrando evasões dos bancos acadêmicos que denunciaram vida. Segundo estudos feitos por Adachi (2009) acerca da evasão no ensino superior, existem variáveis como o mercado de trabalho, reconhecimento da profissão escolhida, a qualidade dos ensinamentos escolares, o contexto econômico e as políticas governamentais. Isso fez a personagem perceber que há uma multiplicidade de fatores que motivam os estudantes a abandonarem seus Cursos. No entanto, o que mais lhe chamou a atenção foi que “o desempenho é o melhor preditor para a permanência desde que as habilidades do estudante possibilitem as realizações exigidas naquele meio” (Ibidem, p. 17). Volta ao que a impulsionou nesse pesquisar: na medida em que houve um crescimento de Cursos e de alunos na Universidade, aumentou, da mesma maneira, o número de bolsistas da PRAE que não alcançavam os 70% considerados cruciais para a manutenção desse vínculo. E este fato relaciona-se a um contexto que extrapola critérios avaliativos.

(4) Situações que trazem sentidos diversos para a Instituição. Para alguns, estar na Universidade parecia mero fato, nada muito importante. Isto é, não demonstraram querer estar estudando. Faziam isso apenas para não estar em outro lugar (como cidade natal, ou trabalhando); não ir às aulas tanto quanto poderiam, tampouco estudar da mesma forma, apenas vivendo suas vidas. Para outros alunos, havia o insuportável, não aguentando mais aquilo que pudessem sentir como pressão no que conferisse aos estudos, algo muito diferente do como lidavam na escola, por exemplo. Em Deleuze e Guattari (2012) a personagem encontrou ressonância para esses possíveis sentidos que os jovens podem atribuir ao estado de coisas de uma Universidade, quando tratam de um modo de individuação diferente de uma pessoa ou substância, mas que evoca uma velocidade, uma relação de repouso ou movimento entre, assim, diferentes sentidos de ser e estar no contexto acadêmico.

(5) Deixaram de ser bolsistas porque mudaram sua condição socioeconômica; conseguiram estágio remunerado ou trabalho. Deixaram de ser bolsistas porque não precisaram mais do transporte, se mudaram para perto do lugar de suas aulas. Deixaram de ser bolsistas por um estado de distração que lhes roubou o atino de cumprir prazos estabelecidos para reavaliação e entrega de documentos. Deixaram de ser bolsistas por contínuos aproveitamentos abaixo dos 70% esperados – e exigidos -, sem justificativa plausível. Devires-bolsistas, possibilidades abertas às transformações que os alunos engendram em suas vidas. Eles podem “chegar a buracos, microintervalos entre as matérias, cores e sons, onde se precipitam as linhas de fuga, linhas do mundo, linhas de transparência e de secção” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 80). Singularidades que transversalizam seus mundos.

Naquele instante, carregava consigo uma certeza (dentre poucas outras): a singularidade dos alunos ao deixar para trás um Curso era incapturável naquele momento. Mesmo que ela telefonasse a cada um deles, cada qual relataria seus motivos. Havia coisas que latejavam, uma espécie de paradoxo, uma mistura de desistência com o tracejo de uma corajosa linha de fuga para dar cabo a subjetivações discentes.

Fosse para trabalhar, fosse para voltar para casa da família, fosse para dar um tempo necessário para acalmar o caos que, por vezes, estar na Universidade enunciava, ou para dar um novo rumo, estudar e fazer novamente o Enem em algum Curso no qual sentisse mais pulsante o desejo em suas veias. Logo, acionou-se na personagem, que ainda estava se transformando em *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*, um montante de estados e sensações.

Diante desse arsenal de situações, ela novamente se questionou: Como as subjetivações discentes vêm sendo produzidas em interface com o seu aprender em meio à vida universitária? Criar um ambiente fértil para que os alunos pudessem expressar suas inquietações, seus modos de ser e estar no mundo, era a sua intenção. Assim, pensou que poderia ter pistas, percorrendo os trajetos das linhas subjetivas dos alunos, por intermédio de oficinas que pudessem fazê-los encontrar materiais, signos, pessoas, textos, cheiros, sonhos e devires.

* * *

Nesse caminho percorrido, ao revisar os arquivos, a personagem, na processualidade de um olhar cartográfico, observou que atravessavam expressões e conteúdos, e não exatamente por um rígido critério de seleção de categorias, tampouco de amostragem aleatória, mas, sentiu algo que disparava e que despertava afectos. Encontrou, pois, alunos que demonstraram, mesmo que através de documentos, um fastio daquilo que encontrava-se atravessando por ali. A transversalidade como diretriz

metodológica (KASTRUP; PASSOS, 2014) desestabiliza eixos cartesianos – “eixo vertical de hierarquização da comunicação dos diferentes e o eixo horizontal que homogeneiza a comunicação na corporação dos iguais” (PASSOS; EIRADO, 2014, p. 109).

Queria compor um grupo com 12 discentes, escolhidos por meio da análise documental, o mais heterogeneamente possível (sexo, natureza do Curso, semestre, lugar de origem). Além disso, considerou, também, algum atravessamento subjetivo que tivesse sido colhido no momento do pesquisar quantitativo: perdas, separações, atestados de saúde, acordo assinado com a PRAE para manutenção das bolsas, acompanhamento psicológico. Isso tudo dentro do plano comum¹⁹, que é o de ser bolsista da instituição e não ter atingido aproveitamento acadêmico de 70% no semestre de 2013/1. Ela também precisou não considerar os alunos que naquele período estivessem do 5º semestre em diante, pois, como se passaram dois anos até o final da pesquisa, pensou ela, estariam se formando, ou já egressos da Universidade.

Se aprender passa por problematizar, ela começaria – Estava decidido! - transitando pelas inquietações estudantis. Como descobri-las? Estariam a florescer em um campo de inseguranças? Vai colmatando um olhar sobre a vida universitária. Pensou em seus devires-minoritários, feminismos, vulnerabilidades que os alunos intentam compor como uma máscara que desperte algo vívido, algo do vivido, vida, vivificando... Monstros de atos políticos. – Não faz muito que conseguem amarrar os próprios sapatos, pensou ela, e já se lançam em aventuras selvagens.

– “Viver é perigoso!”, disse-lhe Guimarães Rosa em algum lugar do Grande Sertão. Mas não viver, também o é. Perigo? De vida? De morte? Há poeira nos olhos. À mar-

19. Não se trata de comum no sentido de homogêneo e identitário, na afirmação de Kastrup e Passos (2014), “como foco de resistência em relação à captura pelas diferentes lógicas homogeneizantes e totalizantes” (p. 16). Os autores abordam que cartografar é traçar um plano comum, sendo sua diretriz metodológica a transversalidade e ao exame dos procedimentos de participação, inclusão, tradução.

gem de um mundo seguro e protegido, experimentar a invenção, de si, desgarrando-se de estruturas rígidas para dar lugar ao desejo. Partículas que levem o estudante pela travessia, transversa, travessa, de despojar-se de representações e identidades pungentes, passando pela experiência como em um simulacro, de uma vida que não é adulta, nem é infantil, tampouco adolescente. Não se trata de fases. Afirmações de seus excessos, loucura? Uma vida cheia de ideias, invenções, possibilidades, potências, velocidades, lentidões, latitudes, longitudes, linhas em devir-outro: um jovem em transformação.

Como num sonho dionisiaco, seres mutantes, os alunos desta cartografia se encontram para descobrir a cura de certa besteira na selva de pedra, criaturas estranhas e encantadoras, capazes de andarilhar por entre desvios, dispunham de seus paraísos artificiais para dar voz à voz do mundo. Eles chamaram o médico cultural para atender aquela virulenta peste que estavam a vivenciar. Choveu! E tempestades aconteceram no deserto. E demônios foram sendo expulsos. Fantasmas que assombram a liberdade: – Uhhhh! Acena numa cena a promessa de um voo-pássaro, mas que está tão distante. As lágrimas de ameaças e agressões que rondam pelos corredores da Universidade, insistem em vazar; por vezes, simplesmente se escondem. Será que se fazem vítimas?

Na continuidade da rota de fuga que escolheu para dar conta das expressões estudantis – as oficinas em esrileituras –, a personagem precisou escavar não apenas palavras que dessem sentido ao seu processo cartográfico, mas, também, os territórios por onde andam, transitam os alunos. Ao se deparar com telefones desatualizados dos estudantes, ligações para fora do Estado, recorreu aos e-mails. Mandou para um, dois, depois seis de uma vez. Ansiedade! Abriu o e-mail no dia seguinte e nada na caixa de entrada. E outro dia, e mais outro, até que, enfim, alguém respondeu, mas com muita resistência, pois ter contato com outros estudantes parecia assustador ao aluno.

Um estudante disse que não participaria. Em atendimento psicológico na PRAE, foi estimulado a superar tal dificuldade. Eis que surgiram: arrependimento, am-

bivalência, problemas de saúde (sistema circulatório). O que não circulava muito bem? Parece que era de outra ordem. Ela lhe dissera que poderia conversar em uma sala com almofadas se o problema era ficar muito tempo sentado. Resistir é criar! Ouve, então, uma voz lhe soprando ao ouvido: – “A arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha” (DELEUZE, 2013a, p. 219). Tomou o aluno como uma obra de arte em ato de criação (DELEUZE, 1999). Uma fragilidade que se escondia em um grande jovem; armaduras de aço; desenlaces parentais, arquitetando modos de se proteger; medo da repetição de uma possível agressão. Mas, se acontecesse de novo, já seria outra, outra reação... Furacão de emoções que o(a) movem. E assim, começaram a surgir os alunos, com roupagem de personagens-aprendizes-de-uma-vida.

Dos alunos que se fazem personagens

I. Capitão e o gancho perdido

Na terra do tudo ou nunca mais, este aluno por vezes se sente amputado, sem um gancho que possa lhe salvar das garras de um tal crocodilo. Mal sabe ele que o croco é desdentado. Porém, perdura a ilusão de que muitas coisas lhe são inalcançáveis. Gancho e tempo que se perdem, capturados pelos signos mundanos, lhe enchem de vazio e de revolta. Aparentemente, rapaz tranquilo, quieto, “na sua”. O aprendiz foi agredido por objeto no olho, ferida não cicatrizada. Olhos, janela da alma...

Entre luz e escuridão, diante daquele jovem esguio que parecia não caber em seu próprio corpo, forças emitidas de uma simples troca de palavras traçam um plano invisível, de afecções, da não relação com os pais, da convivência com irmãos ligados à arte. Dele – do corpo –, emergem partículas de afetos, de silêncios, de solidão povoada por medos carregados de desejos, de potência criadora. Um devir-carrapato (DELEU-

ZE; PARNET, 1997) pela escrita do e-mail que o aluno enviara (signos e guetos a serem decifrados), por um montante de coisas desconhecidas que se encontram latentes, inquietantes.

A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* queria “grudar” naquele grande-pequeno garoto, cheio de coisas a dizer, mesmo que talvez não fosse especificamente para ela, mas para aqueles que o incomodam tanto; talvez para o mundo todo. Mas será que ele mesmo estava a se escutar? Sabia o que queria dizer? Uma microrrevolução, algo que fica fermentando no pensar.

II. *Alice no país do assombro e do demasiado*

Moça bonita, cabelos mutantes, calças justas, jeans rasgados, olhos pintados, All Star e um ar de loucura/sanidade. Numa brecha de sua existência, revela que não se sente livre, principalmente por não ter controle sobre seus pensamentos; caminha no desejo de que, talvez, um dia, seja possível. Contudo, hoje consegue mandar embora pensamentos intrusos que perturbam sua paz.

Mesmo assim, sente-se presa aos pensamentos e sentimentos. Poderia estar em um campo aberto, “totalmente livre”, e não bastaria, pois se encontra no embaraçamento de suas emoções com seu mundo interior. Alice, de súbito, escorregou na toca do senhor coelho. O tempo parecia-lhe arrastado para a hora do chá. Ela percebe-se, então, entre rainhas de copas, assustadas, e um chapeleiro, nem maluco, nem são. Ele cruza a linha do meio e arrasta Alice consigo para zonas marginais, em águas de uma vida que pulsava por sentido. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* fica a pensar no relato de sua história: abandonos e retornos ao Curso acadêmico, tentativas de suicídio, inúmeras internações e tratamentos psiquiátricos, características que a colocavam muitas vezes numa zona fronteira entre um tanto de loucura e outro tanto de coisas que não se sabe se são normalidades – ou não... Não se quer enquadrar diagnós-

ticos, mas que, de um profundo sofrimento, veja-se emergir algo tão lindo transposto em palavras, algo do campo do vivido, que atravesse o espírito do campo do pesquisar. Percebe-se que fala de si, e do si que há em cada um naquele momento, sendo capaz de expressar desavergonhadamente.

III. Quixote com seu Sancho desmedido

Nas incursões aventureiras pelos territórios nômades que Quixote traça, leva consigo seu fiel amigo Sancho que lhe confere uma dose de desarraçamento. Rapaz que sofre contradições entre crenças transcendentais e teorias estudadas na Universidade – aliás, relata a personagem, isso pareceu ser recorrente entre os estudantes. Possui dificuldade em assumir sua sexualidade de maneira menos capturada pelos preconceitos e repressões. Insatisfeito com a graduação, deseja mudar. Ele não é o único no grupo, nessa jornada. Engolfado por materialidades consumistas, incorre em complicações vindas daí, como aquisição de objetos e de dívidas também. Diz-se deprimido e com sintomas de ansiedade. Cria um mundo à parte para adentrar em sua existência. Seu amigo Sancho Pança havia perdido completamente a razão para emprestá-la ao seu companheiro; havia assumido uma atitude desmedida em relação a tudo que pudesse conhecer e acabou por tomar o erro como verdade (DELEUZE, 2000). Ambos ficam procurando respostas para suas perguntas já prontas, em que “a imagem dogmática só reconheça o erro como desventura do pensamento e reduza tudo à figura do erro” (ibidem, p. 252). Sem a suposta ajuda, Quixote se vê imerso em uma subjetivação desértica. Não significa que está desabitada. Uma ilha (DELEUZE, 2006), afinal. Mesmo que não haja um ser humano, há vegetações, há todo o mar de quem insiste se separar.

Ele encontrou-se em um devir-*hacker*²⁰. Queria trocar seu Curso para algum relacionado à informática; queria decifrar o que as pessoas pensam; roubar formas de existência que lhe conferissem confiança em assumir seus posicionamentos, fossem eles sexuais, sociais ou econômicos. Um montante de possibilidades e uma força por experimentar um estado-outro que escapasse de seu conformismo. “Devir é tornar-se cada vez mais sóbrio, cada vez mais simples, tornar-se cada vez mais deserto e, assim, mais povoado” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 39).

IV. *Aladim e um tapete mágico que parou de voar*

O tapete não voa mais, mas seus pensamentos viajam por um céu de crenças. Moço satisfeito com o Curso, vive plenamente sua homossexualidade (diferente do Quixote), mas também vive a contradição: “sou gay, tenho um namorado há cinco anos e participo do grupo de jovens na igreja, que eu sei que não aceita quem é gay” (sic). Sua frase teve o efeito de um rojão entre preconceitos e por entre aqueles que vivem com o mesmo paradoxo, sendo que há uma superfície de não assumir abertamente sua sexualidade diante da família, principalmente.

Deus, linhas de transcendência vêm dar conta de necessidades, confortos diante de perdas, não estar só. Outros dois alunos também relatam como se fosse um conflito entre crer em algo e a racionalidade de teorias científicas. Muito se ouve falar que política e religião não se discutem, afinal! Heuser (2010, p. 61) afirma que “não há sociedade sem religião, sem algum tipo de mistificação, de superstições, de representações coletivas, mais ou menos irracionais e absurdas inscritas nas instituições, na linguagem, nos costumes”.

20. “Em informática, *hacker* é um indivíduo que se dedica, com intensidade incomum, a conhecer e modificar os aspectos mais internos de dispositivos, programas e redes de computadores. Graças a esses conhecimentos, um *hacker* frequentemente consegue obter soluções e efeitos extraordinários, que extrapolam os limites do funcionamento “normal” dos sistemas como previstos pelos seus criadores; incluindo, por exemplo, contornar as barreiras que supostamente deveriam impedir o controle de certos sistemas e acesso a certos dados”. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hacker>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

V. *Cigarra que não cantava*

Prefere as cordas, mas não o canto. Menino tranquilo. Será? Está bem, um pouco ansioso também, é bem verdade. Está na cidade há poucos anos para estudar música. Realmente “curte” muito tocar instrumento musical. Mas, por entre melodias e acordes, as notas do contraponto em sua vida transcorreram por uma superação de um vício. Consegue, hoje, “drogar-se, mas por abstenção” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 85).

De signos mundanos que já lhe arrastaram ao vazio, a imanência leva a seguir passos. Eles não são doze, mas conferem a processualidade da imanência: tocar, aprender, aprender a tocar, aprender a se cuidar – só por hoje! Em B de beber do Abecedário de Deleuze (1997), introduzido por um seminário²¹, que tocou notas de ressonância na *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*, agenciou-se com *uma* história da vida em meio a solidões que aprazem devires, articulando-se com a música que “é atravessada por todas as minorias” (ibidem, p. 105), inventariando uma composição de coexistências. – Cigarras dão bando, lhe disse Guimarães Rosa (1994, p. 29). Ele deve ter razão. Jovens-cigarras-ritornelos que bebem e [algumas vezes] se cuidam, vivem suas sexualidades e preservam sua saúde [ou não], faltam às aulas e continuam no caminho rumo à graduação [por vezes, abandonam]. Bandos que veem suas notas subjetivando sensações nos trilhos acadêmicos em que perpassa o aprender em meio às suas vidas.

Afirmam Deleuze e Parnet (1998, p. 17) que “os bandos vivem os piores perigos, reformar os juízes, tribunais, escolas, famílias e conjugalidades, mas o que há de bom em um bando, em princípio, é que cada um cuida de seu próprio negócio encontrando ao mesmo tempo os outros”. Não se trata de ambivalências, mas de linhas que se cruzam. Afinal, “uma vida anda sempre em vários ritmos” (ibidem, p. 147), cantando palavras que se repetem e mudam a cada vez. O nascimento de uma gagueira

21. Seminário Avançado, “O Abecedário de Gilles Deleuze: parte 1”, ministrado pela prof^a Carla Gonçalves Rodrigues em 2015/1, na Fae/UFPel.

que se faz no encontro que se passa nos *intermezzos*²². A cigarra estaria aprendendo a se virar, menos com seu canto, mais a falar com a ponta de seus dedos, dedilhando as cordas do pensamento como uma faculdade piedosa (DELEUZE, 2000). Esta se torna também régia quando anima o espírito e induz as outras faculdades ao exercício de uma violenta reconciliação do individual e do pensar.

VI. *Menino-lobo*

Perigo iminente. Atenção! A menor linha de fuga pode explodir tudo, disse Guattari (1985, p. 56). É de tribo diferente do Capitão. Facções “inimigas”. Sobrevivente da era do gelo, já passou por temperaturas cambiantes. Rapaz de um eixo nordeste-sudeste do país. Acredita que ali, no momento da oficina, os estudantes são privilegiados, pois existe tanta dor e dificuldades “lá fora”. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* se pergunta que “fora” seria esse de que fala, pois, por vezes, o fora está tão dentro. Ele continua enunciando que ficar um tanto só é bom e positivo para colocar as coisas em ordem, mas, ao mesmo tempo, pensar só, junto com alguém, potencializa a ação de fazer algo criativo.

Passou por inúmeras mudanças geográficas e na geografia da vida. Aprendeu a ser predador e a se livrar dos infortúnios que aparecem em seu caminho. Morou em orfanato, trabalhou na noite, múltiplos lugares e tarefas, vida agitada, até que, enfim, vê, hoje, na Universidade que a vida lhe confere, um pouco de sossego. Adora andar de bicicleta e apreciar a natureza, o que lhe faz lembrar do filme “Into the wild” (Na natureza selvagem²³), o qual, baseado em história real, retrata a vida de um jovem com família estruturada, com tudo direcionado para cursar direito, mas que “foge” desses laços para se aventurar na natureza, em uma vida solitária.

22. Pequenos trechos que separa as partes de uma composição musical.

23. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*, ao não encontrar na internet o filme, para ver do que se tratava o que o aluno trazia na oficina, conseguiu assisti-lo na rede Netflix.

Há um lugar a ser explorado
Há uma tal beleza na praia solitária
Existe convivência sem que haja intromissão
No mar profundo e música ao seu ruído...
(Lord Byron, do filme)

VII. Borboleta de uma asa só

Ela perdera a mãe quando tinha pouco mais de uma década de idade e já não tinha um pai presente. Sua asa é de um azul intenso e a leva por lugares inimagináveis. A falta de uma asa não lhe confere o desejo de tê-la, mas torna a outra ainda mais forte e produtiva. O desejo não é movido pela ausência (DELEUZE; PARENT, 1998) e sim pela criação de novos caminhos para seguir seus voos. Comenta que a sociedade, o sistema, tenta subjetivá-la e, na solidão, encontra um lugar para pensar melhor no que está se passando. Precisa estar só! Mas, é claro que existem alguns momentos que isso não basta, e têm vezes que se esconde da solidão na companhia de alguém. Então, estar sozinha, não necessariamente sem ninguém à volta, é um sentimento que pode acontecer mesmo rodeada de pessoas.

Ao mesmo tempo em que alça voo, gosta de pousar por entre arbustos cheios de outras borboletas. Algumas lhe são familiares, mas possuem as duas asas e, por isso, sente a necessidade de afirmar, nela própria e no que encontra pelo caminho, as diferenças. Ela acaba, então, formando uma relação com os signos que vão se impregnando em sua asa e em suas antenas. Eles lhe “dão problema” (DELEUZE, 2000, p. 276). Isso a faz aprender com as relações que vai estabelecendo com o mundo, com seus colegas de Curso, com seus familiares (mesmo àqueles que por vezes sente que não a entendem). Aos poucos, vai deixando emergir, de sua crisálida, seu potencial de

invenção. Isso acontece, mesmo que arraste, por vezes, uma forma de larva e que queira reterritorializar-se. Ao traçar suas linhas de fuga, consegue driblar o sentimento de abandono e até alguns julgamentos. É possível que seu processo de escapar das formas esquadrinhadas seja justamente o de dedicar-se de corpo, asa e alma ao Curso que faz.

VIII. Coruja dorme acordada

Ela está atenta, dia e noite. Foi mãe na adolescência e não abandonou os estudos, mas abandonou as oficinas, se despediu por e-mail, e participou apenas de uma. Sua cabeça, que parecia ser capaz de girar a 270 graus, estava sempre atenta aos ruídos que lhe conferissem ameaça. Usava suas silenciosas penas para voar por entre arbustos de saberes, dedicando-se ao estudo e ao filho. Assim, mesmo que das experimentações em escrituras não tenha vivenciado, há uma potência de vida, uma energia de continuar. *A psicóloga-pesquisadora-aprendiz* lembrou-se daquelas alunas que ligou e que não estão mais estudando depois de terem sido mães. E ela, em meio à maternidade, volta aos bancos acadêmicos para seu mestrado, descobrindo novas fontes em seus pensar.

IX. Julieta sem Romeu

Ela gosta do romance, das ilusões. Engana-se facilmente com o erro, e o toma como verdade (DELEUZE, 2000). Tenta aprender através da reprodução sempre de um Mesmo, e não alcança a necessária decepção que se imprime na cognição para uma aprendizagem. Depende de algo que lhe confira segurança: um amor, uma comida, a família. Prefere as aparências! Aliás, esconde-se nelas. O Romeu que seria sua grande paixão ainda está distante, apesar de um namorado que lhe transmita signos enganosos do amor. Sua tragédia consiste em não conseguir o que almeja: trocar de Curso.

X. *Flor de um lótus imperfeito*

Ela é leve, suave, sorridente. Porém, no grupo das oficinas não se fez muito presente. De fácil adaptação, foi de um Curso do Capão do Leão a um da região da Fae. Seu deslocamento na cidade é diário, permanente, longínquo e extenuante. Mesmo assim, torna a sorrir e movimentar-se por entre as brechas que lhe permitam aprender. Vive à superfície e floresce sobre a água. Porém seu lótus não atinge a pureza da maioria. Carrega um devir-imperfeição. Exibe o direito de estar mudando conforme as intempéries do tempo. E introduzir a duração do tempo em sua vida confere o testemunho que esta flor povoou no pensamento da *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*, uma má vontade agitada pelo lado de fora, pelos signos (DELEUZE, 2000). Trabalha, tem amigos, deixa do trabalho para estagiar, persiste em continuar mesmo com as adversidades e a saudade de sua família que mora longe.

XI. *Narciso e o espelho quebrado*

Extrovertido, simpático, prefere olhar para os outros que para si mesmo. Gosta de ajudar, como o faz com amigos e família. Já teve perdas e separações em sua vida, mas vive com esperança de conquistar seus ideais. Narciso não contempla mais o espelho, tem traçado linhas de fuga para não ser pego em reflexões, de movimentos que se voltem para si mesmo. Seu espelho, de tanto dar reflexo da imagem recognitiva do Mesmo, trincou definitivamente. Um Eu rachado que quebra paradigmas da aprendizagem, das conformidades e dos modos de acionar voluntariamente a inteligência e a memória de uma *cogitatio natura universalis* (DELEUZE, 2000). Claro que não deixa, completamente, de usar sua boa vontade, de pensar, e, tampouco, deixa de lado seu amor próprio. Mas, sem querer bancar o bom moço, ao invés de se apaixonar pela própria imagem representada numa água cristalina, investe em cuidar de um pai que não pôde ser pai em tempos passados. Não deixa de visitar sua família (incluindo seu

segundo pai) noutra cidade e, ainda, investe arduamente na troca de um Curso que envolve terra e cálculos por um que se ocupa de pessoas e saúde.

XII. D'Artagnan-menina

Uma por todas... e tudo de uma vez por todas. Calma! O tempo pode esperar?, disse a menina. Esperar não é seu forte. A velocidade com que as coisas vão lhe acontecendo, por vezes não dá tempo para que se tornem um acontecimento. Persiste no Curso, apesar de muitos semestres ter ficado com baixo aproveitamento. Ela é quieta, tímida, mas em momentos particulares consegue se soltar e sair desbravando seu espaço. Assume uma diversidade em si mesma e não se envergonha de ser uma mosqueira com cor diferente das outras três, sem armaduras ou cavalos. Vive com familiares por perto. Em sua milícia particular, um ato de coragem.

Das oficinas

Algumas entrevistas agendadas e perdas nesse percurso; mais abandonos, trancamentos ou sem mais ter condição de ser bolsista. Dois estudantes se interessaram, mas não podiam aos sábados, já que foi o dia “colhido” com menos colisões e impedimentos por parte dos integrantes do grupo. No processo de lançar sua rede na caça às borboletas-aprendizes, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* realizou no mês de agosto do ano de 2015, entrevista individual semiestruturada²⁴ como meio de seleção, com cada integrante. Momento em que tentou capturar alguma singularidade das geografias dos estudantes em face do aprender, quando os eles foram convidados

24. Em anexo 3.

a participar com o livre consentimento²⁵, dentro de espaço institucional já existente para trabalho grupal.

Ela desenvolveu, então, no período de agosto a setembro de mesmo ano, cinco oficinas de experimentações em escrituras. Cada uma teve uma temática existencial percebida como uma brecha para fazer pipocar subjetividades. Foram elas: liberdade, solidão, corpo, desejo e amor. Essas oficinas de sábados pela manhã já tinham, naquele momento, seus 12 participantes. Para além de um número que variou entre sete e nove em cada um dos cinco encontros, estavam as forças dos modos de ser estudantis que emergiriam. Por isso, não se tratou de identidades, nomes próprios, número exato de participantes, mas de uma composição, acoplando falas, modos de ser, de agir e de escrituras dos estudantes.



Figura 1. Desenho realizado por Capitão.

25. Em anexo 4.

Compor no plano coletivo de forças, alunos em suas nuances de fabulação, singularidades, individualizações, tribos, bandos; minorias que tentam um estrato; devires minoritários que enunciam sua potência de transformação em blocos afetivos; ritornelos que emitem uma diferenciação a cada retorno. Ali, pelo lado de fora, onde o mundo se largueia, o encontro com os signos de suas fomes, seus medos, suas escolhas, tanto quanto se possa agarrar um pedacinho de pensamento. Suas vontades estariam entregues a devires-outros que colocassem em combate com formas dominantes que a Universidade, ou mesmo o conjunto de relações, desenhavam em seus contornos individualizados.

Cada oficina em que a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* participou, operou com materiais de filmes, músicas e textos literários. Foram experimentações em escrituras. É por isso que neste momento da pesquisa ela sentiu a necessidade de explicar sobre a força que enseja o Projeto denominado “Escrituras: um modo de ler-escrever em meio à vida”, aprovado pelo edital nº 038/2010, vinculado ao Programa Observatório da Educação (OBEDUC) e coordenado pela professora Sandra Mara Corazza, da UFRGS, e que foi sentida pelos diversos e potentes trabalhos produzidos e desenvolvidos por grupos de pesquisa ao longo de quatro anos, de 2011 a 2014. Isso pode ser fundamentado pelas inúmeras ações/oficinas/trabalhos publicados em cadernos de notas²⁶, eventos/revistas afins com a educação, dissertações/teses, e que continua reverberando seu legado neste estudo. As oficinas em escrituras, portanto, dariam um novo movimento de se operar com as subjetividades em face às aprendizagens que fossem emergindo a partir daí.

26. Caderno de notas 1: projeto, notas & ressonâncias, (HEUSER, 2011) ; Caderno de notas 2: rastros de escrituras, (MONTEIRO, 2011); Caderno de notas 3: didaticário de criação: aula cheia, (CORAZZA); Caderno de notas 4: Pedagogia da tradução: entre bio-oficinas de filosofia (DALAROSA, 2012); Caderno de notas 5. Oficina de escrituras: arte, educação, filosofia, (RODRIGUES, 2013); Caderno de notas 6: experimentações de escrita, leitura e imagem na escola (2015) , os cadernos 7, 8, 9 estão em vias de publicação.

Os componentes das três caóides – arte, filosofia e ciência (DELEUZE; GUATTARI, 2013) – serviram de mola propulsora do pensamento, catalisando subjetivações que estivessem em posições de emergir como território da exigência estudantil. Quis menos falar da seleção de cada trecho artístico ou filosófico, mais decifrar os signos que violentassem o processo do pesquisar, dando a ver uma saliência, ensejando algum rastro de invenção. Mesmo que intentasse transcrever seu diário de campo, ainda assim haveria o incapturável a olho nu. Dessa forma, a cada oficina cita os materiais utilizados, mas não agencia todos com os elementos subjetivos capturados dos alunos, dando mais força a alguns que dessem conta de dizer o que lhe pareceu imbuído de relações no campo analítico.

Imperou, no pesquisar, o compromisso “com criação de modos de subjetivação mais permeáveis ao intempestivo da experiência e sua processualidade, em detrimento de outras formas de existir rígidas e fechadas ao devir” (KASTRUP, 2007, p. 181), guardando sempre a possibilidade de ser abalado por algum tipo de desestabilização.



agronomia

geoprocessamento

psicologia

pedagogia

música

enfermagem

engenharia da computação

ciências sociais

arquitetura

teatro

farmácia

química industrial

ANGLO

ICH - FAE

FAURB

ARTES

COTADA

CONSERVATÓRIO

MEDICINA
SOCIAL

CAPÃO DO LEÃO

1ª oficina: da liberdade de cada dia

No começo, tudo pronto para desarrumar, bagunçar a ordem das coisas. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* entregou o caderno azul, que denominou de “Inventário de um aprendiz”. Dentro dele uma carta. O caderno seria para que os alunos fizessem uso, durante a semana, de forma livre, escrevendo, desenhando tudo aquilo que lhes despertasse sentir ou pensar algo.

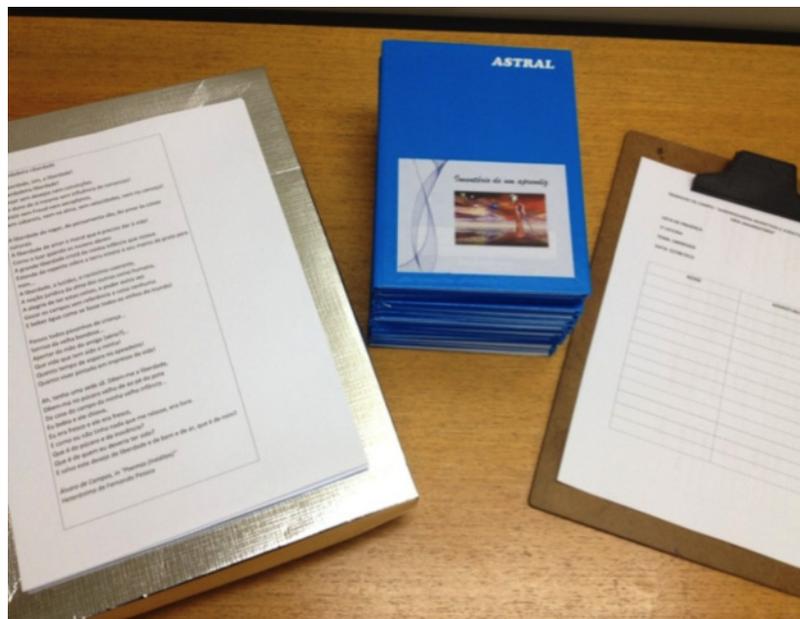


Figura 3. Foto de alguns materiais. Fonte: Osório, 2015.

A personagem concebeu que aquele momento se tornaria indefinido, pois “quando começamos, já o movimento começou há muito tempo; o conceito que construimos encontra-se no fim de um processo que vem de longe. Onde quer que nos ponhamos a começar, achamo-nos sempre no meio” (GIL, 2000, p. 15). Assim, aspectos

transversais, como movimentos estudantis que vêm atravessando a vida acadêmica remeteriam à própria liberdade de mudança. Ela queria agenciar liberdade com criar, pensar e aprender. Fazer da repetição uma seleção, algo inédito. Isso se ligaria ao desejo em seu puro devir e força propulsora à potência de vida, mobilizando, no campo grupal, a livre expressão.

Trouxe como catalisador das expressões, então, trechos do filme *A liberdade é azul*²⁷. Com isso, pretendeu indagar as ressonâncias nas subjetivações estudantis. Com a intenção de problematizar o pensamento que os alunos pudessem ter acerca da possibilidade de encontrar saídas, ou linhas de fuga, quando a vida lhes impusesse uma armadura. Ligar-se ao desejo em seu puro devir e força propulsora à potência de vida. Ela quis que não se tratasse de uma liberdade para cada estudante, mas como a liberdade atravessa suas vidas e formas de se constituir no mundo contemporâneo.

Se “a verdadeira liberdade está em um poder de decisão, de constituição dos próprios problemas” (DELEUZE, 2008, p. 9), em fazer suas escolhas, como pensar num processo de produção de subjetividades em que pesem as diversidades pelas quais vive o estudante? O que a palavra liberdade faz pensar?

Ser livre é abrir as portas fechadas de seu interior

Vai, anda, ganha o mundo

Reza, confia, vaga

Liberdade em se fazer escolhas

Aprender, amar, andar

27. Filme que vincula a história de uma mulher que perde marido e filha, à ideia de liberdade, uma sensação quase tão aspirada quanto a felicidade. Vínculos, apegos que norteiam podem ser vistos como armadilhas, desprendimentos, sensações livres em pequenos instantes. Fragmentos projetados: 2:00 – 6:20; 39:40 – 44:35; 59:30 – 01:39; 1:08:15 – 1:11:18, e últimos 5 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nyHqmq8M3jU>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

A vida é um trem bala
Do zero ao infinito encontrar o timbre
Só se queria exceções e lançar-se
Encontrar-se na solidão
Superar a canseira
Do corpo
Do espírito

[rastros de uma escritura – out. 2015]

Os alunos falaram de respeito e utopia: *na real, a liberdade não existe; se você não pensa como eles (estudantes que lhe causam opressão), então, está errado; liberdade está no próprio pensamento mesmo* (Capitão). Haveria uma epidemia para que se propagassem formas de conteúdo nas bordas institucionais em que o estudante tivesse chance de romper. Contudo, romper totalmente uma estrutura molar (testes de habilidades, regras de permanência como bolsistas da PRAE, critérios avaliativos), não daria espaço para que agenciamentos fossem capazes de dar a ver uma aprendizagem como parte dos modos subjetivos contemporâneos. É preciso pensar em deslocamentos possíveis, sem que alunos corram riscos de adentrar em linhas de morte ou em buracos negros. Deleuze (2013a, p. 219) afirma que “a utopia não é um bom conceito: há antes uma fabulação comum ao povo e à arte”.

Isso seria dizer que um povoamento juvenil encerra em si a chance de se reinventar. Haja vista que se a liberdade parece-lhes inatingível, ao mesmo tempo que desejada, há de se considerar os respiradouros para os engessamentos de molaridades. Elas coabitam através dos encontros com os signos, com a arte, com a invenção. Um aprender inventivo que fura as paredes universitárias e articula novos modos de lidar com o mundo.

Os alunos versaram, também, acerca de um devir-minoritário. Alguns deles sofreram *bulling* por estarem longe dos ditames dos modelos e padrões majoritários – ser homem, adulto, macho, cidadão (DELEUZE; PARNET, 1997). Em um dia qualquer, se tornaram alvo de chacotas e, assim, passaram a sentir-se aprisionados. Um devir é um estado de sensação que integra um afeto, estar em determinada condição sem sê-la. Ele trata de algo ínfimo e é, pois, por natureza, minoritário. Assim, “quando o problema é o de um devir-minoritário: não fingir, não fazer como ou imitar a criança, o louco, a mulher, o animal, o gago ou o estrangeiro, mas tornar-se tudo isso, para inventar novas forças ou novas armas” (DELEUZE; PARNET, 1997, p. 13).

Assim, os alunos relataram, por exemplo, que alguém é chamado *skinhead* por se vestir com algo militar; quando sente exclusão familiar por ser homossexual; quando é alvo de piadas por ser internado em hospital psiquiátrico ou por estar gordo. Paradoxos anunciados por estudantes que se dizem libertários das diferenças e sobrepõem os modos de ser que não se enquadram naquilo que acreditam, pois são denunciados como uma maioria miserável que segue o padrão e, por isso, estaria fadada à condenação. Um tipo de subjetividade dominante se referia aos processos de marginalização social, onde normas enquadram e conformam jeitos de ser, desde as roupas usadas por eles ou das que dispõem, até seus desejos e ambições, aquilo que é possível de subjetivo.

O silêncio no início e por entre brechas da oficina tinha uma voz aveludada de uma ânsia por algo. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* escutou o silêncio como um sopro de vida, algo se passando, inoculado no não dizer. A ela sussurra Suely²⁸: “no invisível, a infinitude do processo de produção de diferenças; no visível, a finitude das

28. Suely Rolnik é psicoterapeuta, crítica cultural, professora e integrante do Núcleo de Estudos da Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo além de professora convidada do Programa de Estudos Independentes do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona.

figuras nas quais os personagens se reconhecem” (ROLNIK, 1996, p.1). Um vazio silencioso tão cheio de ruídos inesperados rompe os esquadros de uma normatividade social: dos sofrimentos, dos protestos, desejos, violência dos enfrentamentos. Ele estava tomado de uma musicalidade nos contrapontos da vida estudantil. Dessa forma, o aprender esteve nos silêncios, no que gritava e no que calava, nas diferenças de velocidades. Foi como “retomar a linha interrompida, acrescentar um segmento à linha quebrada, fazer com que passe entre dois rochedos, em um estreito desfiladeiro, ou por cima do vazio, lá onde ela havia parado” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 52).

Foi então que um vídeo de música²⁹ e um poema de Fernando Pessoa³⁰, viraram os próximos transpostos catalisadores de pensamentos. Estes enclausurados nos calabouços de uma existência fadada a protocolos: *queria fazer aquela viagem, como a pessoa do vídeo, estar mar adentro e só seguir o fluxo das águas, sem ter que chegar a um lugar determinado* (Alice em devir-pássaro). A proposta foi de repetir, repetir, até ficar diferente (DELEUZE, 2000) Foram quatro leituras. A primeira silenciosa. A segunda, cada aluno lendo uma frase. A terceira, cada aluno lendo um trecho de forma aleatória, sem seguir a “ordem” cronológica. E a quarta, o proliferar de vozes, metade do grupo iniciava a ler e, no quinto verso, outra parte do grupo também começava, de modo que dois grupos liam simultaneamente em momentos diferentes do texto. Um ressoar de vozes que a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* ficou com vontade de ter gravado aquele instante, tão bonito e potente. Assim, “fazer da própria repetição algo novo; ligá-la a uma prova, a uma seleção, a uma prova seletiva; colocá-la como objeto supremo da vontade e da liberdade” (ibidem, p. 48).

29. Wanderlust da cantora Björk Guðmundsdóttir. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=owkcxlw-hvc>>. Acesso em: 02 set. 2014.

30. Poema “a verdadeira liberdade”, de Fernando Pessoa. Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/a-verdadeira-liberdade-alvaro-de-camposbrbheteronimo-de-fernando-pessoa>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

Eles ficaram impregnados por esse movimento das palavras, em ressonâncias com o viver. Escreveram um acróstico com a liberdade de escolher a palavra. Blocos de infância, vestígios de memória e nuances de religiosidade emergiram do experimento anterior e impregnaram suas escrituras. Algo de estrutural deu vazão a pequenas fulgurações da materialização em palavras. Afinal, “não é uma qualidade, mas um signo. Não é um ser sensível, mas o ser do sensível. Não é o dado, mas aquilo pelo qual o dado é dado.” (DELEUZE, 2000, p. 139).

Nas sensações que foram produzidas, na leitura e escrita que tocaram e afetaram os alunos e a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*, foi possível que uma aprendizagem insurgisse: a do mundo das coisas que os cercam. Não uma imitação, ou a apreensão de um objeto em si mesmo, mas do estado de sensação que finda ao se colocarem diante de um texto, uma pessoa, um som, e tudo aquilo que emite signos que engendram forças no pensamento. Na perspectiva deleuzeana, aprender diz respeito, essencialmente, aos signos³¹. Os sentidos que se implicam a eles envolvem um objeto de um aprendizado temporal, fruto de uma relação de forças. O autor revela que não existe aprendiz que não seja “egiptólogo”³² de alguma coisa, à espreita da decifração a ser realizada por quem aprende. Aquilo que escapa, pois, da representação dá a ver as

31. Deleuze (2010b), a partir da obra Proust, enuncia quatro tipos de signos: 1. Signo Mundano - revela-se em espaços reduzidos, vazios em significação transcendente. Antecipa e anula ação e pensamento, numa relação de detenção das suas verdades, sob o privilégio da percepção e da inteligência, anunciando o tempo que se perde; 2. Signo Amoroso - nasce e se alimenta de interpretação silenciosa. Amar é procurar explicar, decifrar e desenvolver esses mundos desconhecidos. São enganadores sendo compelidos a usar voluntariamente da memória, no tempo perdido; 3. Signos Sensíveis - nascem na memória involuntária, onde o pensamento é mobilizado a decifrar através de um esforço, na revelação do “tempo redescoberto”; 4. Signos da Arte - exprimem uma diferença absoluta, refratam uma Ideia, conduzem a algo que se amalgama ao segredo de cada um. É uma “qualidade desconhecida de um mundo único. Não é o sujeito que explica a essência, é, antes a essência que se implica, se envolve, se enrola no sujeito. Mais ainda: enrolando-se sobre si mesma ela constitui a subjetividade” (DELEUZE, 2010b, p. 41).

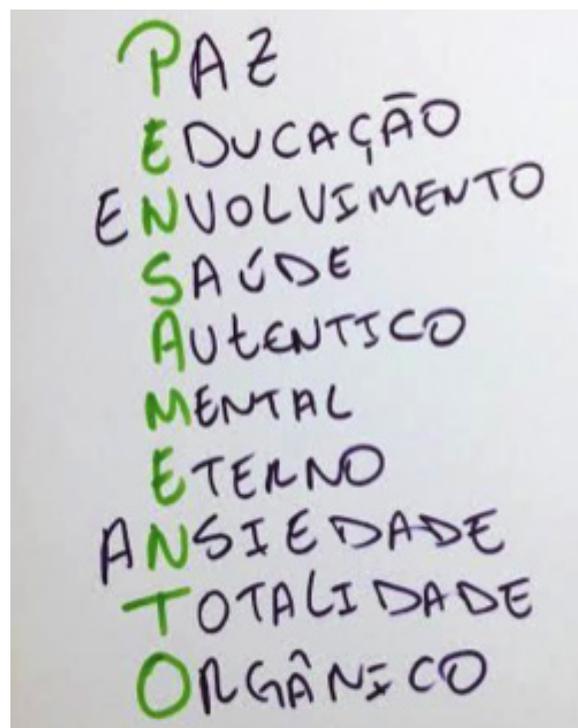
32. Especialista em estudos sobre o Antigo Egito, nomeadamente nos domínios da Arqueologia.

diferenças do ser estudante universitário que desafia o modelo e o instituído.

Nessa direção, no processo de pesquisar, importa como se processa o aprender nesse mundo contemporâneo e não aquilo que se aprende. Aprendizagem que se efetua nas subjetivações dos caminhos da vida, à medida que tempo-espaço contorna o acordar e o dormir, o estudar, as locomoções rotineiras e uma infinidade de incorporidades que se circunscrevem no habitat estudantil.

Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. [...] fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 75).

Figura 4. Foto do Acróstico de Alice.



A sonoridade dada por blocos de infância e feminilidade, num ritornelo que arranca a territorialidade de Alice: quantas mudanças já aconteceram desde criança e nesse período mesmo, breve, de universitária; e por alegria, medo, angústia, amor, motiva sua face transversal, ao sabor dos intermédios (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Uma virtualidade juvenil atravessada pelo desejo de realizar escolhas, ora com a sensação de se sentir livre, ora amedrontada com imposições, censuras, repressões, consumismos que banem de suas linhas moleculares a possibilidade de fuga, retornando a um estado molar. Ser jovem e viver paradoxos e fluxos.

É preciso decifrar signos

Os sentidos implicados nos signos emitidos pelos alunos à *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*, a colocam em devir-egiptóloga. Nessa direção, a aposta de decifrar, ou ainda, escrever as escritas deles acerca das perguntas realizadas, passa por diferir na repetição, atravessando seu corpo, seus afectos, produzir no si transformações. De um afecto metálico e de uma sensação colorante, ela extraiu blocos de sensações: angústia-desejo, alegria-potência, fome-medo, sensibilidade-escolhas. Lembrou-se de seu amigo Gilles em conjunto com outro amigo quando dizem: “os blocos precisam de bolsões de ar e de vazio, pois mesmo o vazio é uma sensação” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 195).

Um espanto: como os alunos trouxeram tantas vezes, nesse e em outros momentos, as palavras “escolhas” e “medos” e seus afins! Operar por essa via foi como tecer uma colcha de retalhos, nas brechas de seu cozer, entre um ato de coragem e um devir-revolucionário. Um estudante que enfrentou tantos descaminhos no percurso de estar continuamente se constituindo, se pondo em metamorfose. Das perguntas, colheu respostas, inventou mais questões, perguntas que foram feitas aos alunos: Em

que coisas a palavra liberdade te faz pensar?; Como ela traz sentido para ti?; Que relações fazes com os trechos do filme³³?. Assim, em forma de um ensaio, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* realizou uma escreitura:

É preciso estar morto para ser definitivamente livre!
Liberdade é poder viver, ter a própria vida.
Liberdade de poder fazer as próprias escolhas
Poder se expressar sem repressões ou censuras
Se quer poder? Como possibilidade de existência ?
Se busca poder? Singularidades postas à prova do olhar do outro?
Ser você mesmo, ser o que se é
Como assim? Se a gente muda o tempo todo?
Não ser quem se deseja ser, sem máscaras, sem medo
Expor o pensamento
Expulsar as represálias
Ah, tá. E o que vem depois?
Viver plenamente a si mesmo, destemido
Sem se preocupar com o que vão pensar
Sem medo de ser feliz
Utopia?! Chafariz que jorra o possível de escolhas e o medo de assumi-
-las para tudo que é canto
Diante de escolhas: impossibilidades
Liberdade? Inviável de ser vivida em plenitude quando existe convi-
vência em grupo.

33. Filme A liberdade é azul, mencionado na descrição da oficina.

Como assim?

Votos de julgamentos, cortejo ao consumismo, valorização das aparências

Respeitar a forma de pensar do outro, até pode ser

Mas... e se pensa de maneira oposta?

Temos a liberdade de começar de novo todos dos dias: você aposta que pode?

Mesmo diante de perdas e contingências que assolam a vida: insurge um novo gesto, um outro jeito, um ir e vir

Paradoxos, restam paradoxos estudantis!

[rastros de uma escritura – out. 2015]

Ela se pergunta sobre os signos que estariam imbrincados a partir daí. Pareciam duas faces da mesma moeda: ao mesmo tempo, querem e lutam por liberdade e afins, como felicidade e igualdade – os alunos se apavoram com tais perspectivas, seja por isto trazer dose de responsabilidade, seja pela expectativa criada em suas relações com o mundo. Em Rolnik (2011, p. 20) eles encontrariam ressonâncias: “de um lado, recusar as turbulências da vida em sua natureza imanente de impulso de criação contínua e, de outro, menosprezar a fragilidade que resulta necessariamente destas turbulências”.

Longe de lembranças, no presente vivo, os abalos que os materiais puderam construir como uma qualidade percebida, emergia uma duração. Nos rastros que o encontro oficinairo deixou, fez a personagem ter a sensação de que ainda estava naquela sala com os alunos, como quando se encontra alguém com forte perfume, que fica impregnado, mesmo após não estar mais ali. Entre ditos e não ditos dos alunos, findam reminiscências. Elas introduzem “a duração do tempo, no pensamento como tal: assim, ele estabelece uma opacidade própria ao pensamento, dando testemunho

de uma má natureza e de uma má vontade que devem ser agitadas de fora, pelos signos” (DELEUZE, 2000, p. 244).

Um pavio de pólvora acendeu seu pensar, ascendeu de suas aprendizagens até então, despertando em quem pesquisa um sabor de profusão. Ela aprendeu os paradoxos que a liberdade engloba na vida dos alunos e em sua própria, uma vez que coexistem a possibilidade de escolhas e os padrões normativos determinantes dos modos de agir. Coexistem, também, por exemplo, o livre-arbítrio e uma série de coisas que são entendidas como direito (estudo, bolsas, moradia, lazer) e, ao mesmo tempo, paradigmas institucionalizantes que subjetivam opressões e repressões.

Sobretudo, aprende que esses tensionamentos, de lados que coabitam mundos, provocam graus de resistências, produzem efeitos singularizantes, em que cada ser, cada coletividade, e um montante de forças resultam daí. E para que haja uma máquina revolucionária (DELEUZE, 2013a) e para que o desejo não passe por aprisionamento, os estudantes e a personagem têm a possibilidade de devires, de vazar as estruturas e traçar minimamente uma linha de escape que o(s) coloque(m) em outros estados de existência. Modos de ser que aprendem com as experiências dos encontros da vida.

Insurgiram profusões de olhares baixos, meios-sorrisos, histórias, geografias, vidas, fundo do poço, uma quase morte, angústia, dor, superação, (des)continuidades nos trajetos pelas vias universitárias. Como o Aladim, que se diz maduro (afinal, há cinco anos, quando seu pai faleceu, é o homem da casa) e que foi corajoso ao falar de sua homossexualidade e religiosidade. Ele parecia não necessitar de um tapete voador para alçar novos modos que colocasse em diferentes alturas o seu pensamento. Porque as coisas não podem coexistir? Precisa uma acontecer em detrimento da outra? Sua voz pode ter ressoado no pensamento do rapaz (Quixote) que não aceita sua própria sexualidade, vivendo dicotomias, ambiguidades, à deriva de um mar de dogmas sociais e religiosos.

Isso tudo a fez pensar o quanto a liberdade não é exatamente definível, pois liberdade passa, atravessa lampejos de segundos na existência. Conforme Deleuze (1997, p. 39), “agir pela liberdade e tornar-se revolucionário é operar na área da jurisprudência³⁴”. Ele afirma que não há Direitos Humanos, mas, sim, direitos da vida e a possibilidade de criação que ela despoja. Pequenas cintilâncias de modos de ser que, como fractais, compele fluxos outros que desviam da retilínea trajetória até então seguida, um tanto de sopro vital, um tanto de solidão, carregando e arrastando afetos potentes.

2ª oficina: dos confins da Solidão

Quando se trabalha, a solidão é, inevitavelmente absoluta. [...] Só que é uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, fantasias ou projetos, mas de encontros. [...] É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 6).

Assim a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* se viu no meio de tantos rostos, semblantes que traziam algo de muitos outros, falas e devires, nos interstícios das relações estudantis, no hiato supremo de suas solidões e na solidão de uma escrita errante. Viajante de autores, desprendida de tantos outros, ganhou companhia, pois estar só se transforma em outra coisa. “Solidão, o silêncio das estrelas, a ilusão, eu pensei que

34. Jurisprudência pode ser uma lei baseada em casos ou em decisões legais que se desenvolveram e que acompanham estatutos na aplicação de leis em situações de fato. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/jurisprudencia/>>. Acesso em: dez. 2015.

tinha o mundo em minhas mãos” (Lenine)³⁵. A música sugerida pela Cigarra, escutada ao final da oficina, ficara ressoando, latejando em sua mente, num processo de não se desprender daquele momento. Começar de trás para frente. Perverter as formas. Um povoamento que deu encontro às sensações do pesquisar.

De trechos do filme *Solidões*³⁶, de Oswaldo Montenegro:

ilha não é só um pedaço de terra cercado de água por todos os lados; ilha é qualquer coisa que se desprende de qualquer coisa; (...); tudo que em nós ainda não morreu, cercado por tudo que já mataram, é uma ilha

Um território de afectos começa a emergir à medida que se coloca a questão acerca da imagem que cada um carrega sobre solidão. Como essa palavra passa pela vida dos alunos? A primeira aluna a se manifestar foi Alice. Ela revela que o filme a fez pensar várias coisas, inclusive que *o próprio pensar é solitário*; é no pensamento que se encontra e se perde, e é na solidão que se consegue ter atos e ideias criativas. Então gosta da solidão, e nela consegue fazer melhor suas escolhas. Mas como mora com outras pessoas em um pensionato, deixa sempre aberta a porta do quarto, e, por vezes, é interrompida em seus processo solitário de pensar.

Na verdade, poucas vezes Alice está completamente só, ou poderia dizer que nunca está só, já que se encontra com seus próprios pensamentos. A solidão lhe é necessária, mas não deseja ficar sozinha. Pensa que é algo muito individual, que todos precisam e passam por suas solidões, solitariamente. Uma solidão acompanhada de pensamentos ali, latejantes, dilacerantes, pensa a aluna. Solidão coletiva, então? Quem sabe? Como afirma Deleuze e Parnet (1998, p. 10), “nós somos desertos, mas povoados

35. Música O silêncio das estrelas, de Lenine. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-CR8aGGtT6fA>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

36. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HfPraFv12H4>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

de tribos, de faunas e floras. Passamos nosso tempo a arrumar essas tribos, a dispô-las de outro modo, a eliminar algumas delas, a fazer prosperar outras”. Isso seria o mesmo que habitar um deserto cheio de multidões.

Os alunos dizem que solidão é algo pessoal, que depende do modo como cada um foi constituindo suas relações e, assim, sua própria existência, a partir de relações com a família, amigos, sociedade, escola. Alice dá um exemplo, mencionando o filme alemão *O enigma de Kaspar Houser*³⁷, o qual conta algo que lembra a história do mito da caverna³⁸. Este trata da aprendizagem sobre quem diz como pode ser algo na realidade da vida, em contraponto ao que passa pelas relações que estabelece durante a própria vida.

As imagens que surgem por uma composição de luz e sombra na caverna, parecem a verdade. Mas o que há na realidade, até que alguém consiga sair desse mundo e passar a olhar de outra forma? *Tentam nos fazer acreditar que existem verdades absolutas que precisam ser seguidas, porém sou oblíqua como o voo dos pássaros* (Borboleta). Num ressoar de vozes, Coruja diz que prefere não ouvir ninguém; às vezes as pessoas querem aconselhar e nem sempre é o melhor caminho a escolher. Prefere, então, ficar só, com suas ideias, e pensar naquilo que lhe cabe.

Mergulhar no mar solitário que habita o coletivo, se transformou em algo inusitado. Parecia que todos concordavam que a solidão não é algo ruim, rompendo

37. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=geug75xNoAo>>. Acesso em: 18 out. 2015.

38. O mito da caverna, parte constituinte do livro VI de “A República”, onde Platão discute sobre a teoria do conhecimento, linguagem e educação na formação do Estado ideal. A narrativa expressa, dramaticamente, a imagem de prisioneiros que, desde o nascimento, são acorrentados no interior de uma caverna de modo que olhem somente para uma parede iluminada por uma fogueira. Com o tempo, os homens dão nomes às sombras que se formam. Se fossem arrastados para fora da caverna, a luz do sol ofuscaria suas visões imediatamente e só depois de muito habituariam-se à nova realidade, poderiam voltar a enxergar as maravilhas dos seres fora da caverna. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/filosofia/mito-caverna-platao.htm>>. Acesso em: 10 out. 2015.

com aquela imagem pragmática de um pensar a solidão como alguém sozinho e triste. Subjetivando no processo de aprender, os estudantes trouxeram uma alegria para a solidão e a viram como algo necessário para encontrar-se. E isso se tornou uma aprendizagem para a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*.

Coagida a pensar aquilo que só pode ser pensado no estranhamento, a personagem aprendeu com os alunos a libertar a vida dos calabouços da solidão. Um “eu” que se rachava ao tornar-se perplexo. Isso tudo a força a retomar o problema de pesquisa, pois, para ela, pareceu surpreendente um aluno que, ao subjetivar-se na solidão, tem um encontro fundamental com seu próprio pensar. Ele aprende na solidão. Contudo, não necessariamente o tempo todo, tampouco sobre o jugo do demasiado, pois assim estaria à beira do precipício. Por meio do videopoema Instantes de Becket³⁹, mundos são acionados “onde o ser só dura um instante e onde cada instante transborda para o vazio o esquecimento de ter existido”⁴⁰.

Aladim prossegue trazendo a questão do livre arbítrio. Parecia clichê, quase uma fala pronta, uma reconhecimento. No entanto, revelou um estranhamento quanto à liberdade de se relacionar com outras pessoas em interação. Isto porque ele resiste a fazer o que os outros esperavam dele. Uma espécie de solidão acompanhada por Deus e no caminho de suas escolhas, poder conviver com as diferenças, em que cada um interpreta de seu jeito: *vagar só e sentir-se livre, seguindo o fluxo da vida*.

Em um lugar seguro em que choveu solidão, o fluxo do rio de repente muda de direção. Do que se precisava, querer não precisar de nada ou muito pouco, sociedade, saciedade? Uma ética comum (KASTRUP, PASSOS, 2014) se anunciava. Não como algo identitário ou pautado nas relações de semelhança, mas mergulhado na experiência

39. Publicado em set. de 2012, com a interpretação de Vitor Filipe. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2yTectO8xrI>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

40. Trecho extraído do videopoema referenciado na nota 39.

de menos desvelar algo pré-existente, como criação de outro modo de ver a solidão, de solitarializar-se.

Blocos de sensações levaram a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* à potência de partilhar a solidão como um bem comum. Do alto de uma montanha, caminhos e relevos que se elevam, dando a ver coisas novas. Entretanto, há o paradoxo do couro maleável para se gravar algo, que depois endurece e mantém o seu formato. Linhas moleculares que se chocam, perpassam e transversalizam as molares.

Gravar em relevo, a trajetória, o âmago do espírito humano, pede novas experiências. A subjetividade torna-se, afirmam Rodrigues et al. 2013, p.34), assim, “flexível, por isso menos fixa, criando dispositivos conectivos-disjuntivos que mantenham ou ampliem a energia vital do corpo: um movimento rizomático em que novos agenciamentos de intensificação de forças são construídos”.

De repente, ela percebeu um plano de consistência sendo desenhado por um coletivo de forças, um tanto de político na emergência de uma solidão estudantil. Rachar a estrutura. Qual? A dos formatos de como devem ser as relações de convivência, a das esculpidas em testes de capacidades de armazenamento informativo, a dos juízos de valor sobre os estilos, charmes, loucuras e normalidades de alguém ou de uma coletividade. Um problema nasce daí: como dar vazão à existência juvenil-estudantil, em seus devires-outros, frente às enxurradas globalizantes que intentam adormecer as resistências? Resistir inventando modos de enfrentar as modelizações que endurecem, permeabilizando o tecido social.

Uma Clarice, espaço **LISo**, não mais es**PECTadOR** de mundos distantes, mas uma zona de vizinhança (DELEUZE ; GUATTARI, 2012), em devir. Espalham-se trechos do livro *As palavras de Lispector* (2013). Escolha de frases para recortar e escrever a solidão empoemada. Uma sala cheia (CORAZZA, 2012) de ideias, de subjetivações e de possibilidades.

Figura 5. Foto: sala das Oficinas da PRAE/UFPEL.
Fonte: Osório, 2015.



Ela queria recriar, a partir das escrituras dos estudantes, um pouco de inacabamento. Intentou o que as mesmas reverberam no pensamento errante. Foi então que, no (in)vento de um bando cantante, ela soprou aquilo que tornou-se escapa(-mento). Agarrou o movimento, na forma de palavrear tormento⁴¹.

41. A psicóloga-pesquisadora-aprendiz fez uma escreitura de cinco produções textuais dos alunos.

Estou com a cabeça adormecida
Que tanto se movimenta o pensamento?
De repente, suspiros longos e profundos
Oh, vida real! Civilizá-la.
Será que a polícia me pega?
Porque tenho hábitos que matam o cotidiano?
Só quero exceções e lançar-me na vida
Embora suas paredes me lenhem
Vivo uma longa saudade
Do zero ao infinito vou encontrar meu timbre
Obedecer a um sopro vital
Caminhando sem parar [por enquanto]
Vou me encontrando na solidão
Medo de não obedecer
Perceber que nos modificamos constantemente
O tesouro que há
Faz da solidão uma companhia

[rastros de uma escritura, nov. 2015]

Se aprender passa pelo encontro com aquilo que põe problema (DELEUZE, 2000), transtornando o movimento de decifrar o mundo, transforma aquele que aprende. Assim, por meio das escrituras dos alunos, a *psicóloga-psiquisadora-aprendiz* se viu capturada. Lembrou-se das palavras de Corazza (2013, p. 198): “o ato de pensar engendra no pensamento e, ainda, por onde o pensador se engendra na vida”. Dessa forma, as Oficinas de Transcrição (OsT) em escrituras estariam a avaliar “a menor ou

maior forças vitais dos participantes (onde quer que estejam represadas)” (CORAZZA, 2011b, p. 58) e a fundamentarem-se em expressões da existência.

Nessa direção, transcriar remete-se a uma força criadora e aberta, capaz de reconstituir o original, interceptando formas sedentárias do pensar, por entre brechas em que vazasse de estruturas engessadas: um movimento disparador da criação textual, em suas singularidades e diferentes usos da linguagem. A personagem aprendeu sobre a potência de um ato de criação textual em que haja a “desestratificação das camadas sedimentadas de saber, poder e subjetividade” (CORAZZA, 2011b, p.58).

A criação, portanto, envolve tradução, a qual toma uma “dimensão afetiva, intensiva, intuída e não-verbal do texto. A boa tradução envolve três estágios: ouvir e ler o original, em seguida desverbalizar as unidades de sentido e, por fim, expressar essas unidades num novo discurso” (KASTRUP, PASSOS, 2014, p. 35). De um fastio tradutório, as oficinas em escrituras, por meio de temáticas, transcorreram como um dispositivo capaz de bifurcar as palavras em um devir; não foi o mesmo que imitar (DELEUZE; GUATTARI, 2012), mas ensajou a possibilidade aberta à recriação na produção da diferença (CORAZZA, 2011b).

Nos movimentos de escrituras feitos pela *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* em um devir-militante-de-escrita, percebe-se que há uma crise ou ruptura com algo que é da ordem das normatizações e de como a solidão dialoga com a liberdade. Estar livre para estar só. Estar livre e só. Sozinho se segue livre. Que a solidão (do pensamento), povoada de deserto de tribos e multidões, liberte o pensar que se faz aprisionado nas relações do cotidiano que o enrijecem.

Assim, ela viu em quais condições de uma sociedade de controle (DELEUZE, 2013a) podem se aninhar dentre as condições que subjetivam o estudante em territórios existenciais que se constituem mais por suas linhas de fuga que por suas condições, escapando por tudo que é canto. E o que confere uma minoria sobrepuja as

classes ditas dominantes, exímias máquinas de guerra, pois desliza sobre um processo, um devir, sem padrões a serem seguidos. E, como dizem Deleuze e Parnet (1998, p 52): “mas é justamente isso que só se pode aprender na linha de fuga, ao mesmo tempo em que é traçada: os perigos que se corre, a paciência e as precauções que é preciso ter”.

Contudo, “quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência” (DELEUZE, 2013b, p. 218). O que acontece? Passando largo ou estreito ao modelo, sem depender dele, ela exibe sua potência de criação. Seria como “atar, coser, conectar outras formas de ver e dizer, concedentes de sentido ao vivido, fornecendo consistência às sensações acolhidas pelo corpo que se faz morada da diferença (RODRIGUES, et al., 2013, p. 34). A personagem deu-se conta que aprendem se transformando e se transformam aprendendo. Começam pelo meio, por vezes traçam linhas escapatórias, mas noutros momentos assolam linhas duras e inflexíveis de um *socius* que os capturam na forma do tempo.

Tempo perdido e tempo que se perde (DELEUZE, 2010b) no modo de se fazer as coisas. Eles ficam a procurar seu timbre, do zero ao infinito, com medo de obedecer, com medo de não obedecer àquilo que julgam que pode lhes aprisionar ou impor condutas. Menos que repostas a uma problematização acerca da temática, o que insurge se parece mais como um pedacinho de territorialidade que viesse a ser arrastada em algum possível deslocamento.

Rastros de imagens dogmáticas, romantismos e representações de um mundo fizeram um chãozinho para que, a partir de então, o pensar pudesse ganhar asas e voar para longe de terras recognitivas. Campos férteis em que “traduzir, decifrar, desenvolver são a forma da criação pura. Nem existem significações explícitas nem ideias claras, só existem sentidos implicados nos signos; [...] no estado obscuro daquilo que força a pensar” (DELEUZE, 2010b, p. 91).

3ª Oficina: Corpo que dança (nos) pensamentos

A alma *e* o corpo! Ninguém jamais teve um sentimento tão original da conjunção “e”. Cada indivíduo, alma *e* corpo, possui uma infinidade de partes que lhe pertencem sob certa relação mais ou menos composta (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 73). Fluxos de informação e de pessoas que circulam por toda parte, anunciando uma virtualidade molecular que se dissemina e alastra como potência de vida, fazendo da “própria desterritorialização um território subjetivo” (PELBART, 2011, p. 20). Jovens que afectam e são afectados por meio de experimentações em meio à vida.

Os alunos, ao chegarem à oficina, depararam-se com um cartaz na entrada: “Como está teu corpo hoje?”. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* esperava que escrevessem a respeito. Parecia simples pensar sobre o assunto. Porém, o silêncio, o pensar, a escrita, em um delongamento do tempo, de um tempo presente, denunciaram que havia algo ali, algo que talvez não aparecesse nos materiais produzidos. O diálogo entre corpo e mente. Mente que se abala e põe abaulada a tal carcaça. Pele, órgãos, vazios, alma; uma pitada de afectos e perceptos, pronto: um perfeito corpo cansado! *Cada contexto determina de forma diferente a relação com o corpo* (Borbleta); *Se fico nervosa meu corpo responde com dor de cabeça e até náuseas* (Julieta).

Corpo movido por sentimentos, pensamentos e emoções, em que cada cenário coloca o aluno compelido em um determinado papel: ser mulher, ser homem, Universidade, relações afetivas, vínculos com a natureza, Deus e ceticismos, normas de convivência com um social-político-econômico, tecnologias, fragilidades por uma questão física entendida como importante (deformação torácica desde pequeno, dores no corpo, peso corporal). Ufa! A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* não teve dúvidas que restava um profundo cansaço.

Entre afetos circulando e no intermédio de partículas do desejo, os alunos poderiam estar em vias de passar por outras intensidades. São devires:

ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria) (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 73-74).

A personagem pensou, então, que as aprendizagens dos alunos seriam tão potentes quanto seus devires. O que passam? Como aprendem? Do que seus corpos são capazes? Bruscos e sutis movimentos que sobrepujam ao pensamento e desnudam outras formas de subjetivação. Animalidade, infância, feminilidade, algo de intenso, molecular, sempre em vias de se efetuar e atravessar, por entre veias da Universidade e pelas relações molares.

Condições dão a ver territórios existenciais que se lançam em desmotivações: o faltar às aulas, depressões e ansiedades que constituem um estudante que perde peso, que ganha peso, que entra em vulnerabilidades sociais ao mesmo tempo que rompe com os ditames capitalísticos, os põem em riscos de variadas naturezas (por vezes deixam de tirar um xerox, mas podem não deixar de comprar o cigarro ou um copo de cerveja; cuidados de saúde). Corpos exauridos; corpos que “podem ser físicos, biológicos, psíquicos, sociais, verbais, são sempre corpos ou *corpus*” (DELEUZE; PARNET, 1998, p 66).

Leram-se, na oficina, trechos do escrito de Deleuze (2010a) sobre Beckett, o Esgotado, que define desde o cansado, que esgota exhaustivamente o possível, como as palavras, até o esgotado. Nas palavras do autor:

O esgotado é muito mais que o cansado. 'Não é um simples cansaço, não estou simplesmente cansado, apesar da subida'. O cansado não dispõe mais de qualquer possibilidade (subjéitiva) – não pode, portanto, realizar a mínima possibilidade (objéitiva) (...). O cansado apenas esgotou a realização, enquanto que o esgotado esgota todo o possível (DELEUZE, 2010a, p. 67).

Esse material foi pensado por entender o esgaçamento que sofre, muitas vezes, as rotinas dos estudantes e da própria *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*. Ora, ora, ora. Uma rotina em ritornelo, do campo do possível, do devir. Um modo de querer atíçar as subjétiuações que ali pudessem aparecer. Dos tecidos desfiados do cotidiano estudantil, ora buraco negro, ora uma “pose” ou um estado de coisas, ora algo que escapava da pose e se punha para fora de tal buraco (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Ritornelos de agenciamentos territoriais, dos espaços construídos pelos alunos são cavados por suas relações, por vezes, fugidias, dando passagem para novas formas de se fazer humano. Movimentos que inquietam corpo e pensamento, na forma de uma arte dançarina, expressos no vídeo Pororoca⁴² de Lia Rodrigues⁴³.

Os próprios históricos dos alunos demonstram suas danças e canseiras: quando se matriculam em duas ou três disciplinas para não se sobrecarregar. No entanto, mesmo não possuindo vínculo laboral ainda assim conseguem a façanha de ficarem infrequentes. Claro que há escapes! Pois, para a PRAE, uma disciplina infrequente conta como não aproveitamento, mas, perder as bolsas também não se quer. Para o currículo, uma disciplina infrequente não baixa sua média geral. Isto não aconteceria, apesar das dificuldades, se enfrentasse aquela matéria e não atingisse a média de 70%, uma vez que assim diminuiria sua “nota”?

42. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dpA11XRkh5k>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

43. Diretora e Coreógrafa de Lia Rodrigues Companhia de Danças, no Rio de Janeiro.

Há simplesmente o cansaço:

Acordar cedo de novo na semana para compromissos. Aula durante a noite, chego em casa 23:00, durmo as 2:00. Hoje aula de novo. Prática. Cansada. Liberdade = dormir quando se tem que acordar. É uma escolha com consequências. Risco de ficar infrequente (Alice, Inventário de um aprendiz).

Como em Quad⁴⁴, de Samuel Beckett, e o conto de Franz Kafka – O médico rural⁴⁵, projetados naquela oficina. Velocidades e lentidões que se colocaram a esgotar espaços, ritmos de um corpo que se pôs a pesquisar. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* catou palavras fujonas; elas retiniram como címbalo⁴⁶, enquanto outras palavras trilharam a repetir, a cada encontro, e atravessaram sua corporeidade: medos, preocupações, possibilidades de escolhas, ansiedades diante da cotidianidade do contemporâneo cheio de lutas por minorias, assunção de sexualidade, balanços entre satisfação e insatisfação com os Cursos de graduação. Palavras que se rodopiaram e extraíram a fortaleza que havia em suas fragilidades. Que “receituário”⁴⁷ escreveriam do que seus corpos precisavam?

44. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LPJBIvv13Bc>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

45. Vídeo de 20 min que mostra imagens desenhadas em movimento e que transcorre sobre a desnaturalização de relações padronizadas, em que pese a conexão com um corpo adoentado. O enredo conta a história de um médico infeliz que luta para visitar um garoto doente em uma noite fria. Uma série de eventos surreais ocorrem após a viagem, incluindo uma misteriosa aparição em uma cabana. O objetivo do uso do vídeo foi o de fazer emergir das relações que os estudantes fazem com o cuidado de si e em relação aos possíveis modos de sofrimento dos seus corpos. A ferida é o que aquele menino possuía na vida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AhXktAWNGyE>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

46. Do Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004), címbalo designa um antigo instrumento, constituído por dois meios globos de metal que se percutiam um contra o outro; pratos. Nos tempos bíblicos, um instrumento de percussão similar aos címbalos modernos, usado para acompanhar a harpa, a trombeta e outros instrumentos. A figura de retórica, de “um címbalo que retine”, é usada pelo apóstolo Paulo para ilustrar a superficialidade de se falar em línguas, se faltar a motivação do amor. Disponível em: <<http://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1200001098>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

47. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* pediu que os alunos fizessem um receituário sobre o que seus corpos estariam precisando.

Não é um simples cansaço, apesar dos íngremes da vida
Preciso descansar um pouco mais
Abstrair o excesso de preocupações
Que tanto as coisas ficam martelando na minha cabeça
Corpo? Precisa de cuidados, água, alimento, prazeres
Sede, de invenção
Fome, de ter um lugar no mundo
Prazer, secretas descobertas
De coragem também se vive, força de vontade que não se cansa de se
esvaziar
Cansaço de juntar os pedaços de mim, de um mundo de temores e von-
tades que ficaram espalhados no chão das ondas, é difícil de agarrar
Então juro por Deus que continuarei tentando
Deixar a neurose de lado e ordenar de outro modo as coisas
Um velho jovem corpo que se veste uma vez que outra de escuridão-
um nada absolutamente cheio de caos; noutra instante de nebulosidade
desenhando névoas de territórios estáveis; outra vez de momentos de
mudanças, linhas da vida

[rastros de uma escritura, nov. de 2015]

Ao acompanhar os movimentos que iam ganhando a fala e a escrita dos alunos, fazia-se necessário capturar que as mesmas não estavam estanques, embora se sentindo cansados e preocupados. A personagem enxergava, com seu próprio corpo, um grito pela paz, pelo cessar de tantos devaneios, pelo enfrentamento da vida. Qual seria o limite dos desvios traçados para que linhas de fuga não se transformassem em linhas de morte? Era preciso colocar as vísceras em algo. Deixar cor-

rer o desejo de que a captura do liame de subjetivações que trafegam nas fronteiras daquilo que o violento, o faça pensar: um quinhão de signos.

Esse encontro foi provocado, então, pelo fora que emerge e passa a mover-se desde dentro, ganhando outros fluxos que impulsionam uma nova composição da existência. O não aproveitamento ganharia outro contorno, o de uma subjetividade revolucionária? Diante dos olhos dos alunos: um pedaço de realidade ao alcance da mão, como diria Guattari (1985). Não se curvam diante de um espaço costumeiro. Saem do deserto que habita cada forma de aprender sobre a vida, em meio à vida, na vida e na Universidade. Entram em territórios e desterritorializações para conseguirem entrar, também, em uma maneira que inaugura pensares, agires, sentires.

Um pequeno instante de silêncio, quase como um respiro, interrompido pelo que parecia ser a porta-voz do grupo, alguém que falava do que sentia e pensava de forma destemida, como se mostrasse aos outros, tímidos, quietos, o que é possível; ou emprestar sua voz, sua expressividade admirável. Falou que a questão do corpo é muito importante para si, pela necessidade de fazer uso do corpo para pôr em cena suas ações. Precisava preparar o corpo para ter um melhor desempenho nos movimentos realizados no palco (da vida). Quando não consegue ter um preparo, sente dor no corpo, sente falta de exercitar o próprio corpo.

Paradoxo. Manter o corpo cuidado pelas atividades cotidianas e por si, não para agradar os olhos dos outros. Mas como? Difícil movimento de fugir do controle externo, equilibrar singularidades e contornos de um contexto do social, do convívio. Forças de uma coletividade que permitia se posicionar e assumir ativamente suas escolhas. E de outro turno, também, poder produzir subjetivações que alienam o corpo, comprazendo-se passivo.

Isso foi percebido pela *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* quando Alice, tendo escorregado na toca do coelho e se deparado com um país assombrado e um tanto demasiado, convidou a Borboleta de uma asa só a entrar com ela nesse mundo. Alice, perdida nas sensações inomináveis daquele lugar, passou a comer todos aqueles sabores doces e amargos que as figuras estranhas lhe ofereciam. Assim, esteve pesando 23 quilos a mais e sofreu muito por isso, com os comentários alheios e com as críticas. E depois que conseguiu emagrecer 18 quilos e se sentir melhor consigo mesma, mais flexível para as coisas de que precisava, disse ainda sofrer com o olhar do outro, como quando cortou o cabelão de Alice, que tinha, e as pessoas chegavam e diziam: *Ah! Eu achava tu mais bonita de cabelo comprido. Mas eu dizia: Gente, é só um cabelo! Eu sou a mesma pessoa!* Complementa: *assim como com os meninos que moram no mesmo pensionato e aconselham: Ah! Não vai ir com essa roupa. Ah! Essa faixa no cabelo não está legal. Vamos na academia, né?*

Demonstrou pensar que a questão do corpo está relacionada à questão da sexualidade, à questão de ser mulher, mesmo. Falou do controle sobre o uso de decotes ou roupas curtas, se é verão. As pessoas têm de se cobrir todas! Existe um ar de repressão e de cobrança. Foi aí que Borboleta pousou na conversa. Mencionou que chama muito a atenção dela essa questão da mulher, das normatizações e do controle sobre os corpos e os modos de se vestir e de se portar, como se as pessoas não pudessem ter liberdade ou serem diferentes.

Borboleta disse ser considerada a defensora dos diferentes. Se há alguém com um cabelo esquisito e os amigos criticam: *mas olha só! O que é isso? Por que fazer isso?, por exemplo, eu digo: Mas deixa a pessoa ser aquilo que ela tem vontade. Vai saber o que ela quer demonstrar ou expressar com isso; A gente vive uma época em que as minorias estão se expressando muito como se sentem.* Continuou: *minha família é religiosa e não entende a homofobia, ou acha que a violência está distante;*

tipo, contei que alguém foi agredido por ser gay e eles não acreditaram. Seria óbvio pensar que o motivo da agressão foi a sexualidade, mas será que não poderia ser por outra razão? (Borboleta). A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* ouviu dos alunos, ainda, que algumas pessoas heterossexuais também são agredidas.

A questão corpo faz pensar o próprio pensamento

Quando se pensa algumas coisas

Abalo emocional

Corpo que sente

Corpo que fica doente

Pensamentos corrosivos

Formas de violência

[rastros de uma escritura, dez. 2015]

Nos instantes seguintes, a personagem ouviu os alunos falarem sobre singularidades, na forma como cada um passa por situações relacionadas ao corpo. A sexualidade e a liberdade sobre o corpo tecem uma manta sobre o desejo. *Claro que têm aqueles que radicalizam!* (Alice e Borboleta). *Grupos fascistas*⁴⁸, que desvelam suas autoridades políticas, fazem-se presentes nas paisagens avistadas por alguns

48. O termo fascista é hoje pejorativo; um adjetivo frequentemente utilizado para se descrever qualquer posição política da qual o orador não goste. No entanto, o termo fascista refere-se àquele que é partidário ou simpatizante do fascismo que, por sua vez, é o sistema de governo que carteliza o setor privado, planeja centralizadamente a economia, subsidiando grandes empresários com boas conexões políticas, exalta o poder estatal como sendo a fonte de toda a ordem, nega direitos e liberdades fundamentais aos indivíduos e torna o poder executivo o senhor irrestrito da sociedade. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1343>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

alunos. Tom de crítica na sonoridade dos acontecimentos. Notas de um lá ou de um dó que deflagraram uma agressividade contra aqueles que se dizem minorias, e em ré maior *manipulam ou querem impor sua verdade ou diferença aos outros* (Capitão sem seu gancho).

Tribos que lutam por uma causa e acabam anunciando aquilo que são contra, como o feminismo. Os alunos comentaram que é legítima a luta das mulheres, mas confessaram que há exageros, como não poder ter a liberdade de se vestir de alguma forma porque a mulher é considerada “oferecida”. Alguns também relataram que o fato de ser homem não daria a ele a *propriedade* para falar em nome das mulheres. Como exemplo disso, Alice mencionou uma situação presente em sua sala de aula. Nela, há uma menina negra que sofreu preconceito por conta de sua raça, em tempos escolares. E completa, dizendo: *posso entender, mas nunca vou saber como realmente se sentiu*. Alguns alunos falaram de uma essência da humanidade e novamente insurgiram controvérsias no campo oficineiro.

Alice contradizia-se ao afirmar que não havia algo comum que falasse do egoísmo das pessoas, pois cada um passa pelas situações da vida de forma singular. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* se pôs a pensar, então, nas palavras de Deleuze e Parnet (1998, p. 74): “os corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação”. Se não se trata de questões de gênero, pensa que abriga devires em sua mais profunda ânsia de se encontrar por entre tralhas do caminho. Há o gosto de mandar embora boa parte de si; das cinzas fazer-se pássaro, cigarra, aranha, alçando experimentações de um outro que lhe faça sentido, que lhe sirva de esconderijo. Apanhador de outros mundos. Aluno em devir-inventor.

Nos depoimentos de uma vida estudantil: contradições
Contra (a)ções de um mundo real: dores, vazios, potências
Conta dicções de uma gagueira sem fim: de estar sempre aprendendo
Da língua que se está a expressar o subjetivo
Que (es)corre nas veias
Que vive na ponta da língua
De uma corporeidade
Corpo sem idade
Velhitude de uma territorialidade: pronta para ser deixada
Juventude que se desenvolve
Nos seios fartos
De uma infância do mundo

[rastros de uma escritura, set. 2015]

Se o peso do mundo é escuro, a sombra, então, o ilumina. Para além do que se consegue ver com o sentido da visão, há um mundo marginal de coloração intensa. A psicóloga-pesquisadora-aprendiz pediu para que todos os alunos, alguns de olhos vendados, imaginassem o que o som da Ópera de Luciano Beiro, *Visage*⁴⁹, que rompia estruturas harmônicas e promovia irregularidades e caos, os suscitava.

Mesmo não podendo ver, os alunos “enxergaram” angústias, estilhaços de vidros, alguém passando dificuldades, turbulências. A música agenciou-se com trechos do documentário de Jardim e Carvalho⁵⁰, “Janela da alma” para que servisse de dispa-

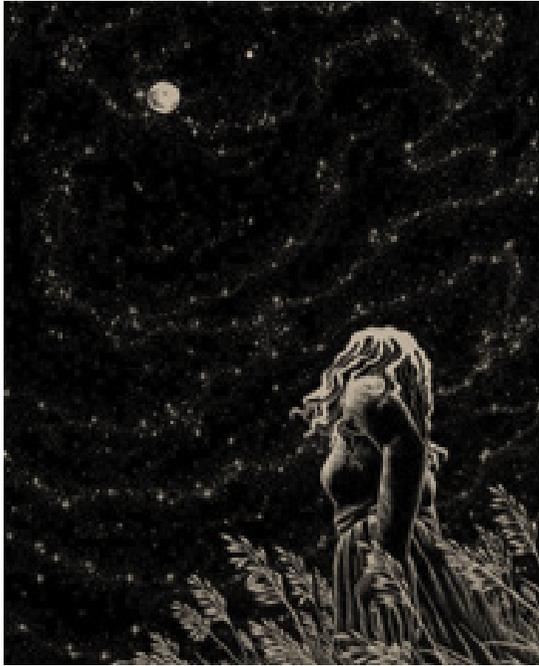
49. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8mxGHXCMPcM>>. Acesso em: 23 set. 2014.

50. Documentário premiado pela Mostra BR de Cinema de São Paulo, apresenta depoimentos de pessoas cegas e ideias sobre o tema de José Saramago, Hermeto Pascoal, Oliver Sacks e Win Wenders. Os trechos

rador de sentidos na realização de uma tarefa: tirar uma foto com olhos da alma ou por meio da internet, de algo que lhe tocasse, que lhe afetasse e que pudesse traduzir a imagem em palavras. A personagem não quis dizer que as imagens pudessem ser traduzidas, mas, sim, que pudessem falar, em voz alta, aquilo que havia passado por suas sensações ao escolherem determinada imagem. “A imagem não pode ser separada das palavras em sua referência porque ela mesma se constitui como narrativa” (KIRST, 2003, p. 44).

A personagem foi tocada pela afirmação de Kirst (2003, p. 46): “o construto de imagens se desterritorializa no ato de obter imagens, tentando capturar uma mensagem com signos potenciais, para que seu objeto possa se reterritorializar através da produção de sentido, inventada pelos olhos”.

vistos foram: 3-8:50; 9':40-10:28; 14-16:30; 17:45-18:30; 23:00-25:00; 26-29:30; 30:45-32; 42-44:30; -46:26; 51:30-52:30; 1h e 56min; 01:01:45. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci_gwg>. Acesso em: 12 jun. 2014.



Toda cristal [...]. Pensar é solitário [...]. Orgânico (Alice)

Ela é minoria [...] É diferente [...]. A natureza sempre tem seu encanto [...]. Por que olhar para as pessoas deveria ser diferente? (Borboleta)



Prefiro a sinceridade das crianças (Capitão)

Isso me deixou bem triste, e eu ficava pensando como poderia ajudar, e via que eu não podia fazer praticamente nada (Cigarra)



Figura 6. Foto da janela da alma 1. Fonte: Alice.
Figura 7. Foto da janela da alma 2. Fonte: Borboleta.
Figura 8. Foto da janela da alma 3. Fonte: Capitão.
Figura 9. Foto da janela da alma 4. Fonte: Cigarra.

4ª oficina: Desejo

Sob a temática do desejo enseja um processo de construção coletiva, haja vista que, na perspectiva de Deleuze (1997, p.18), “não há desejo que não corra para um agenciamento”, pois “desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto (...); é como uma diferença. (ibidem, p. 19). Que diferenças subjetivas mostram as suas caras quando matérias da arte, da filosofia e da ciência são acionadas para operar no plano coletivo de forças que podem ser engendradas numa oficina sobre o desejo?

A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* tratou do desejar em seu sentido maquínico (dos agenciamentos se fabricando e o dos afetos que pedem passagem) e não em seu sentido exclusivamente mecânico, de uma existência feita de territórios psicossociais padronizados. Distanciou-se da concepção de que algo é faltoso e que lhe confere força reativa de conservação. Em Rolnik (2011, p. 109), ela encontrou sentido para tudo isso: “se alguém está carente de algo, não é de pessoa, mas de potência produtiva do desejo para investir em novas direções”.

A paisagem que se anunciava na quarta oficina passava por mutações. Enquanto na oficina anterior havia um menino e quatro meninas, nessa o reverso. Afinal, como a personagem já havia anunciado, não se formou um grupo e uma determinada coesão. Parece que se avistou uma dada coletividade em que emergiam, no plano de sua imanência, as suas expressões. Nestas, foram operados afectos⁵¹ e perceptos⁵², e uma multidão de signos produziu uma mudança no saber-fazer.

51. Afectos na concepção de Deleuze e Guattari (2013) “são devires não humanos no homem”, não configurando “a passagem de um estado vivido a um outro” (2013, p. 204); eles transbordam em quem passa por eles.

52. Perceptos não são percepções, são passagens não humanas da natureza e implicam-se nos afectos, num conjunto, independente de quem os sentem; não há perceptos sem afectos (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

Um novo jeito de compor o conjunto de coisas em um grupo de alunos: entradas e saídas traçaram um fluxo que é do campo do vivido, acolhimento de subjetivações que denunciaram, por um lado, o viço de lutar por ideais e, por outro, um universo cheio de inseguranças. Um jovem que se vê, muitas vezes, perdido: *eu quero me formar ou os outros querem que eu me forme?; será que eu vou conseguir me graduar?; qual minha vontade de ser um grande profissional?; tenho estudado o suficiente para isso? quais as minhas limitações?; será que vou conseguir trocar de curso, para aquele que quero? Mesmo que ele seja extremamente complexo e me exigirá um tempo que não tenho?*

O que essas perguntas⁵³, feitas pelos alunos, deram a pensar na psicóloga-pesquisadora-aprendiz? Tantas coisas que, na tentativa de retomar a temática da pesquisa – a aprendizagem inventiva –, assombrou-se com as dúvidas que estariam a subjetivar os alunos. Eles ocupam seus pensamentos e esta “ocupação e este emprego nada tem a ver com pensar” (DELEUZE, 2000, p. 239). Na perspectiva deleuzeana, não é a dúvida que faz sair da reconhecimento, pois as coisas duvidosas, assim como as certas, “pressupõem a boa vontade do pensador e a boa natureza do pensamento” (ibidem).

O aprender, tomado sob esse viés filosófico, requer algo a mais que reconhecer e encontrar respostas para suas perguntas. Ele passa por desconfiar das soluções, por inventar novas questões. Assim, as percepções provocam impressões, as quais produzem ideias em um ato de criação (DELEUZE, 1999), implicado na necessidade de existência, conceitos singulares que alimentam os processos inventivos, mesmo que se tome emprestado, em parte, de algo já existente.

53. Ao reproduzir o vídeo de Márcia Tiburi e Mario Cortella, Filosofia e Felicidade, ao final da oficina, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* pediu aos alunos que formulassem uma pergunta que envolvesse o contexto da Universidade. O filme fala sobre as pessoas que deixam de perguntar e vivem buscando respostas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W_1EtLeJh0>. Acesso em: 11 ago. 2014.

Será que eu vou conseguir me graduar? Formas de conteúdo e formas de expressão agenciam o campo das territorializações e desterritorializações. Para além das instâncias interpretativas de baixa autoestima e fragilidades na rede de apoio, há um aluno que vive microrrevoluções invisíveis e que, por uma talhada de tempo, deixam-no à deriva, em um grande naufrágio pelo mundo acadêmico. Basta ver que o índice de infrequência dos alunos deste estudo, em 2013/1, foi de 61%. Da infrequência para a desistência, haveria um passo, para alguns, um abismo para outros. Além disso, há, também, de se considerar que 11% dos 557 alunos estudados, já haviam realizado alguma reopção de Curso na Universidade.

No estudo feito por Nonticuri et al. (2014), é possível ver que 25% dos moradores da Casa do Estudante estariam insatisfeitos com a carreira escolhida. E, ainda, dos 12 alunos do grupo das oficinas, três estavam pleiteando trocar de Curso, representando, igualmente, 25%. Nessa direção, Adachi (2009) destaca a importância da integração acadêmica, a qual pode ser estabelecida por meio de “compromissos pessoais, sociais e acadêmicos, como elementos instauradores de forte vínculo com a instituição” (*ibidem*, p. 16). Assim, poder-se-ia evitar uma decepção com a futura carreira ou Universidade que resultasse em evasão.

Será que eu vou conseguir me graduar? A cada vez que repete para si mesma esta questão, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* percebe um novo sentido. Pensou nas ligações que realizara, nos e-mails que enviara para fazer a seleção do grupo. Dos aproximadamente 80 alunos que foi selecionando e fazendo contato, 28 lhe relataram abandono e/ou trancamento do Curso. Trabalho, mudança de cidade, maternidade, insatisfação com o Curso escolhido, condições financeiras, fatores pessoais, foram alguns motivos expressos. Foi preciso que ela decifrasse signos. Kastrup e Passos (2014, p. 34) dizem que “traduzir é realizar a passagem de uma língua à outra, sem que haja uma língua por trás, que pudesse funcionar como um ponto de vista externo, garantido ou afastado”. Foi, enfim, uma experimentação de um alargamento das subjetividades daí implicadas.

O punhado de escolhas das quais falavam e desejavam tanto poder realizar, cruzava-se ao laço de comprometimento que as mesmas ensejavam. Um estudante que quer tomar decisões e ser respeitado, mas que, por vezes, vê-se num curto-circuito desterritorialização-reterritorialização, sendo compelido a dançar suas volições conforme a música de um social, de um capital, de um cultural que o cerca. Outras vezes, traçava verdadeiras linhas de fuga e conseguia escapar por entre brechas da existência e se agradar dos desvios que a vida lhe reservava dos encontros fortuitos. Linhas de escape que, por vezes, buscam a subversão de um cotidiano cheio de regras, de modo a ganhar um pouco de ar naquilo que viesse sufocar a vida estudantil, como no trecho do filme *Medianeiras*⁵⁴ reproduzido na oficina.

Havia aquilo que lhe faltava e se remetia a um desejo ligado às necessidades. Aliás, eram muitas. Mas a necessidade que lhe transbordava como um dragão que lança um fogo de imaginações, de possibilidades infinitas, é a da existência. Não se tratava de um “penso, logo existo” cartesiano, mas de um existir que conferia sentir, agir, afetar e ser afetado, pensar e se transformar. A transformação acontece em uma adaptação ativa que assume novos modos de ser e estar no mundo, em um contexto de poder desejar porque se pode criar! Mas emergem deste contexto também barreiras a serem transpostas, como revela a pergunta do aluno: *Por que a universidade não considera ou, muitas vezes, descarta o pensamento individual e criativo dos alunos?* (Menino-lobo).

Uma manhã de sábado fria, de um inverno que parecia ter dado adeus, foi avistada. O estremecer dos corpos. Corpos de alunos que se achegavam pouco a pouco e se acomodavam a seu jeito, a seu tempo. Com a música *Metade*⁵⁵, de Oswaldo Monte-

54. Filme argentino, cujo trecho reproduzido foi 1:05:50 – 1:11:56. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8ja-vEbiY1c>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

55. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RLSP_GvaErM>. Acesso em: 12 abr. 2014.

negro, “que a força do medo que tenho não me impeça de ver o que anseio; que a morte de tudo que acredito não me tape os ouvidos e a boca”; não se deseja sobre o desejada específico ou falas prontas, intenta-se apenas o mirar sobre o que acontece, manifestação de forças, em um dado momento imanente. *Gostei da parte que diz porque metade de mim é o que penso e a outra metade é vulcão* (Alice).

A aluna sentia daquela maneira, algo que pulsava, que gritava, dava voz ao seu corpo, calças com rasgos, respiradouro para pernas cansadas, cabelo que ganhava uma nova forma, emergia sua necessidade de existência. Falava de não conseguir mais dormir depois das 4h ou 6h da manhã e que isso se relacionava ao desejo de não mais pensar no que necessitava de alimento, sexo ou produção de algo. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* percebeu que há misturas nesse processo, necessidades e produção pareceram caminhar lado a lado.

Um rastro de silêncio levou ao próximo material: trecho de 4min do filme *Matrix*⁵⁶; o qual fala do encontro com o oráculo e que o personagem poderá escolher entre viver na realidade ou descobrir a verdade sobre *Matrix*; ao adentrar no país das maravilhas, a possibilidade de optar por um desvio. Em seguida, o vídeo *Caminhando*⁵⁷, de Lygia Clark, e a experimentação da fita de *Moebius*⁵⁸, em que cada aluno confeccionou a sua.

56. Fragmento do filme: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=thHeDB_tZKg>. Acesso em: 16 set. 2014.

57. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UMz4pY26b9I>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

58. Uma fita de *Moebius*, também chamada de faixa de *Möbius*, é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma faixa, após efetuar meia volta numa delas. Deve o seu nome a August Ferdinand *Möbius*, matemático que a estudou em 1858. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_de_M%C3%B6bius>. Acesso em: 13 dez. 2015.

Caminhando (Diário de Lygia Clark, 1963)

Inicialmente caminhando é apenas uma potencialidade.
Vocês e ele formarão uma realidade única, total, existencial.
Nenhuma separação entre sujeito-objeto.
É um corpo, uma fusão.
As diversas respostas surgirão de uma escolha. Essa noção de escolha é decisiva e nela reside o único sentido da experiência.
Se eu utilizo uma fita de Moebius para essa experiência é porque ela quebra os nossos hábitos espaciais: direita-esquerda, anverso-reverso, etc.
Ela nos faz viver a experiência de um tempo sem limite e de um espaço contínuo.
A obra é seu ato.
À medida em que se corta a fita, ela se afina e se desdobra em entrelaçamentos.
No fim, o caminho é tão estreito que não pode mais ser aberto. É o fim do atalho.
Outra vez, contemplando a fumaça de meu cigarro, senti como o próprio fizesse incessantemente seu próprio caminho, se aniquilando e se refazendo, em um ritmo contínuo.

Ao fazer experimento, Alice salta da toca: *mas a gente não pode voltar atrás?*. Nesse instante, estaria o menino-lobo (de uma tribo que Capitão não gosta de conviver) andando por entre ruas que traçassem, entre a CEU e a PRAE, um pedaço de território travando laços e descompassos entre grupos, pessoas que se unem por afinidades ou ideologias; divergem, disputam; quantos mundos cabem nesse mundo de estudantes? “Que a arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela não saiba”⁵⁹. Aladim comentou que queria algo para melhor memorizar, enquanto outros querem mais é

59. Da música *Metade*, de Oswaldo Montenegro.

esquecer, começar de novo a cada dia; *Quando penso em desejo, não planejo muito, penso no momento que estou vivendo agora* (Alice).

Esta aluna revelou não conseguir se pensar controlando o seu agir, seu pensar e, por isso, melhor viver o hoje. Capitão pensa em desejo como *estar vivo mesmo*, fala do desânimo que, por vezes, dele se apegava e desejar é sua outra face. Alice traz a liberdade novamente, pois, se cortou o cabelo de forma não convencional, por exemplo, é porque gosta, porque sente vontade e parece que as pessoas tentam controlar suas condutas, por achar que não o fariam se fosse com elas ou que o fariam de outra forma. Ela gostaria de se sentir livre e sem julgamento. Quixote se posiciona concordando e que tem que reprimir certos desejos para ser aquilo que é mais aceito pelos outros.

*Entre matilhas e marujos*⁶⁰

As matilhas passam por intensidades e multiplicidades. Se “é sempre através de uma intensidade que o pensamento advém” (DELEUZE, 2000, p. 248), no agenciamento coletivo que se forma em uma territorialidade em vias de se deslocar, irrompem forças estranhas que movem o pensar. Assim, o menino-lobo, que já morou em favela, que cresceu em orfanato e que iria até o Alaska em alguma aventura, aciona as faculdades involuntariamente [memória e inteligência] e se põe em posição de aprender com essas experiências reais e imaginárias. É claro que também existe um modelo, o

60. Essa parte do texto configura uma intersubjetividade ocorrida no grupo das oficinas. A personagem destaca sua importância por se tratar de um acontecimento de relações de forças que não dizem respeito somente a esse dado momento, mas se expande em meio à vida dos estudantes. Assim, no meio de estranhamentos e violências que são possíveis de ocorrerem no ambiente acadêmico e no cotidiano estudantil, há um reverberar de componentes heterogêneos que constituem suas subjetividades (GUATTARI, 2012).

da reconhecimento. Não no sentido de segui-lo. É uma mesa, é um vaso, boa noite *Teeteto*⁶¹. Objetos que podem ser vistos, lembrados, tocados, concebidos com o mero exercício concordante das tais faculdades (DELEUZE, 2000).

Mesmo que atos recognitivos ocupem parte de seu cotidiano, os marujos estão subjogados ao seu Capitão. Fadados a pensar no próprio pensamento, não se contentam com padrões e formas idênticas. Buscam a novidade. Em atos repetitivos de descobrir um paraíso escondido em alguma ilha desértica, se colocam a variar suas estratégias e a vasculhar, em um oceano de possibilidades, a oportunidade do encontro. Encontro com aquilo que toque, que afecte e que transpasse algum sinal de diferença. Assim, “encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 15).

E foi chegado o momento do encontro insólito de dois alunos: o lobo é da terra, do ártico; o Capitão comanda seu navio mar adentro em busca de tesouros. No espaço oficinaireiro de se fazer nascer o desejo e a invenção, Capitão roubou o firmamento de um território e arquitetou uma Torre de Babel. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*, em meio à con(fusão) que ganha em sua atenção flutuante de aspirante-a-cartógrafa, aberta e concentrada, sentiu a virtualidade das forças emanadas de afectos entre rivais, que não são só daqueles personagens (alunos), mas fazem deles proliferar a voz das singularidades.

Encontrou diversidade na abertura, transposições e passagens que davam a ver uma diferença (CORAZZA, 2013), tramado ao ético e político de uma prática na Educação e na Clínica. Não se tratava de ensinar como deveriam proceder, tampouco

61. Deleuze em *Diferença e Repetição* faz referência ao *Teeteto* da obra de Platão, enunciando o pensamento preso ao modelo da reconhecimento, que o torna inativo. “O pensamento é aí preenchido apenas por uma imagem de si mesmo, imagem em que ele se reconhece tanto melhor quanto ele reconhece as coisas” (DELEUZE, 2000, p. 239).

interpretar tal inimizade, mas fazer dela algo que pulsasse o pensamento pesquisador. *Se esse cara aparecer eu caio fora*, disse o Capitão. O Menino-lobo, se perdeu no caminho, chegou atrasado. Enquanto um entra, o que ali estava, sutilmente, com a leveza de uma pluma, parecendo até câmera lenta, se retira da sala nesse momento para não mais voltar a esta oficina. Um disse *odiar* o outro, pois não gosta de *gente do mal*. Mas esse mesmo Menino-lobo já apresentou momentos de agressão para com outras pessoas. Diz que já brigou muito.

Caberia pensar, então, que a questão não é ver quem estaria certo ou errado, mas como cada um afirma sua singularidade que, por vezes, expressam acusação e vitimização. Uma guerra velada, luta de forças invisíveis, não sabia se opostas, mas vibrantes cada qual com suas multiplicidades; por entre ausências, confortos familiares que não existiram, revoltas e *bullshit* (besteiras, papos furados).

O espaço de cada um foi respeitado. Um diz que o outro já agrediu uma menina, e este, por sua vez, já brigou muito “em menor” e, para se defender, mencionou que praticava ato violento, e que hoje não gosta de *gente do mal*. Um dia eles já foram vizinhos. Hoje não se olham. Como não se pode saltar para o futuro, tenta entender tal mosaico de relações.

Essa inimizade povoou uma violência na *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*, como se seu pensamento estivesse numa espécie de entorpecimento natural, considerando que os estudantes pudessem estar todos no mesmo barco rumo à graduação. Essa coação sofrida mostrou a necessidade de um arrombamento fortuito no mundo das relações, nos espaços construídos no espectro da Universidade. Espaços que possam traduzir diferenças nos modos de ser discente no contemporâneo, em expressões, transposições que possam ser criativas. Movimentos estudantis, de suas aprendizagens em meio à vida cotidiana. Elementos heterogêneos que dançam em novas instâncias habitáveis. Lugares que possam ser transcriados.

* * *

Continuando a rota cartográfica das oficinas, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* almejou que não pesasse aos jovens alunos ser e estar no mundo de metamorfoses, as que lhe caibam, sem tampouco entocar-se em um covil. O peso da dor de não fazer o Curso que se quer; três alunos relatam seu desejo de estar noutra lugar; deslocamentos possíveis, mas que, em alguns instantes, distantes.

Na leitura de trechos de *O covil*, de Kafka (2001), pareciam atentos, acompanhando a leitura coletiva; exceto Capitão, apenas escutando a ressonância de vozes, talvez estivesse pensando no tesouro perdido e em seus marujos. Falam de um mundo protegido que o personagem constrói para si, sem que ninguém penetre em seu espaço. O texto lhes remeteu à solidão, alguém que quer ficar só e, assim, sente-se bem.

A escritura proposta foi de um conto, onde houvesse um personagem que quisesse escapar de algo, como, com quem. As escrituras desdobradas em problematizações, artes, fantasias, poderão transbordar o imaginário da linguagem, desocupando territórios que evoquem identidades para que desejos sejam liberados nos movimentos entre os corpos. As individualizações formadas pelo conto forneceram substâncias importantes para que as metamorfoses das pessoas e das coisas acontecessem. (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

Dos seis contos criados pelos alunos, produzidos a partir da leitura realizada, a pesquisadora elegeu dois para transcrever e vasculhar a potência que eles encerram pela intensidade de afectos que dali germinaram:

Sem título⁶²

*Dylan corre, sentiu-se perseguido após adentrar um parque até então desconhecido. As folhagens das árvores mais robustas tornaram essa introdução no parque **mais sombria que esperado**. Às luzes do acesso não estão funcionando, agrava-se a **sensação medonha**. Mal lhe foi **acelerada às batidas do coração**, Dylan tratou de **correr como uma lebre** de um possível lobo. Ele está **sozinho**, veste camisa mal abotoada, bermuda e uma sandália de dedo que se mostra indesejável naquele momento. Os óculos no rosto dele chega embaçar pela **respiração acelerada**. Ao olhar para trás ele não vê coisa alguma, nenhuma definição clara, mas continua correndo. Ele **precisa se sentir seguro** para parar de correr.*

*Depois de cinco minutos correndo, Dylan passa por debaixo de uma **ponte de madeira**, vê ali uma oportunidade de **escapar** daquilo que o persegue. Após ganhar posição na saída da outra abertura da ponte, ele vai pra água. **Mergulha com calma, para não produzir nada que denuncie sua posição**. Ele então se abaixa ali, deixando apenas a cabeça para fora. Respira lentamente, apenas pelo nariz. O silêncio avança firme sua respiração se normaliza. Dez minutos foram suficientes para acalmá-lo e convencê-lo a sair daquela **água gelada, que apesar de tudo, começava a se adaptar**.*

*Um ruído rompe a delicadeza de seus movimentos de tal maneira que desaba no chão feito um pacote. O simples movimento de levantar-se agora parece congelado como a água de segundos atrás. Travado, sem reação, é o fim pensou Dylan. O ruído se manifesta pela segunda vez ganhando definição. Latido, um **maldito latido...***

[Capitão]

62. O texto está transcrito conforme a produção textual do aluno. O destaque de trechos é da *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*.

Do indefinido existir⁶³

O tempo parece não ter definição, trancada no escuro no canto do quarto, perdida em pensamentos que não ousa partilhar com mais ninguém. A mente trabalha numa velocidade contrária aos segundos do relógio. Como uma arritmia. Nem escrever não é possível mais. Como parar o pensamento?

*O corpo da menina às vezes reage num súbito tremor, no abrir e fechar de olhos, num suspiro, na respiração mais acelerada. **Não se sabe há quanto tempo ela está ali trancada no escuro.** Ela enxerga coisas que os olhos não veem. Pensa que não importa para onde corra, nesse planeta parece que **todos os lugares já estão habitados pelos estúpidos seres humanos.** **Não pode nem ao menos fugir do próprio desejo de não existir.** Como ficar tranquila se todas as coisas do mundo existem dentro dela mesma? Mesmo que corresse através da eternidade, não seria o suficiente para escapar de tudo isso e de si mesma.*

*Pensar na explicação de tudo, nas invenções: Deus, biologia, física. Na materialização dos sentimentos através da palavra e do que não se traduz em uma linguagem verbal, como por exemplo o que ela sente agora. O seguir, o parar. Viver e morrer. **Morrer e continuar viva na memória de alguém. Viver e ser alheia a todos os outros.** Ser esquecida. Adormece, pois o corpo não resiste a noites inteiras acordada. Sonha com coisas abstratas. **Mesmo dormindo a mente não para.***

[Alice]

63. Idem.

Na leitura dos textos, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* encontrou uma força potente na escrita e nos signos que dali emergia. A dor de pensar na morte enquanto vida na memória de outra pessoa. Pois não se sabe há quanto tempo ela está ali trancada no escuro. Mergulha com calma, para não produzir nada que denuncie sua posição. Contudo, não pode nem ao menos fugir do próprio desejo de não existir. A mente trabalha numa velocidade contrária aos segundos do relógio e todos os lugares já estão habitados pelos estúpidos seres humanos. Está mais sombria que o esperado, e correr como uma lebre parece uma alternativa. Perdida em pensamentos na água gelada, apesar de tudo, começava a se adaptar.

Se os alunos foram convocados a inventar um conto sobre alguém que precisa escapar de algo, e aparecem tantos elementos subjetivantes que demarcam suas inquietações e tristezas; há de se pensar no quando eles irão se emaranhar em suas aprendizagens da vida, na vida, na Universidade. Para Deleuze e Guattari (2012, p. 49), contos “não são simples arranjos, mas individuações concretas valendo por si mesmas e comandando a metamorfose das coisas e dos sujeitos”. Escrever uma vida em fuga é aprender com ela e sobre ela. É inventar formas novas de ser e estar no mundo.

5ª oficina: Amor

Durante a semana, antes da última oficina, muitas coisas se passaram com e na *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*: um sentimento de cumprir uma etapa ao mesmo tempo que um desejo de prolongar os encontros apoderou-se dela; talvez formasse um grupo... Preparou uma lembrança para dar-lhes ao final. Encomendou uma torta de limão. E mergulhou novamente nos materiais. Ao assistir novamente o filme (Fale com

ela⁶⁴, de Almodóvar), não sentiu o que sentira ao pensar nas oficinas, apesar de dizer muitas coisas e ser um belo filme. Pensou em colher trechos porque seria algo cansativo assistir o filme todo. No entanto, assistir a cenas isoladas, sem o seu contexto, não lhe pareceu forte o suficiente.

Optou por algo que falasse de amor e amizade ao mesmo tempo, e encontrou no filme *Colcha de Retalhos*⁶⁵. A história do filme fala sobre o entrecruzamento de várias histórias de mulheres que estão a tecer uma colcha enquanto a mulher mais jovem está a terminar sua tese e prestes a se casar, além de toda uma gama de dúvidas e experiências que passa nesse caminho. Faz menção às várias formas de amar, singularidades. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* pediu que desenhassem sua colcha de retalhos, as várias coisas que pensam sobre o amor e a amizade. O desenho, no entanto, deveria ser feito com figuras e escritos. De sete colchas, a pesquisa se ocupa de transcriá-las, raspando palavras, desenhos e criando uma imagem do pensamento estudantil acerca do amor, da amizade, da vida. Produziram algo sobre a vida, sobre a família e sobre os amigos.

A leitura de trechos da Carta ao pai, de Kafka (1997), foi densa e colaborativa. A personagem pediu aos alunos que fossem marcando, no texto, o que lhes chamasse a atenção. Ao final, pediu que escrevessem uma carta para alguém, de livre escolha, real ou fictício, reescrevendo, de outra maneira, algum ou alguns dos trechos destacados.

Colocaram-na em envelopes, depois trocaram entre o grupo e cada um leu-as. Mas preferiram não ler em voz alta; parecia que havia algo de secreto, embora coisas em comum fossem percebidas por eles. Da mesma forma, sob o procedimento da tradução em esrileituras, se forjou uma nova escritura, com vestígios dos originais,

64. Não encontrou disponível na internet, então conseguiu em DVD em uma locadora.

65. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=bCU4d7dTC-A>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

Figura 10*. Foto colcha das colchas. Fonte: Osório, 2015.



*Imagens digitalizadas e com melhor visualização no dispositivo USB.

Figura 11. Foto materiais de composição da carta. Fonte: Osório, 2015.



arrastando seus estados de coisas e suas desterritorializações, não apenas pelo que há em comum, mas pelo que diferem entre si e em si mesmas.

Uma carta para um estudante, andante, errante, infante. De muitas cartas escritas, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*, devir-militante-de-escrita, transcreveu em apenas uma, aquelas palavras que lhe catalisaram emoções. Não tentou ser uma carta genérica, mas uma colheita de singularidades estudantis. Para tantas pessoas seria possível escrever, assim como os alunos o fizeram: para um pai distante, pai ou mãe falecidos, amigo, amiga.

Carta ao devir-todo mundo⁶⁶

Os ventos por aqui soprando saudade de coisas que nunca tive. Surge uma gratidão por aquilo que de certa forma acolheu anseios e uma camada de esperança por algo que ainda não [nos] aconteceu. Se eu menino fosse mais amado, talvez os danos não causassem tantos buracos. A prisão na rotina universitária exige paciência. Se não fosse a fome, a vontade de ter um lugar seguro, não sei se aguentaria.

Não se pode agarrar o tempo, e quando vê, dia após dia, ora muitas coisas mudaram e me transformaram noutro, ora parece que tantas coisas permanecem ali, zumbis de uma vida sem graça. Não é difícil se pôr con[fuso] no esteio dos próprios pensamentos; pensar dilacera o próprio pensar no amor, no ódio, nas brigas e na amizade. Por aqui fazendo as coisas de forma calada. Se bem que se ouve gente gritando por aí, ao longe.

66. Carta realizada pela personagem através da leitura e escrituras dos alunos, quando realizaram a produção de uma carta na oficina.

Ah! Se eu tivesse coragem de arcar com as consequências de escolher, gritar aos quatro cantos o que quero melhorar na minha vida, na universidade, nas relações bizarras que estão vagando por caminhos que não se sabe ao certo aonde vão parar. Loucura do estresse; aturar mais um semestre de estudos, de preconceitos; se vê de tudo por aqui. Algumas vezes peço ajuda ao invisível, um tanto de indiscernível, um vazio, uma longa espera.

Gostaria de te dizer que não adianta colocar medo nos outros, não é assim que vão te respeitar. O medo dificulta uma conversa, um encontro. Queria encontrar algo bom, quem sabe algum dia. Desejo um amor sem pré-requisitos, sem regras e que respeite as diferenças, escuta para aprender. Prender-se na escuta atenta; fala para auxiliar, um auxílio que fala a voz de tra-lá-lás que aca- lentem a adaptação de ser estudante. Você me dizia que se discute para crescer. Se entre brigas, disputas, lazer, esporte, cerveja, sexo, amor, formatura, amigos, casamento, família, confiança, pudesse estar mais perto de você...

Sempre estive a esperar um abraço seu, por entre conversas de poucas palavras. Afinal, nunca falamos tudo. Parece que agora não dá mais tempo, não é mesmo?! O fato de não sentir não torna meu sentimento irreal. Tenho vontade de te falar coisas que te ajudem a me entender. Por vezes, nem eu me entendo, sinto-me perdido. Aquilo que tanto esperam de mim talvez eu nunca possa dar. Sei que têm coisas que ainda ficam veladas. Tu fingias tão mal quando não sabia do que acontecia comigo. Medo de ouvir repostas. Isso me machuca. Preciso ir. Até qualquer hora.

[rastros de uma escritura, nov. 2015]

Com um punhado de palavras, a vontade da personagem sofreu uma rajada que gelava sua cara, retorcia as faculdades e o tempo, a seu turno, (im)punha uma arfada de signos. Algo que se transforma, devir, inquiria uma postura multivalente na medida em que lia, escrevia, fazia, sentia; por entre textos, livros, projetos, oficinas, cartografamentos. Quebrando paredes que se poderiam pensar fossem salas de aula ou consultas psicológicas. O amor estaria ao lado da mudança, inventando forças para raspar tudo o que foi realizado até então. Subjetivações em meio ao aprender.

Eixo Nordeste - São Paulo

Região de Porto Alegre

Arroio Grande

LIBERDADE

medos

devir-revolucionário

devir-criança

sexualidade

doença

CORPO

devir-mulher

saúde

Pelotas

Bagé

AMOR

Conexão Brasília-Curitiba

devir-animal

escolhas

SOLIDÃO

arte

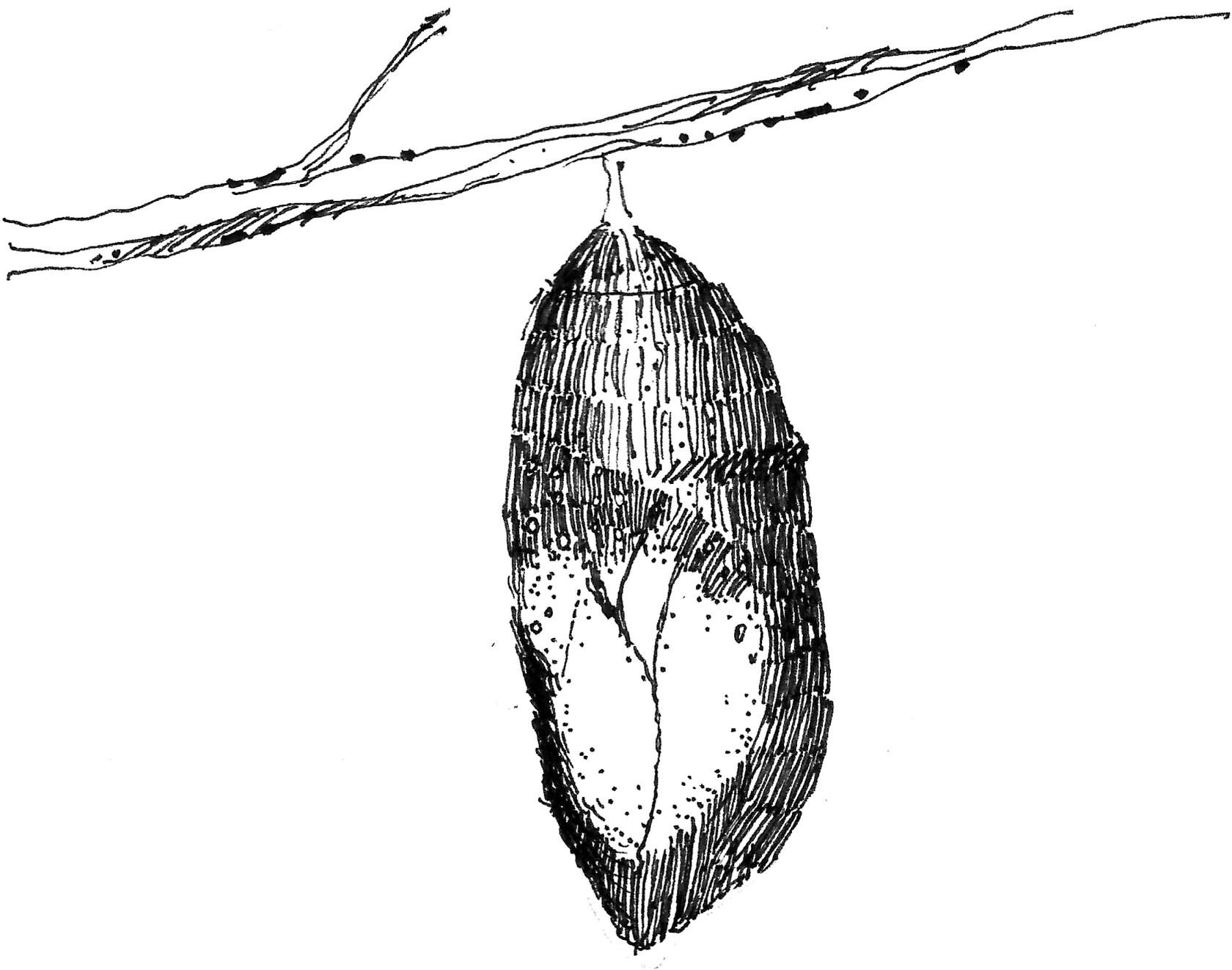
vida

DESEJO

devir-minoritário

perdas

Santa Vitória do Palmar



IV

*Movimento analítico três:
Mais subjetivações: sim, por favor!*

A fome do pesquisar vai atrás de subjetivações estudantis. Como em um banquete, elas estão postas, ora de forma serializada, estanque, com os mesmos gostos das coisas, ora passam por sensibilidades que afloram novas sensações sobre a vida, incomodando, dando a resistir, fazendo pensar, tal como um encontro com signos. Outras vezes, ainda, elas ganham as asas da teimosia e querem fazer tudo diferente, dilacerando trilhos confortáveis, navegando por entre brechas de uma existência sem paradigmas ditadores dos modos de ser.

O fluxo pelas linhas cartográficas dão a ver os movimentos de territorializações ou reterritorializações e desterritorializações. “As coisas não são definidas por [...] aquilo que são, mas por aquilo que elas podem em ato” (ADÓ, 2013, p. 211). Assim se dá a busca por subjetivações que menos dizem sobre o que os jovens são, e mais que versam sobre o que estão fazendo, em suas escrituras, em seus estilos de dizer sobre algo, em seus modos de ser e estar. “Ter um mundo às mãos é comprometer-se ética e politicamente no ato do conhecimento” (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 16). Nas paisagens existenciais, habitando territórios do pesquisar, espraia a tradução dos modos como as relações vão surgindo.

Do descentramento do sujeito emerge a subjetivação como uma máquina transversal (GUATTARI, 2011), tal como uma ponte entre: (1) as discursividades de expressão, como a própria linguagem: *eu era somente uma peça e podia ser descartado a qualquer momento [...] diante desse jogo maldoso e pretencioso, se me sentir acuado, ou pressentir tal ação, serei violento* (Menino-Lobo), e, (2) as partes que compõem as classificações feitas pelo conteúdo: formações de grupo, maneiras de dar sentido para a Universidade, ao estudo, à comida do RU⁶⁷, por exemplo. Como em Guattari (2011, p. 177), em que “os conteúdos da subjetividade dependem, cada vez mais, de uma infinidade de sistemas maquímicos”.

67. Restaurante Universitário.

Conforme Parente (2011), o que se vive hoje se aproxima de uma crise de representações, revoluções das diferenças que tornam mais audíveis suas vozes, a massificação das tecnologias que têm o poder de instrumentalizar o viver das pessoas, mas também de alienar subjetividades. Há uma tendência à homogeneização pelos efeitos da globalização, mas, também, explosões de heterogeneidades desterritorializantes das singularidades. É nítido ver que há um paradoxo nas formas dos jovens se pensarem, quando, por exemplo, uma menina da oficina diz :

não acredito que eu seja livre, reconheço o quanto a minha vida é um reflexo do cenário onde estou inserida, sou influenciável, mudo a todo momento, e estas mudanças não são decididas por mim, a vida é assim, a gente se sujeita a determinadas mudanças pra se adaptar (Borboleta, de seu “Inventário de um aprendiz”).

Seguindo sua expressividade, convoca-se a pensar de uma maneira oposta ao pensamento anterior: *tenho liberdade para decidir [...] prefiro encarar as consequências de discordar desse radicalismo, só não quero me tornar o outro extremo* (ibidem). Para além de uma contradição, uma diferença. A afirmação de Borboleta, produzida pela sombra do negativo (DELEUZE, 2000), *não acredito que eu seja livre*, evoca uma diferença de potencial quando da coexistência de outro estado: *tenho liberdade para decidir*. Logo, não se trata de identidade ou hegemônias na constituição do ser estudante ou ser jovem, mas evoca que “atrás das máscaras há ainda máscaras” (ibidem, p. 191).

Sob o paradigma ético-estético e político (GUATTARI, 2012) que fundamentam relações de poder e controle de formas invisíveis, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* passa a afirmar sua condição de *cartógrafa*, transformando-se novamente. Comprometida com a questão de pesquisa e seu objetivo: capturar subjetivações em meio à vida universitária, em interface com o aprender, de forma a tentar entender os modos como os jovens vêm se constituindo – intenta, a partir daí, pensar novas práticas em educação

e psicologia. Menos desvelar uma verdade de uma vez por todas, e mais inaugurar flutuações da experiência, seus graus de variação e implicação. Assim, as “relações de reciprocidade que asseguram cruzamentos múltiplos” (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2014, p. 94), fazem com que os objetos do mundo abram-se às constantes transformações.

A personagem, nessa mudança, passou a examinar os vestígios deixados na sua trajetória até aquele momento, por meio de pistas, conforme lhe asseguraram Tedesco, Sade e Caliman (2014): (1) *acompanhar processos*, em que metas e análises ocorrem durante e desde o início de sua realização, capturando momentos de mudanças, movimentos e instantes de ruptura; (2) *catalisar instantes de passagens e conhecer acontecimentos disruptivos*, na abertura que é produzida no plano coletivo de forças que acolhem intensidades e potência de criação; (3) *articular as duas pistas anteriores* para pensar nos processos e nas transformações que consistem em potências de vida, possibilidades e efeitos da experiência no plano de engendramento entre psicóloga e campo problemático.

Diante de um universo de produções de subjetividade já em curso, ela precisava acessar o vivido de cada aluno e fazer conexões. Embora a cartografia, tomada como um método deleuze-guattariano, já existisse nos primórdios de suas inquietações, sentira-se, naquele momento, compelida a direcionar com mais força o trabalho de pesquisa para o “saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber” (PASSOS; BARROS, 2014, p. 17). Entendeu que, para além de seu último estado em que foi colocada, o de aprendiz, havia uma necessidade de ampliar seu olhar, numa atenção concentrada e aberta (KASTRUP, 2014).

Mergulhou, assim, nas intensidades daquilo que se fazia presente, buscando formas de expressão e conteúdo que circulassem nas brechas deixadas pelo processo do pesquisar. Ela tentou ir “borrando os limites de autoria, de maneira que se possa perceber o trabalho como obra coletiva” (BARROS; BARROS, 2014, p. 190).

Percebeu o empoderamento dos jovens ao transcorrerem em devir-revolucionário, suas críticas e ironias. Eles incrementam pequenas revoluções: de vínculos sob estigmas narcísicos: *o corpo precisa ser magro, esteticamente cuidado, bem vestido, praticar exercícios etc.* (Narciso); dos dogmas econômicos e sociais: *o mundo do consumo, sentir medo é algo que te move a consumir, se você tem espinha você nunca vai transar, é isso que te dizem, então você quer ser aceito e vai consumir as coisas que te transformem na pessoa mais próxima do aceitável* (Capitão, do Inventário de um Aprendiz); do efêmero: *vais no facebook e muitos abraçam causas variadas sem a menor noção. Não questionam, não o fazem sobre si mesmos; tudo muito artificial, tão passageiro como um esmalte de unha* (ibidem).

É possível pensar nas transformações que ocorrem o tempo todo nos estudantes, na subjetividade humana de um modo geral – não que elas sejam um privilégio dos tempos contemporâneos, mas que, a cada período da história, isso aconteça a sua maneira e ao seu ritmo. Hoje, uma determinada “mestiçagem planetária das culturas, paradoxalmente contemporâneas de uma ascensão dos particularismos” (GUATTARI, 2011, p. 177) nos remete às representações universalizantes e singularizações ao mesmo tempo. Guattari (2011) afirma que seriam aceitáveis sistemas de modelizações, desde que não se rendessem às universalizações e cartografassem territórios existenciais que implicassem em sensibilidades, afetividades, universos cognitivos e estéticos.

Dessa forma, o pensamento violenta as faculdades mentais e produz novo sentido no acoplamento com os signos que estão sendo emitidos constantemente (DELEUZE, 2000; 2010b), seja pelo encontro com alguém, seja por uma matéria da Universidade, seja por algo da arte (como a música ou o cinema). A personagem observou que as oficinas deram a ver que as subjetivações, assim como passam naquilo que é estrutural, da esfera da compatibilidade com o meio que exigem do aluno uma adaptação, também exercem, com o meio e junto ao meio, uma composição que forma uma constante produção de si.

Eles se afetam, se colocam problemas. Buscam linhas de fuga: *liberdade tem a ver com criatividade, descobertas de coisas novas, de realizar nossas escolhas* (Capitão, do Inventário de um aprendiz), mas com um senso de pertencimento a um contexto social: *surgem regras e imposições para corrigir injustiças promovidas pelo mau uso da liberdade. Liberdade portanto em sociedade, não é simplesmente fazer o que lhe dá na telha* (ibidem). Pensar, criar, resistir, subjetividade inventiva.

No percurso cartográfico, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa*, sonhou que a infrequência de 61% enseja um paradoxo. Deleuze (2000) revela à personagem que não há métodos para encontrar tesouros e que aprender é penetrar no universo das relações que constituem singularidades (ibidem). Os alunos inventam formas de não ir às aulas, seja pelo sofrimento psíquico (SCHNORR; RODRIGUES; OSÓRIO, 2014), seja pela natureza subjetiva de alguns Cursos (SILVA, et al., 2011), seja pela sobrecarga de outros (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA, 2005), entre tantas outras possibilidades.

Assim, no cenário universitário avistado pela *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa*, miram-se, como em muitos outros lugares, certamente encontrando variadas formas de agir, vestir, sentir, pensar; singulares; motivações geradas pela escolha de Cursos de graduação, ou por vir de outra cidade, ou de permanecer nesta terra. Singularizações e re-singularizações se compoem a cada instante. E isso tudo em meio à substância que acolhe as aprendizagens: a vida! Um aprender que elimina o intermédio da representação, emergindo subjetivações ao encontro de devires.

Entre ilhas desertas, oceanos e continentes de subjetividades, passeiam ritornelos. Eles não têm um caráter de fixidez. Subjetivam-se à medida que se movem, e se movem por não ficarem presos a um elemento identitário ou a uma imagem recongnitiva (DELEUZE, 2000). Formam uma constelação que não pode ser apagada da memória incorporal da subjetividade coletiva, apenas ultrapassada na discursividade

da história (GUATTARI, 2012). “Para que perceber tão depressa quanto um pássaro rápido, se a velocidade e o movimento continuam a fugir alhures?” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 82).

O pesquisar ganha suas dimensões de lentidão e aceleração: “toda compreensão súbita se parece muito com uma aguda incompreensão. Viver é somente a altura a que posso chegar – meu único nível é viver” (LISPECTOR, 2013, p. 121). De forma que (de)forme pensamentos enrijecidos, em que a complexidade das subjetivações que estão sendo produzidas no ambiente acadêmico e na vida dos estudantes, assim como em que condições e quais territórios existenciais estão a se (de)formar continuamente, permitam, ao pesquisar, sua valência de inacabamento. Aprender, desaprender, des-territorializar, voltar a um território ou desenvolver uma diferença de potencial; isso tudo faz parte desse percurso.

Diante da proposta de articular modos de subjetivação com um aprender inventivo (DELEUZE, 2000; 2010b; KASTRUP, 2007) que se dá em meio à vida estudantil, nos agenciamentos que conteúdos e expressões de signos são capazes, a personagem foi percebendo que a inventividade nem sempre é possível. Há endurecimentos e desvios nesse processo de tornar visíveis seus territórios existenciais. Haja vista que, no pesquisar, encontra-se (1) um estudante aprisionado e com medo, interpelado por modos de subjetivação capitalístico, que o vulnerabiliza e, por ser conservador, o engessa. Territórios existenciais que emergem a partir das condições que possibilitam ao aluno, constituir-se enquanto aquilo que se espera dele, quer seja na sexualidade, na religiosidade ou, ainda, no contexto de ser e aprender na Universidade, levando a paradoxos existenciais, como isolamento versus exposição de uma postura considerada aceitável.

Estar no ensino superior transforma-se em *uma obrigação que me fazem acreditar necessária* (Alice). A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa* pensou sobre as condições que forçam ao estudante se encontrarem nas linhas molares de um *socius*

que propugna a uma determinada territorialização. Nas palavras de Heuser (2010, p. 61), “cada obrigação particular é convencional e pode beirar o absurdo seja ‘cumprir com as obrigações morais’, ‘sempre agir justamente’, ou simplesmente, ‘ter que estudar’ [...]”. Isso se imbrica com o fato de ter que cumprir com algo no protocolo da vida, que não necessariamente encontra ressonância no bem viver. A disciplina sobre os modos de agir cumpre seu papel numa subjetivação capitalística, em que “o que há de fundado é o todo da obrigação, ou seja, a obrigação de ter obrigação, a sua regularidade nada mais que a analogia com a ordem inflexível dos fenômenos da vida” (ibidem).

Em Guattari (2012), ela pôde perceber que os fenômenos coletivos de modelização nos estudantes, capturados pelos movimentos midiáticos, revoluções da era da informática, há “uma subjetividade parcial, pré-pessoal, polifônica, coletiva e maquínica” (p. 33), dando a ver uma enunciação que torna descentrada a individuação. *Enquanto corria a time line do facebook*, disse Borboleta-de-uma-asa-só (em seu Inventário de um aprendiz):

encontrei um post que dizia: “a liberdade começa quando a sua necessidade de impressionar os outros termina”. Que me fez lembrar momentos importantes da minha vida, nos quais precisei tomar decisões e claramente entrei em conflito comigo mesma, pois o que eu desejava ia contra o que esperavam de mim, ou poderia interferir nos “meus” planos para o futuro. Coloquei MEU entre aspas porque acredito que os planos não eram tão meus.

Um estudante que se vê capturado pelos desejos de um virtual que paira na sociedade não apenas de consumo material, mas prenhe de roubos do querer, do querer ser, do respirar profundo. Uma massa maquínica e eficaz que navega mares de ilusões e desilusões, deixando seus tripulantes, em algumas ocasiões, à deriva: *as palavras, às vezes não me vêm à boca ou não são suficientes. Me vejo perdida em pensamentos que não consigo transmitir* (Alice); *a gente nasce dentro de uma sociedade, dentro de uma família,*

[...], os discursos que ouvimos, aos poucos vão nos constituindo [...] e deve ser ótimo sentir que esse 'sistema' onde nos formamos é coerente com o que sentimos (Borboleta).

Condições que tentam produzir subjetivações que querem dar uma espessura alienante ao corpo, tornar o pensamento sedentário, sob a ditadura da homogeneização que tem a função de (re)presentar, tornando a repetição algo mecânico e reprodutivo. Esse lineamento molar, dotado de instituições, tal como a Universidade, a família, o Estado, tem como um *diretor que tem o nome de Sistema e por centenas de vezes ele me prende* (Menino-lobo).

Redes duras que obstacularizam algumas possíveis tomadas de decisões dos alunos, como, por exemplo, troca de Curso e alguns critérios de avaliação calcados apenas num rijo teste de reproduções de informações. Com isso, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa* não trata de dizer que não haja normas para a mudança de Curso, como num *laisse faire*, tampouco que provas não sejam aplicadas, mas gostaria de redimensionar essa discussão para o campo do contexto em que singularidades sejam consideradas.

Quando uma aluna da oficina escreve em seu Inventário de um aprendiz, que *a luta por liberdade começa quando você se sente preso* (Borboleta), fala do si e do mundo que pode estar oprimido, pode estar livre na opressão [*já vi pessoas totalmente amarradas e seduzidas por discursos tidos como verdadeiros, se sentirem mais livres que os pássaros, enquanto eu as vejo como mais uma peça aumentando o poder de determinadas instituições de controle*] (ibidem); pode estar traçando uma linha de fuga para que se desterritorialize dessa condição opressora, ensejando novos territórios existenciais: *eu já encontro em mim pouco da menina que eu era em 2012, antes de ser universitária [...] sinto que fiz boas escolhas* (ibidem). E ela pode tantas outras coisas.

Essa faculdade virou tua cabeça! (Borboleta). É o que escuta a aluna de sua família, por não mais agir como antes, por não mais crer nas coisas que acreditam. *Eles são tão seguros quando afirmam que me perdi por ter abandonado a igreja, seguros o*

suficiente para não ter remorso de me excluírem, continua. Quem sente certo abandono é ela. Relata que: *me sinto controlada quando me apresentam respostas e encaram minhas dúvidas como uma afronta [...] sinto medo quando dizem que estou errando por ser assim*.

A escrita da aluna não tem a pretensão de ser poética, mas tece um vivido empoemado na medida em que transforma o seu dizer num devir-revolucionário. Um grito de socorro pelas amarras religiosas e pelas cancelas dos pré-conceitos. Na abertura do plano coletivo de forças que emanaram do contexto da intervenção, entre as possibilidades de expressarem-se (falas, leituras, escrituras, escreleituras, silêncios, desenhos, caderno “Inventário de um aprendiz”), foram acolhidas intensidades e potência de criação.

Nessa direção, pensar em escreleituras fez a personagem deslizar sobre disparadores que pudessem atizar criações nos estudantes, das mais variadas naturezas. À tessitura de experimentações que interpusessem condições para aprendizagens emergirem, ela foi capturada pelos ditos e escritos da Borboleta, a qual realizou altos voos em seu pensamento. Bem disse Deleuze (2000) que o processo de pensar passa pelo ato de criar. Uma escrita criadora de mundos, em meio às aprendizagens da vida.

Do encontro inesperado com outros corpos, quer tenham sido textos, imagens, perguntas, pensamentos, quer tenham sido filmes, músicas, documentários ou, ainda, com o humano ou todo tipo de signos, a personagem pôde extrair forças que engendrem uma tradução inventariada do si. Passou pelo entendimento que se desenvolvem os signos em signos artísticos. Foi como movimentar ações que criassem sentidos diferentes para cada discente que escrilê, transformando-se, também, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa* em seus processos de subjetivação, reverberando produções de sentidos.

Assim, ela, por meio de um olhar sobre as formas de expressão e conteúdo que emitiram uma pluralidade de vozes, viu (2) um estudante que tenta traçar linhas de fuga de todos os modos estruturantes, de uma sociedade regida por padrões estéti-

co-políticos e éticos que parecem já não atender aos seus desejos. Ao fugirem de coisas que os afetam, é acionada “uma inteligência involuntária que sofre a pressão dos signos e só se anima para interpretá-lo, para conjurar, assim, o vazio em que ele se asfixia, o sofrimento que a sufoca” (DELEUZE, 2010b, p. 92).

Ela também vai percebendo um jovem que se põe a forjar novos jeitos de viver, devires moleculares, do campo das flexibilidades e sensibilidades que o movimentam. Ele experimenta suas buscas pelo prazer – quer em ações libertárias, quer pelo uso de drogas, quer por devires-minoritários, – simulando uma autonomia que em parte lhe potencialize, mas que, em contrapartida, pode lhe pôr em vulnerabilidades.

Os jovens de hoje em suas novas formas de subjetivações, mergulham em tecnologias, perpassando por guetos que lhes confirmam doses de segurança, de prazer, de atenção à necessidade de existir. Eles buscam outros jeitos de se posicionar, discursos que lhes assegurem que possam seguir determinada escolha, ocupando ou experienciando novos territórios existenciais. Lutam contra elementos subjetivantes de uma educação modelizada, de uma sociedade serva de valores econômicos e de poder.

Pequenos vazamentos de paradigmas educacionais: *algo que avance das salas de aulas, que não fique apenas como teoria estagnada, sem uso, teoria por teoria, não é nada* (Capitão). Desvios nos modos de pensar tal como se é ensinado: *para ser livre precisamos aprender a ser sozinhos, [...] não depender dos outros para ser feliz, [...], é um erro construir vínculos de dependência* (Borboleta). Enfim, uma subjetivação tal como propôs Guattari (2012), que não é recipiente, mas que subterfuja modelizações. Um estudante crítico, que problematiza seu contexto. Um jovem que cria problemas (DELEUZE, 2000) na medida em que aciona o pensamento a pensar novas fronteiras da existência, às margens de verdades últimas, mexericando nas coisas acomodadas. E se “um problema não existe fora de suas soluções” (ibidem, p. 275), mas independe das mesmas, o que legitima uma problematização é seu potencial inovador.

Os alunos das oficinas dizem: *são tantas as tentativas de enquadrar as pessoas em um perfil que é dito normal, belo, saudável*. Eles querem exercer seus feminismos. Buscam respeito por sua homossexualidade, por sua heterossexualidade. Não desejam sofrer represálias por terem uma crença religiosa, nem censuras por não as terem. Há uma nuvem de xenofobias por tantos estranhamentos e estrangeirismos na Universidade que, ao viverem uma multiplicidade de diferenças e tantas outras singularidades que constituem esses jovens, desenham-se diferentes cartografias em seus processos de fuga. A personagem suspeita, então, que haja o “estado emergente [...] de subjetividade maquina” (GUATTARI, 1993, p.10). Paira no ar algo se produzindo nas relações que foram tecidas nos ditos, escritos e silêncios, das oficinas, e no emaranhado de linhas (molares, moleculares e de fuga), pela vida afora.

Desertos que não param de crescer, redemoinhos de afectos e perceptos que se desenham nos encontros, no contexto da Universidade, com os alunos e entre eles, com professores, colegiados, Pró-reitorias. São caminhos trilhados por entre vazios intempestivos, o dia a dia, as alegrias e tristezas, sonhos e pesadelos, depressões e ansiedades. Encontros com o contingente de corpos, de signos, que chacoalham o pensamento, trazem à superfície um pedacinho de terra que se desloca para outro lugar.

Alunos, escultores da existência de uma vida universitária, do que se aprende, do que não se pressente, e que transpõe os imprevistos em sobrevivência. Escancaram: *não vejo a hora de me formar e ganhar mais que quatrocentos reais de uma bolsa*. No entanto, em alguns movimentos contingentes, finda sedentário, seu ato de pensar em saídas quando, por exemplo, dos alunos deste estudo, 84,8% não possuem vínculo de trabalho.

Está certo que há a singularidade daqueles que não conseguem desenvolver vínculos de estágio e bolsas de iniciação científica caso necessitem trabalhar (CARRANO, 2009). Além disso, muitos dos que abandonaram os Cursos, quando a personagem estava a colher alunos para as oficinas, foi devido à necessidade de estarem trabalhan-

do. Universidade, espaço de territorialidades, mas também de passagem para tantas outras instâncias subjetivas. Lispector (2013) diz: “o deserto é um modo de ser. É um estado-coisa. De dia é tórrido e sem nenhuma piedade. É a terra-coisa. A coisa seca em milhares e milhares de trilhões de grãos de areia”. Um aluno que perfila por paisagens que exigem dele a criação de outras formas de existir: devir-estudante-desértico; deserto-povoado-em-devir; singularidades-grãos-de-areia-sem-fim.

Ritornelos que façam seu cantarolar na subjetividade de (3) um estudante que vive processos de desterritorialização e reterritorialização. Sobrepujado ao estado bruto das relações afetivas e de poder, ele é capturado por um fantástico mundo de possibilidades, como num ritornelo: ora se encarna em uma representação endurecida; ora se transforma em sons que abrigam o espírito com suas frestas que o deixam livre; ora em fragmentos virulentos de enunciação que rasgam o tecido das relações com o seu entorno (quer um social, um psicológico, um ambiental) (GUATTARI, 2012).

Um estudante que tenta se desprender de amarras e recai em incorporais que se detectam, ao mesmo tempo que são produzidos, na coexistência do situacional e do virtual, haja visto que dizem “não” aos preconceitos (feminismos, homossexualidade, uso de drogas, naturalidades de outros estados do país), mas incorrem naquilo que intentam escapar. Isso é confirmado, sobretudo, quando, por exemplo, alunos mencionam nas oficinas que os brancos não podem falar dos negros, assim como os homens não podem falar das mulheres, pois não sentiram, na pele, o que essas características vêm a produzir de sentido.

Os discentes reivindicam melhores condições do ensino e da aprendizagem, das estruturas físicas da instituição, dos sistemas de avaliação que não preveem as individualizações e o processo criativo dos alunos. Alguns até tentam traçar um plano de fuga que promova mudança a um coletivo, participam de movimentos estudantis, ocupações à Reitoria, enfrentamentos de autoridades. No entanto, por vezes findam

estratificados quando faltar às aulas tem o sentido de desistência, quando um baixo aproveitamento tem sentidos outros que não de dificuldades ou resistência ao que está posto. Por exemplo, infrequências por ter ido a uma festa para não ter que enfrentar e estudar o cálculo; não aproveitamento de 70% devido a um adoecimento (psíquico ou não) que impede de tomar contato com a realidade dos estudos. Querem um futuro realizador e querem se formar, mas, por vezes, se veem impossibilitados de irem às aulas, de seguir o Curso esperado, resultando em evasões como se viu na trajetória do pesquisar, ao ir à caça de alunos para o grupo oficinairo.

A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa* não diz que existe um ou outro modo de ser, mas que, na mistura, enquanto um se encontra na superfície, outro latente. Constituem-se como pontos de individualização, que atravessam o plano do coletivo. E, transversalizando à subjetivação, encontra a aprendizagem que «esposa a vida toda», que na perspectiva adotada, poderá, ou não, ser inventiva. Os estudantes, nesse sentido, podem ser capazes de se colocar problemas, bifurcando e viabilizando novas formas de existência. Eles problematizam a própria sexualidade, os modos de se vestir, os diferentes estilos de pessoas e sua diversidade nos variados espaços da Universidade. Apoiam e questionam, ao mesmo tempo, as minorias e os critérios de avaliação acadêmica. Porém, por vezes, não consideram todo um contexto e potencial de aprendizagem de cada e de todos os alunos.

Assim, a subjetivação, em interface com uma aprendizagem que possa se distanciar da imagem dogmática do pensamento (DELEUZE, 2000), nas possibilidades de invenção que ocorrem entre o sujeito e o objeto, dá-se no encontro com devires, numa adaptação ativa ao meio e com o meio. Nessa direção, emergem territórios existenciais, em acoplamentos que geram agenciamentos, uma vez que os estudantes encontram-se em constante produção de si e do mundo. Em alguns casos, eles se afectam, tentando escapar da acomodação. Mesmo por vezes, no adoecimento, na infrequência e no baixo aproveitamento acadêmico, atravessam potência de vida!

O intolerável desacomoda formas sedentárias, grita por uma transformação. *O ingresso na universidade nos coloca diante de diversas realidades e pensamentos diferentes, quando convivemos com colegas e acumulamos saberes, nos subjetivando e ensinando sobre conviver com a diversidade* (Borboleta). Jovens que pensam: *a universidade como uma chance de crescimento, onde tenho a oportunidade de ter uma profissão e construir carreira* (Julieta).

Tons e ritornos de subjetivação capturados pelo capitalismo e, ainda, um determinado futurismo ideológico e dialético: *se me formar, vou ser feliz; vou ser uma pessoa melhor; será uma conquista; crescimento; maturidade financeira; as dificuldades financeiras me atordoam*. Modos de pensar que fazem parte de uma realidade social, mas que também constituem um mundo imaginário de desejos. Há algo que pulsa para seguir adiante, ir às aulas, apesar das várzeas.

* * *

A personagem, então, se pergunta reiteradamente: como as subjetivações nos jovens universitários vêm sendo produzidas no intermezzo do aprender e do viver? Se resistir é constituir novas possibilidades de vida, ela está disposta a entender as formas pelas quais os alunos estariam a tecer suas invenções para se constituírem no tempo atual. Quando pergunta aos alunos das oficinas sobre os aspectos que atravessam ser jovem hoje em dia, há uma dificuldade para se estabelecer sentidos ao que estão vivenciando: *o que tenho dificuldade em ser jovem hoje são os maus hábitos que adquiri quando mais novo, agora não sou mais tão jovem* (Cigarra, 27 anos); *tenho 30 anos, não me sinto exatamente jovem* (Capitão).

Isto arrasta o pensamento para fora de padrões que possam consignar o que uma faixa etária traduz em sensações. Como na fala de Quixote (32 anos): *ser jovem*

hoje em dia, num mundo muito mudado, onde valores parecem tão mesquinhos, é por um lado bom e, por outro, difícil também [...], é uma fase muito boa e que devemos aproveitar, pois passa rápido demais. Incongruências sobre uma juventude que se sente velha. Um estudante que, para além de sua idade, expressa um “tempo perdido” (DELEUZE, 2010b) do curso da vida que não para. Eles sentem-se deslocados, de signos mundanos e das horas perdidas em trocas de Cursos, demoras para ingressar na Universidade por terem feito outras escolhas antes disso.

Entre *incompreensão dos mais velhos, falta de oportunidade, cobranças* (Aladim, 22 anos) e *pressão para começar a construir algo para ser adulto bem sucedido* (Borboleta, 23 anos), há fissuras que rompem estruturas e conduzem a um jovem que quer *tomar decisões, fáceis ou não, encarar as coisas com responsabilidade* (Flor, 22 anos). Contudo, precisam encarar *angústias, insegurança e medo* (Borboleta) para não se sentirem *reflexos de discursos que a sociedade nos apresenta como padrão de vida* (ibidem). Dificuldades que os jovens tentam constantemente superar, dizem respeito a uma complexidade de seu contexto social e econômico:

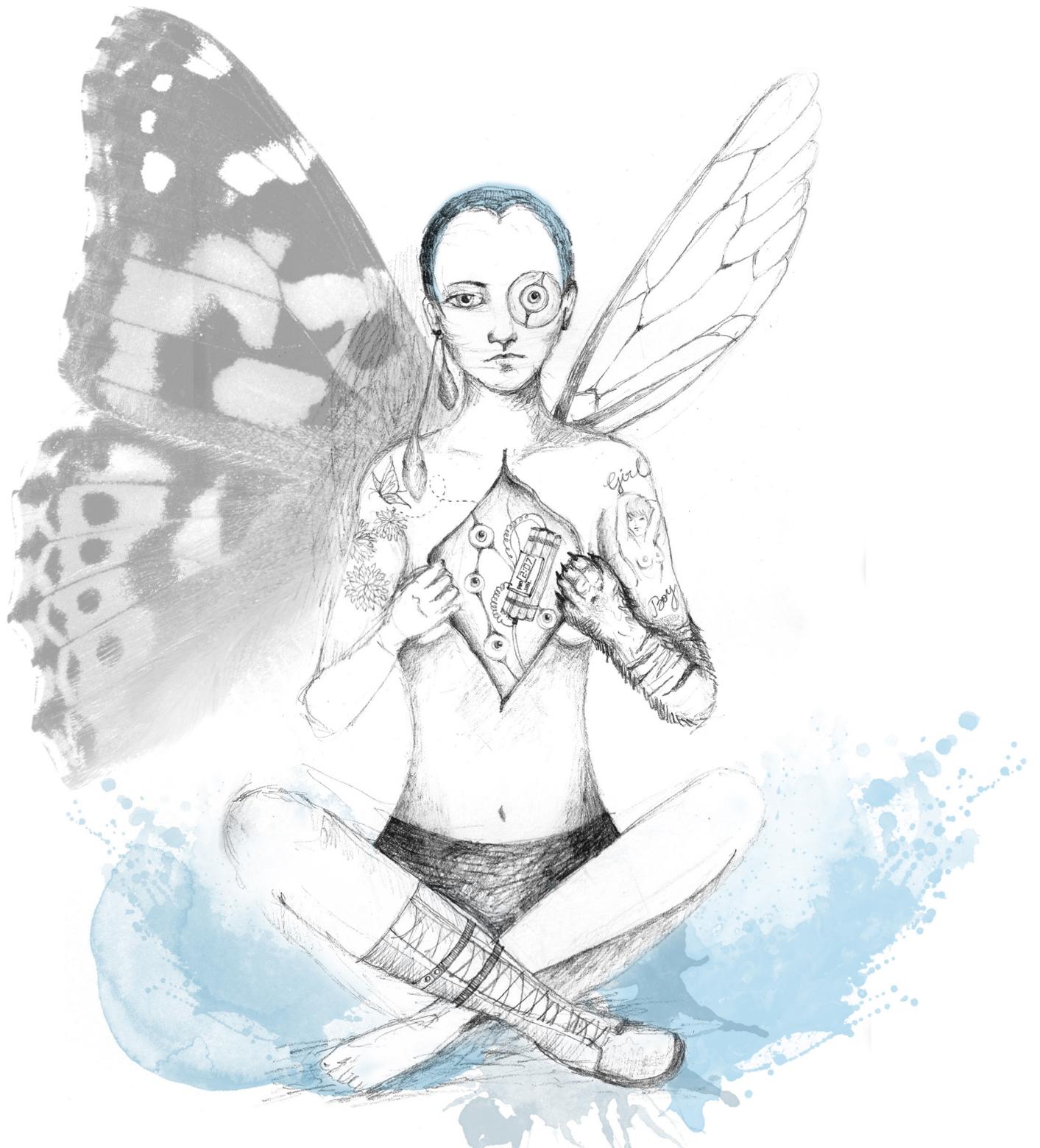
difícil decidir que rumo seguir no meio de tantas desigualdades sociais, onde muitas vezes as oportunidades não valem para todos, sem falar no lazer, não só os jovens, mas a população em geral não tem mais o direito a sair com família, correndo risco de ser assaltado ou até mortos (Julieta, 21 anos).

Violência, educação e condições socioeconômicas se cruzam nas linhas que constituem ser jovem. Carregando livros, medos e desejos, os alunos caminham nas veredas universitárias com potencial de questionar o seu entorno, o ensino que recebem, as avaliações que são feitas, as possibilidades e barreiras que se apresentam. E Julieta continua a se expressar:

quem não teve uma boa formação fundamental e não tem condições financeiras de cursar um preparatório, logo, sem opções, o jovem se lança no mercado de trabalho sem formação profissional e assim acaba tendo que se contentar com um futuro não muito promissor (Julieta).

Assim, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa* retoma seu pensamento, desde quando se via *psicóloga-pesquisadora*, em que já não queria pensar a juventude em termos de um aspecto geracional e uma simples passagem do tempo. Ela tenta distanciar-se da produção de subjetividade que consista em “regulamentar a passagem de uma faixa etária para a outra, através de sistemas de iniciação” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 37), apesar desses agentes micropolíticos constituírem “sistemas de festa e de representações maravilhosas, mas são extremamente cruéis” (ibidem).

Pensar sobre as coisas que fazem parte de ser jovem na contemporaneidade, na Universidade, geram problemas em forma de imagem na mente da personagem. Sobretudo passar pela rota do desassossego lhe conferiu “a concepção de uma imagem que participa do movimento, ou de sua virtualidade” (BELLOUR, 2011, p. 216). Invadida pelo contemporâneo e por tudo que lhe afectou durante a jornada, ela fabulou um ser mutante, um pouco humano, um pouco bicho, um tanto máquina, em constantes inquietações e devir. Numa linguagem que não é a da sintaxe, seu pensamento ganha forma sob dois desenhos de jovens e suas variações.





Ela passou a se ocupar desses jovens em metamorfoses. Importa pensar que o pensamento sem imagem (prévia) que Deleuze (2000) se refere em Diferença e Repetição, passa por uma imagem que não seja exatamente representativa, identitária, recongnitiva ou que emita uma recalitrância do Mesmo, do análogo, do semelhante. Contudo, nas trajetórias desse pesquisar, as imagens configuram uma composição, por vezes inventiva, de um pensar investigativo.

Dessa forma, por entre tabelas de dados, fotografias, brincologens, mapas, a personagem acredita que pode encontrar a imagem de um novo jovem que se forma em sua imaginação, tentando corporificar ou materializar signos, sensações, afectos, subjetivações, de um jovem que está a aprender no curso da vida. As imagens–visuais, auditivas, literárias etc. – convocam o pensamento por sua presença, traçando pistas que dão a ver o jovem e seus movimentos. Isso traz animação à *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa*, pois dá, ao aluno, uma chance de dizer, também, com outra linguagem, que não só aquela feita de sintaxes. Da importância das instâncias imagéticas que desfilam no pensar pesquisadeiro, como em uma composição de mapas, imagem de estudante-mutante e outras. Como resultado, “a potência de um fundo capaz de dissolver as formas, e de impor a existência de uma tal zona, em que não se sabe mais quem é animal e quem é humano, como algo se levanta como um triunfo ou movimento de sua indistinção” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 205).

Jovens mutantes

Eles são muitos

Errantes

De um mundo que não cabe mais

Em casulos que tapem seus sentidos

Ganham asas

Se transformam

De diferentes formas

Ora devir-mulher

Ora devir-borboleta

Cores e sons vão desenhando suas linhas, suas silhuetas

Corpo que traduz afectos

Ora com garras de fera

Unhas, dentes e um bocado de palavras

Às vezes saem por todos os poros

Outras vezes emudecem em suas amarras

Estudantes-cigarras cantantes

120 decibéis de um canto que canta a voz da liberdade

Crisálida, fios de seda, sede de ficar só, por um tempo

Atentos às texturas dos tecidos sociais que se acoplam

Peles que mudam

Algum escape por contornos efêmeros

Instantâneas formas de amar, de pensar, de digitalizar o mundo a sua volta

Querem igualdade

Querem que diferenças sejam respeitadas

Fome de prazer
Necessidades de um alimento que não inventaram ainda
Expelem em suas línguas afiadas as formas instituídas
De um mundo capitalista, celetista
Selecionam seus bandos por andam passam
Cabeças que parecem que vão explodir
Dores, amores, preocupações
Ansiedade de um futuro incerto
Vão atrás de suas certezas
Combatendo opressões
Mochila carregada de cópias
Não desejam mais reproduzir modelos
Adoecem de tentar
Enclausuram-se na tristeza por mais um tempo
Até que o tempo redescoberto brote sua forma alada de ser
Voando pelo infinito de possibilidades
Cansam, esgotam, encontram seus subterfúgios
Por onde seus afetos andem
Corpo que mostra
Encobre
Num jogo de esconde-esconde
Ritornelos de jeitos que se refazem e assumem outros modos de ser
Cadarços que enlaçam sonhos
Sonhos que se refazem
Metamorfose

[rastros de uma escritura, nov. 2015]



V

Da Universidade se fez rizoma

Universidade: ela não tem centro. Circula por diversas vias da cidade, formando uma grande rede. Está recheada de multiplicidades e heterogeneidades, tal como princípios rizomáticos (DELEUZE; GUATTARI, 1995). O rizoma, a seu turno, pode ser rompido em qualquer lugar, percorre um plano de consistência, explode em linhas de fuga, sem pontos ou posições, somente lineamentos. Compreende, portanto, “linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, [...]”; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (ibidem, p.18). Em sua composição de sentidos, trafegam aprendizagens que se põem a rizomatizar, podendo estar na Instituição, fora dela e por todos os cantos.

De igual forma, a Universidade, tal como o aprender, pode se envolver com as direções movediças, devires, memórias curtas, assim como um rizoma, pois tratam do campo imanente. Existem linhas que se cruzam e compõem o mapa dos movimentos e fluxos que seguem os afetos dos estudantes. É clarividente que as possibilidades criativas, estáveis e fugidias dessas linhas não pertencem apenas ao universo do universitário. A personagem tenta, com isso, pinçar as nuances capturadas em uma rede de entrelaçamentos: no encontro com os documentos da parte quantitativa; nos materiais pensados para as escrituras do movimento oficinairo; nas oficinas; nas partículas dos telefonemas; nas mensagens e e-mails trocados com os alunos; no processo de seleção do grupo e com o seu acontecer. Linhas geográficas deleuzianas e linhas guattarianas produzidas de um *socius*.

Contudo, ela há de se encontrar, igualmente, com linhas duras, sedentárias. Elas podem estar cansadas e até levar alguma réstia de representação. Não há como “eliminar tudo que é dejetivo, morte e superfluidade, queixa e ofensa, desejo não satisfeito, defesa ou arazoado, tudo que enraíza alguém (todo mundo) em si mesmo, em sua molaridade” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 76). A Universidade também acolhe um conjunto molar: estruturas que mantêm um *status quo* de poder, controle e normatizações.

Não ser mais um no rebanho, grita a voz da singularização de Alice. Como os alunos sentem suas liberdades, solidões, desejos, amores na Máquina-Universidade? Esta produz engendramentos, deixa passar fluxos, está em constante movimento. Os alunos, nessa direção, seriam como máquinas desejanter, agitando suas engrenagens e forças, acoplando-se à grande máquina socioeducativa que pode ser a instituição de ensino. Partículas se juntam para formar coisas, com poder de conexão com o infinito. O ambiente universitário torna-se, assim, uma fábrica de saudades, aprendizagens, decepções, prisões, profissões por que passam as subjetivações (DELEUZE; GUATTARI, 2004). Relações que configuram uma usina por onde passa, também, um inconsciente maquínico (GUATTARI, 1988), o qual é eminentemente produtivo. Ele está “povoado não somente de imagens e de palavras, mas também de todas as espécies de maquinismos que o conduzem a produzir e reproduzir estas imagens e palavras” (ibidem, p. 10).

A Universidade, então, que se fez rizoma e opera tal como uma máquina abstrata de relações, faz escoar seus fluxos, os quais deslizam sobre construções (de subjetividades, saberes, poderes, aprendizagens). Esse arranjo de forças passa por uma questão de sair e ficar, em velocidades e continuidades. Em termos filosóficos, Deleuze (1997, p. 12) afirma: “ficar na filosofia é também como sair da filosofia? Mas sair da filosofia não quer dizer fazer outra coisa, por isso é preciso sair permanecendo dentro. [...] Quero sair da filosofia pela filosofia”. Nesse sentido, sair da Universidade pela Universidade, por meio da capacidade de se desejar algo sobre ela, a uma certa distância, sem ao menos deixá-la completamente.

Cada campus, modos de ser distintos, deficiências das quais falaram os alunos das oficinas e singularidades postas em jogo, fomentam a necessidade de um momento de distração. Não se ocupar de uma coisa qualquer, mas no vento arejado de uma rápida saída, encontrar elementos, fluídos que façam sentido desde seu interior. Uma máquina para caber em grillhões de devires. Nos encontros e visitas em outras instituições, por

parte dos estudantes, existem lugares mais integrados que a Universidade-rizoma: onde há as aulas, há também os estudos, o lazer, o restaurante, a moradia, enfim, uma legítima cidade à parte. Cidade povoada de desertos. Desertos povoados de afetos.

Se, como diz Deleuze à Parnet (1998, p. 19), “o deserto, a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade, nossa única chance para todas as combinações que nos habitam”, há um subjetivar que transvasa espaço-tempo, que põe o estudante em territórios sempre, ainda, inimagináveis, carregados de devir. De microrrevoluções, os discentes tecem suas queixas, que não são poucas, não cabem aqui.

Algumas pistas vão se anunciando. Teatro do COP⁶⁸ interditado, caos, menino que caiu no palco, ratos e rastros de negligência. Até que, de punhos próprios, juntamente com o coletivo, construiriam seu próprio tablado. Mas, como o prédio que escolheram não possuía normas de segurança e acessibilidade, tiraram eles de lá. Os alunos reclamam da necessidade de ocupar um espaço para o estudo que seja melhor do que aquela Universidade que vive de aparências, de posts nos jornais e sites, mas que, na realidade, não usam a verba de forma a beneficiar os estudantes. Alguns dizem que teria espaço no Campus Capão do Leão para fazer toda a Instituição, evitando-se, com isso, toda essa fragmentação que se vive. Alguns calam, outros concordam.

Em que momento, até então, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa* perdeu a completa noção de que, assim como alguns estudantes, sua suposta gênese vem de outras territorialidades. Passou por andanças solas, viveu a angústia da separação dos laços maternos, misturando-se paulatinamente à alegria de descobrir que, longe de pampas que pudessem aprisionar caminhos, havia novos mundos e horizontes. De uma infância na rua, da terra, das árvores frutíferas do avô e brincadeiras de criança, passou a viver nuances de gente grande quando saiu de casa para estudar no

68. Círculo Operário Pelotense.

início da adolescência noutra lugar. Outros modos de ser e estar emergiram naquele momento: lavar roupa, fazer comida, ir a pé, voltar de ônibus para a escola numa cidade desconhecida. Cidade esta que parecia tão cinza, com relevos e planícies em sua arquitetura, foi ganhando cor e sendo produzida por seus sentidos como um lugar de possibilidades, quando se aproximava a época de prestar vestibular e fazer o Curso que desejava, o qual conheceu sua existência por entre livros de uma biblioteca da Escola Estadual Cilon Rosa, em Santa Maria: a Psicologia. Em novo solo para pousar sua existência, avista um irmão, uma descoberta, uma Pelotas que tinha o Curso almejado. Mais uma mudança, embora com um referencial familiar, algo estranho e deserto novamente.

Nesse percurso cartográfico, em seu devir-universitária, e nesse mergulho por entre arestas que fustigam a Instituição de subjetivações e sua prática profissional, a personagem passou a se transformar em uma *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa na Educação e na Clínica*. Qual Educação bastaria para dar conta das singularidades de um universo estudantil e suas diversidades? Uma Educação rizomática, talvez, que lance anzóis em um oceano de multiplicidades que venham a transversalizar nas relações entre estudantes, professores, salas de aula, secretarias, Pró-Reitorias, cidade, campus, etc.

A Universidade lhe advém como um palco onde relações de inúmeras naturezas são desveladas e onde outras emergem, em um cenário que permanentemente encontra-se em construção. Um montante de heterogêneos em que a existência estudantil atravessa em diferentes segmentos. Eles podem ser um colegiado, espaço físico, grupo de professores, guetos, assistência estudantil, restaurantes universitários. Também perpassam por critérios de avaliação, condições para ingresso por intermédio de cotas, regras de permanência como bolsistas, movimentos de lutas por novos espaços de ensino e aprendizagem ou tantos outros espaços. Segmentos que, como máquinas,

podem se relacionar e se articular; podem, ainda, perder energia e se lentificar, assim como, também, ensejam possibilidades de fragmentação ou de findarem sem-sentido.

Constituem produções de subjetividades, agenciamentos coletivos de enunciação (expressões) que são transversalizados pelos conteúdos de toda sorte de agenciamentos maquínicos. Esta cartografia do desassossego, de uma Universidade e de seus discentes, circunscreve-se nas linhas molares que intentam estruturar modos de agir, mas que, de igual forma, deslizam por entre brechas de linhas de fuga e das sensibilidades moleculares dos estudantes. Máquinas que são como junções de partículas de singularizações, como átomos de uma vida em sua expansão.

Articulações de forças como os diferentes movimentos que se anunciam como feministas, LGBT, anti-homofóbicos e antirracismos, devires de um tantinho minoritário que, como um rizoma, acabam crescendo pelo meio. Seus filamentos entreabertos e sujeitos a novos acoplamentos, por vezes transformam-se e se endurecem quase num grupo majoritário, como se estudantes heterossexuais, por exemplo, tivessem que constituir um grupo para lutar contra os preconceitos por todo canto de ataques heterofóbicos, e, e, e tantas coisas. Contudo, a consistência se dá pelas mutações, um estudante mutante, midiático, tecnológico, artístico, animalesco, e, e, e.

Figura 15. Foto de calourada.
Fonte: site da UFPel.



A Universidade e seu entorno desenham uma fábrica de subjetivações. Ou seja, não apenas a Instituição e seus departamentos, mas também as ruas da cidade e suas pichações, seus bares, os restaurantes, os espaços de encontros, o “quadrado”, o Mercado público, o “porto”, as instâncias coletivas, formam rizoma. Isso denuncia, por um lado, *distanciamento* pela violência urbana e humana, pelo componente pessoal de se querer isolamento ou características da personalidade, das parcas condições financeiras impeditivas. Por outro lado, enuncia *proximidades*, pois os jovens podem não ter uma moeda no bolso para o xerox, mas do copo de cerveja emerge cumplicidades construídas com seus guetos; necessidades pessoais de estar sempre acompanhado de sua tribo, de um amor, de uma amizade, seja em frente à Universidade, entre fumaças esvoaçantes, seja numa mesa de bar ou em um quarto.

A Casa do Estudante não contempla espaços de convivência (há de se ter na nova casa), porém os estudantes criam seus desvios. Quando, por exemplo, havia reuniões de acolhimento aos novos moradores da casa, alguns representantes da até então existente AMCE⁶⁹, a qual se ocupava de discutir e legitimar as normas de convivência. E, mesmo com regras acerca de drogas, álcool, lei do silêncio que era até às 22h, depois passou para as 23h, proibições de levar pessoa para dormir, entre outros, tudo isso, em algum momento, por alguns, ou muitos, era burlado. Mas, para além de um descumprimento, que entendiam como um direito, traçavam fugas, também, para dar cor as suas relações, pois muitos, sem possibilidades de ver a família nas férias, por exemplo, precisavam buscar outros territórios e formas de existir para dar conta de sobreviver. E isso não se refere apenas à CEU: pensionatos em geral contemplam a lei do silêncio e não possuem sala de convivência. A menos que se divida quarto com alguém, o aluno, ainda assim, terá aquele colega que quer dormir porque tem aula às 8h. Mesmo aquele que mora com família, tem seus momentos de liberdade e de prisão.

69. Associação dos Moradores da Casa do Estudante.

Embora alguns estudos (NEVES; DALGALARRONDO, 2007) afirmem que morar com a família seria uma rede de apoio e que residir em república acarretaria maior nível de estresse e distúrbios do sono (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA, 2005), nesta investigação a personagem percebeu que, com os 359 discentes que moravam sozinho e com os 39 que residiam em pensionatos ou com colegas no semestre de 2013/1, existiriam, também, linhas de fuga. Desvincilham-se discursos sobre guetos e preconceitos, direitos e privações. Então começam a tecer relações sobre as diferentes formas de agir, de se vestir, de pensar dos estudantes nos múltiplos lugares que a Universidade compõe seus campus.

No Capão do Leão, por meio do que os alunos anunciaram nas oficinas, haveria subjetivações encrustadas em modelos e paradigmas dominantes, machismos, burguesia e, tirando a longa espera numa fila para esperar o ônibus que os levaria até o campus, existiriam privilégios. Discorreriam sobre um campo de aparências e normas, em um sentir-se “olhado”, uma vigilância invisível, talvez. Mas esse modo de ver pareceu carregado, também, de preconceitos; enxergar algo que anunciava predominar nos caminhos desse campus, mundos secretos, medos de se revelar.

Nos caminhos irregulares dessa Universidade rizomática, de outro canto da cidade, insurge a Medicina Social. Alguns alunos mencionaram que este campus possuiria posições de *status quo* e uma tal “dona da verdade”. Entretanto, nem por isso os alunos se sentiam mal ao passarem por lá. Ao contrário, paixões por Cursos que o fazem vibrar, que aumentam potência de agir.

Na região do ICH (Instituto de Ciências Humanas), entre *piercings*, estilos *hippies*, tatuagens e chinelos, ensejam formas de expressão que enunciam liberdade, (des)respeito às minorias, pichações que, para uns, fazem parar com o movimento sedentário do pensamento, e que, para outros, parecem uma ameaça ou um insulto. Há coletivos dentro de uma coletividade, e essa multiplicidade traz força quando dá o que

pensar, pois, embora haja lutas por “igualdade”, e alguns até vejam esta como utopia, emergem singularidades nos estilos de cada universitário. Eles evocam sulcos de diferenças: os que assumem sua sexualidade (seja ela qual for), os que experimentam variadas formas de amar em suas relações.

Bissexualidades na bagunça de seus corações, feminismos que exibem peitos, anunciam ocupação de territórios ainda não habitados. Microrrevoluções genuínas contra opressões da figura de um homem, estrutura molar, uma maioria. Há um sentir-se bem, há um sentir-se estranho, há todo tipo de coisas. Uma imagem do pensamento de que estudantes de outras cidades ou Estados estariam a “estragar” (sic) os “pelotenses”. Contudo, essa imagem de uma diversidade sociocultural alimenta horizontes de uma vida de aprendizagens, com o outro e com aquilo que não se trata do Mesmo.

Ao seu turno, este pesquisar trata o crescente índice de não aproveitamento acadêmico constatado como um arranjo de fatores (sofrimento psíquico; singularidades de um jovem na atualidade; dificuldades de aprendizagem; abalos ou contingências pessoais, sociais e econômicas; processos de subjetivação) que emitem seus efeitos sobre ele. Além de invólucros psicossociais e micropolíticos ativos, aí ensejam, igualmente, questões complexas da maneira como cada Curso de graduação vem conseguindo se constituir. Isto serve não apenas para graduações recentemente instituídas, mas para todas de modo amplo.

Há problemáticas como administrar suas dificuldades, no que concerne à falta de professores ou necessidades de outras instalações físicas, critérios de avaliação dos próprios Cursos e dos alunos. E isso serve tanto para aqueles Cursos que mantêm vivos jeitos antigos, como para todos que, de alguma maneira, não conseguem acompanhar as necessidades contemporâneas. Há, ainda, conflitos no que tange às instâncias curriculares e de formação de professores que, em alguns casos, podem trazer suas lacunas. Por isso, como afirma Guattari (2004, p. 94), não há como separar o aspecto

da saúde mental “dos problemas da pedagogia nem do necessário remanejamento das atuais práticas universitárias”. O autor complementa:

Como separar de modo absoluto os mecanismos de passividade, de bloqueio escrupuloso de um neurótico declarado, seus surtos de angústia na época de provas, da parte daqueles que conhecem os estudantes ‘normais’, problemas que eles superam, com maior ou menor grau de sucesso, mediante comportamentos estereotipados de estudar só para ‘passar’, de subserviência diante dos professores ou de oposição sistemática? (GUATTARI, 2004, p. 94).

Diante da potência que esse contexto educacional assume, e, imersa no compromisso profissional de pensar sobre as formas como os estudantes vêm se constituindo e que estratégias de ação surgiram daí, a personagem deu-se conta, novamente, da transformação que acabara de sofrer: *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa na Educação e na Clínica*. Ela foi percebendo que os abandonos, os baixos rendimentos e as infrequências denunciam, além do que fora mencionado, subjetivações que afloram de instâncias individuais e coletivas de resistências como possibilidade inventiva: *tornei-me uma anomalia sistemática e de repente notei que eu era o ator principal da minha própria vida* (Menino-lobo); de renúncias: *optar por certos caminhos é bater de frente com preconceitos e julgamentos, então prefiro viver em meu mundo* (Quixote); por testemunhos carregados de desejo e desterritorializações: *meu desejo é ir embora, para bem longe, onde eu não sei se existe, mas vou fugir, porque fugir servirá para aliviar, vou e volto* (ibidem).

A voz dos alunos das oficinas ressoaram um montante de estados de sensações e devires, que ficam a circular nas linhas tracejadas. Elas cartografam subjetivações em meio a uma vida universitária que se reverbera no campo imanente. Dessa forma, tam-

bém a aprendizagem, a qual não está indissociada das circunstâncias e contingências que o estudante passa na vida, pessoal, universitária, econômica, afetiva, engaja sua força como fractais. Há uma dimensão ético-política do existir que incide em sua infinidade de detalhes da subjetividade humana. Ao perguntar aos alunos das oficinas sobre as coisas que interferem em seus estudos, as respostas seguem a direção *das coisas que acontecem, nas interações com as pessoas*, sendo pois *um reflexo de dificuldade dentro e fora da Universidade*, em que *problemas penosos interferem muito na aprendizagem*.

O mundo é uma matéria infinita do lado de fora. O fora, portanto, se constitui em uma realidade virtual sempre pronta para arrombar o pensamento com seu montante de signos, os quais envolvem uma aprendizagem, uma sensibilidade. Ele é como um deserto vasto e infinito, imanente e conectado ao devir. Não se trata de uma exterioridade material a ser significada, um objeto no exterior a ser reconhecido, ou uma realidade transposta em verdade, mas carrega a heterogeneidade e a diferença (VASCONCELLOS, 2005; DELEUZE, 2010b).

Desse modo, os alunos expressam que há coisas de um fora carregado de sentidos, em que o pesquisar se ocupa das filosofias da diferença para “então extrair das opiniões um ‘saber’ que as transforma e que também se distingue da ciência” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 81). O pesar daquilo que se amalgama (não a um não aprendido especificamente) a um ruído no seu percurso. Isso se remete ao contexto universitário: *cobrança excessiva dos professores; imaturidade dos colegas; tudo que sofri no convívio social na universidade, seja na aula ou outros tipos de interação, pois há pessoas que são mais fortes de alguma maneira ao lidar com problemas e ainda assim conseguem êxito acadêmico, não é o meu caso*. Tempestades de signos que estão constantemente a invadir o cotidiano discente.

Os fatores que influenciam o aprender, que é acadêmico, mas também o é da vida, faz menção às questões de natureza econômica e cultural: *a falta de boas condi-*

ções financeiras faz com que eu me desanime muito para os estudos; estar sozinha em uma cidade diferente também é um fator; problemas penosos dificultam minha aprendizagem, por isso vejo que estou tentando ajuda com psicólogas e psiquiatras; ano que vem seria o ano de minha formatura, e ainda estou tentando trocar de curso. E, por fim, mas não menos importante, aquelas linhas que insistem em habitar territórios e obstaculizar o arejamento necessário a uma “gorda saúde”. São elas: estresse, cansaço; em momentos de fragilidade costumo não ser produtiva; me vejo indisposto, principalmente pelos problemas de saúde.

Um certo dia 26 no Instituto de Ciências Humanas

Sou violenta, sou violentada! Performatizaram vozes femininas, feministas, devir-outro. No percurso de intentar entender as subjetivações encriptadas/encrostadas nas falas, nos silêncios, nas escrituras dos alunos, encontrou-se soterrada em comoções de um fora. Reminiscências de um manifesto feminista que quer expressar todo tipo de coisas, mas que a si chega como um suplantar territórios inabitados. Afir-mam Deleuze e Guattari (2012, p. 73):

mas é certo também que as moças e as crianças não extraem suas forças do estatuto molar que as doma, nem do organismo e da subjetividade que recebem, elas extraem todas suas forças do devir molecular que elas fazem passar entre os sexos e as idades, devir-criança do adulto como da criança, devir-mulher do homem como da mulher.

Sem tecer algum juízo de valor, pois isso seria inútil nesse momento, novamente a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa na Educação e na Clínica* reporta-se a um caleidoscópio ou, quiçá, a um mosaico de embaralhados sen-

timentos. Ela teve seus rompantes de luta, de discórdia, de fugas literais de sua casa por não concordar com determinadas premissas familiares. Pois bem, não chegou a desgarrar-se por completo de seu lugar, seguiu caminhando por desvios necessários para respirar o mais profundo possível. Sexualidade, experiências com o considerado ilícito, posturas de rebeldia. Mas há intensidade, e também durações para o estado de coisas que se ponham em condições de se desterritorializar.

A personagem sentiu-se afectada, mesmo que em um cômodo confortável de sua casa, porém, acompanhando o processo do pesquisar. Ela, até hoje, não sabe se deveio mulher naquele instante, mas sentiu como se tivesse sido arrancada desse espaço e reportada telepaticamente para o exato instante do ato no ICH. Kastrup e Passos (2014, p. 25) afirmam que “não basta afirmarmos que as mulheres são diferentes e que respeitar seus direitos implica defender necessidades de gênero”, pois isto, pode incorrer o risco da “fixação da condição feminina em uma ‘necessidade’ de gênero como condição de ser mãe”, por exemplo. Dúvidas visitaram sua fé. Deleuze, em Prost, lhe mostrou que a memória implica “a estranha contradição entre sobrevivência e o nada” (DELEUZE, 2010b, p. 19), embora não o mais profundo, a memória incorre um meio de busca, nesse caso, algo que racha as bordas do eu, corteja anseios de um porvir, um tanto de involuntário que se pôs a dançar em sua mente.

Como se um espaço imanente se abrisse a seus pés e um buraco negro tão cheio de sensações se alastrasse, sentiu, no corpo aquilo que não se presente. São singularidades de momentos que acompanhou de longe ou de perto, estudantes universitários em suas lutas, sejam elas coletivas, sejam elas internas, ou como instâncias persecutórias.

Perfilou, então, por um pouco de loucura, um tanto de caos, uma **DesORdem**, necessários para construir novos territórios. Também eclodiu, em seu pensar, um tanto de vítimas e vitimizações de um mundo desigual, injusto. Parecia-lhe paradoxal lu-

tar por igualdades, levando em conta que os espaços estão repletos de singularidades, pois “a diferença e mesmo o direito à diferença pode ser um *slogan* nos dias atuais. [...] o mais importante é escapar das reivindicações do tipo identitário” (KASTRUP, PASSOS, 2014, p. 33).

Ela não intentou incorrer naquilo que, então, seja essencial ao humano, pois, também, não tratou de algo absoluto. Pensou: o aqui e agora o é. Quando aconteceram reivindicações expressas em greves, protestos, ameaças, por meio de algumas ocupações de Reitoria, os estudantes obtiveram avanços e benefícios. Lembra-se da aluna que falou das condições para atuar nas artes, do estudante que mencionou que, em encontros de casas do estudante, haveria uma infinidade de melhorias e comparações, ao mesmo tempo em que, também, havia reconhecimento de certo privilégio e gratificação em se estar na Universidade.

Então, a personagem pensou que esses movimentos de um coletivo estudantil podem enunciar o próprio movimento em si, o querer existir. Quantos estudantes não se sentem existentes para a própria família?; Ou não se sentem vistos pelo seu próprio grupo ou gueto?; Rebelar, revelar-se, reivindicar, re, re, tantas coisas, de novo e de novo, e diferente a cada vez; Res-singularizações. Não são como uma repetição reprodutiva, tampouco um repetir e um recordar freudiano, mas, sim, um reinventar-se ao se posicionar de outro modo. Em alguns momentos, aquilo que pareceu um exagero e até versou sobre uma linha de morte, Deleuze (1997) diria, acerca do beber, que insurge um grito de desespero. Quando não há outra coisa para pôr no lugar, resta, apenas, o desarrazoado comportamento de dar a ver a vertigem, as sensações cruas e nuas de um devir-animal, talvez.

O selvagem ou o não domesticado podem não ser suficientes para chocar pensamentos acostumados. Há um conjunto de pessoas. Elas se sentem violentadas pelo homem, sejam homens, sejam mulheres. *A psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que*

pensa na Educação e na Clínica não tratou de instalar um panóptico moral que ajuizasse as ações estudantis. O que ela queria ver era a brecha que estes deixam para que a sociedade e/ou a instituição educacional possa promover um espaço de existência, de convivência, de contenção, de sobrevivência das expressões que clamam por socorro, dos silêncios que estão velados por tantos outros estudantes (mas pouco se vê). Ela não quis ver os corpos sendo dóceis. Contudo, também não desejou que os corpos se queimassem, se cortassem ou, ainda, se automutilassem, se drogassem à revelia. Novamente “re”. Como entrar no meio? Pareceu-lhe fortemente necessário pensar na criação de territórios que deem conta das demandas estudantis hoje, nesse cenário educacional.

Mapas

O rizoma-Universidade, portanto, remete-se a um mapa “que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32). O espaço composto por trajetos forma um mapa extensivo, o qual deve ser compreendido em conjunto com o mapa intensivo, das densidades e dos devires que se passam entre as paradas no caminho. Ambos os mapas, dos trajetos e dos afetos, têm uma relação de mutualidade (DELEUZE, 2013b). Assim, “o trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem com o meio, mas, com a subjetividade do próprio meio” (ibidem, p.83).

No lugar de trajetórias historicomundiais de uma libido, de uma arqueologia psicanalítica ou mesmo de cartografias freudianas, há de se pensar nos trajetos cartográficos de uma personagem que se subjetivou a cada entremeio do pesquisar. Era preciso tomar um vento e respirar, sentir o vapor dos rastros que foram sendo deixados ao longo do caminho. Queria liberar algum resquício de representação que pudesse ter escrito.

Se “escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador”, como dissera Lispector (2013, p. 183), então, era urgente dar conta do asfixiante vazio que animava a decifração de signos. Sua necessidade se transfigurava, então, de fazer paradas nas paisagens percorridas nos trajetos dos estudantes e naqueles que lhe encharcavam de devires.

Atentou-se para as doses intensivas dos afectos que lhe(s) circulava(m). À deriva foi um dos lugares dos *intermezzos* da pesquisa. Talhou em movimentos de desconstrução e reconstrução dos territórios, como se experimentasse um Corpo sem Órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1999) que comportasse uma reorganização constante. O CsO, é “o campo da imanência, o plano da consistência própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer exterior, falta que viria a torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo)” (ibidem, p. 14).

Assim, com múltiplas saídas, os mapas desta pesquisa, surgem como algo em que vaze o desejo, transfigurando-se produtivos ao passarem por uma experimentação fundada no real (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Diferente do decalque, “o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio do corpo sem órgãos” (ibidem, p.22). Por meio de blocos de sensação – perceptos, afectos e vazios (DELEUZE; GUATTARI, 2012; 2013) das linhas rizomáticas, eles foram se circunscrevendo como algo novo se produzindo.

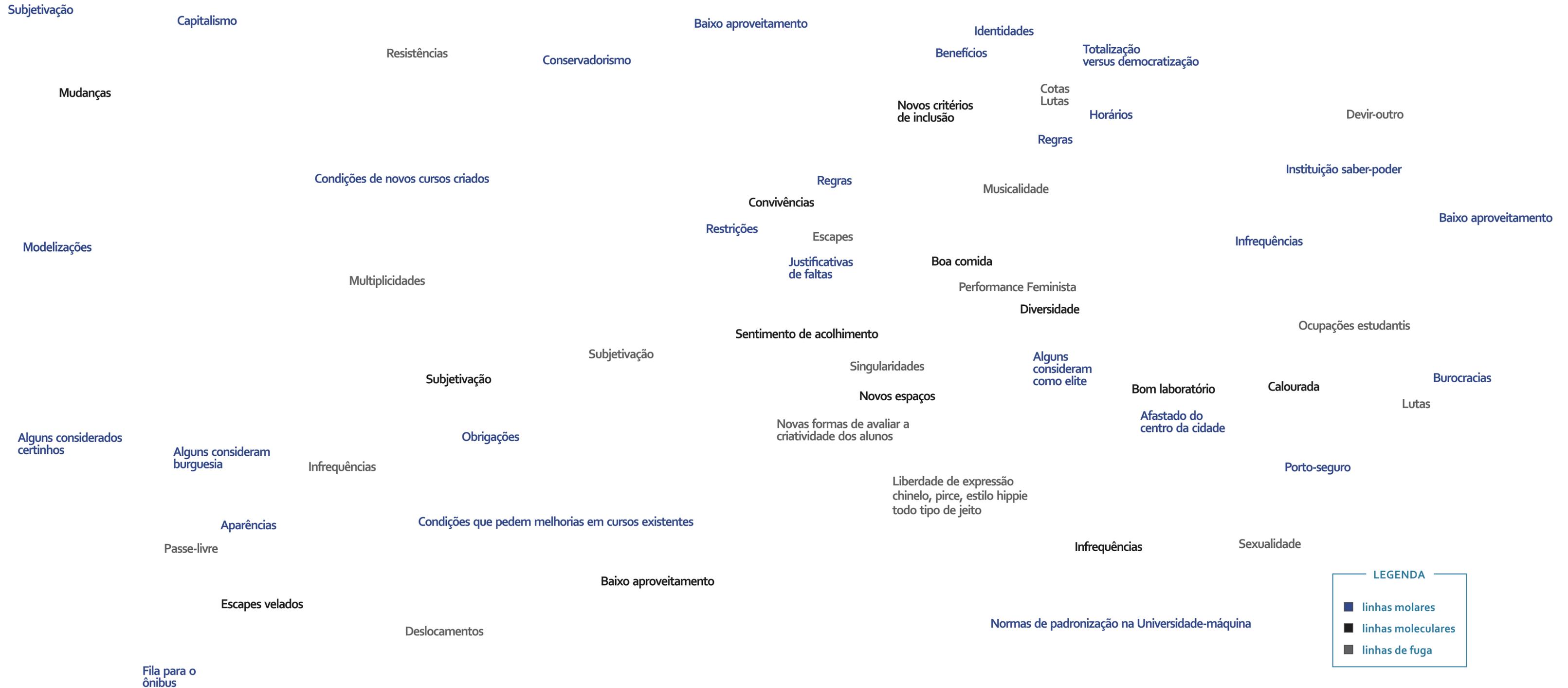
Isso também transformou a personagem em outra psicóloga. Estilhaços investigatórios foram agregando sentidos; uma pesquisadora que se vê aprendiz, que se desenvolve cartógrafa, que pensa na Educação e na Clínica. Mudanças que se prolongam na forma de dois mapas: (1) a captura de linhas (molares, moleculares e de fuga) que os estudantes das oficinas expressaram passar por entre a Universidade; e (2) a cartografia de uma personagem implicada no campo problemático. Ambos sob dois planos: o de trajetos, lugares de paradas, e o campo das forças que passam. Como cartografar

as subjetivações (de alunos, da personagem) em interface ao(s) seu(s) aprender(es)? Realidades que se movem nas multiplicidades de sua natureza de continuidade.

A personagem foi invadida pelos signos que povoaram sensações e fizeram durar, em forma de cartografias. “A duração não é somente experiência vivida, é também ampliada, e mesmo ultrapassada; ela já é condução da experiência, pois o que esta propicia é sempre um misto de espaço e duração” (DELEUZE, 2008, p. 27). Trajetos e devires que foram mapeando percursos, recuos, desvios, velocidades e constelações afetivas permitiram à personagem dar sentido às experiências. Logo, “como os trajetos não são reais, assim como os devires não são imaginários, na sua reunião existe algo único que só pertence à arte” (DELEUZE, 2013b, p. 89).

Mapear, menos retratar uma representação, pretendeu dar imagem ao seu pensar, bombardeada de signos que deram uma nova dimensão espaço-tempo. Não se tratam de mapas encontrados no *google earth*⁷⁰ e dados *a priori*, eles surgem como uma necessidade para pensar no próprio pensamento (DELEUZE, 2000), fruto de um processo de aprendizagem pelos caminhos desse pesquisar. Eles não são como uma imagem dogmática, tampouco um cogito de algo natural e de uma boa vontade, ou uma busca para problemas já feitos, mas tratam do próprio campo da experiência (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014) de inventar, no plano coletivo compartilhado entre alunos e a personagem. Dessa forma, ao pensar em fazer com que as coisas adquirissem consistência de uma vida, deparou-se com o movimento do próprio viver e com sua expansão, assumindo uma potência criadora. Construiu, então, um mapa sobre as linhas que os estudantes das oficinas demarcaram percorrer. Em seguida, pensou em um mapa cartográfico de seu processo de pesquisar, em seus trajetos e devires.

70. Programa de computador cuja função é apresentar modelo tridimensional do globo terrestre, a partir de imagens de satélite.



LEGENDA

- linhas molares
- linhas moleculares
- linhas de fuga



MEDICINA SOCIAL



PRAE



CONSERVATÓRIO



CEU



RU



ICH/FAECA



FAURB



COTADA



ANGLO



CAMPUS CAPÃO DO LEÃO



Devir-deserto-povoado

Devir-caçadora-de-borboletas-e-cigarras

Devir-egiptóloga

Devir-cartógrafa

Devir-borboleta

Devir-carrapato

Devir-militante-de-escrita

Devir-andarilha

Devir-aspirante-ao-mundo-das-artes

Devir-universitária

Devir-criança

Devir-mulher

Devir-pássaro

Devir-aprendiz

Devir-que-articula-educação-e-clínica



Uma outra clínica? Por um tempo de escrituras?

Após percorrer os trajetos dentre linhas, intensidades e afectos dos mapas, imersa no ambiente estudantil, a personagem, ao sair do enquadre, traçou linhas de fuga de um *setting* terapêutico. Não se contentou mais, apenas, com interpretações de um inconsciente representacional que viesse a se manifestar na fala, nos atos falhos, de algo que já estivesse ali para ser (des)coberto. Passando a ver o inconsciente como maquínico, isto é, produtivo, delineou outro modo de olhar desde dentro, a partir de um fora. Encontrou em Guattari (1988, p. 10), um “pensar o tempo contra corrente: imaginar que tudo o que vem ‘depois’ possa modificar o que era ‘antes’; ou então que uma mudança, no coração do passado, possa transformar um estado de coisas atual”. Avivou, em sua mente, que subjetivação, aprendizagem e mudança podem andar lado a lado, em um processo movente.

Uma nova direção inaugurou uma diferença, ínfima, e fez com que a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa na Educação e na Clínica* percebesse uma dimensão de inacabamento, não necessitando de algo que lhe conferisse um resultado final, pronto e fechado. Decerto que “não basta sequer, como faz a psicanálise, dar objetos proibidos às afecções repertoriadas, nem substituir as zonas de indeterminação por simples ambivalências” (DELEUZE; GUATTARI, 2013. p. 206). Não se tratou de deixar para trás o que, até então fizera parte de suas experiências, pois seus vestígios coabitam com os possíveis deslocamentos realizados. O que ela fez foi talhar territórios que lhe permitissem outro tom, diferentes acordes que arrancassem seu pensamento das coisas acostumadas. Então: “ali entraram com uma aragem que me deu susto de possível reboldosa” (ROSA, 1994, p. 157).

Na abertura das emoções, a personagem ganhou espaço para compor escrituras, escrituras e expressões do si, do mundo, que reverberam em prazer, arder, viver,

em um processo produtor de sentidos. Ela deparou-se com um lugar para desaguar-se, na necessidade de escrever, em que o papel torna-se, naquele momento, o melhor espaço para colocar cor às imagens impregnadas ainda de layout, não sabia mais no que vinha se transformando.

Insurgiu com mais força um devir-militante-de-escrita. Escreveu com sensações, escreveu sensações. Escreveu contra o medo (próprio; dos alunos), contra o vento que se aloja num respirar profundo que lhe aquiete o espírito, roubando uma espectral textura de afetos. Ela um dia pensou em ser escritora. Escreveu seus diários contadores de histórias, desejos e (des) amores. Tramou, desde aí, uma relação com as palavras, por vezes doces, suaves, outras vezes insanas e duras, quando em deslizamentos também foram rebuscadas e empoladas. Embaralhamento de letras que se fizeram bailarinas no corpo de um papel e no seu próprio pensamento.

O processo de escrita se (a) transforma na oportunidade de invenção do si e do mundo de um pesquisar. Ler, escrever e escrever deram a chance para criar outras formas de pensar sobre sua formação em psicologia e sua atuação no âmbito educacional, ancorando seu pensamento em possibilidades de subjetivações que não se fechem em sessões de terapia. Sobretudo, ampliou seu olhar para as forças das experiências dos alunos, rompendo paradigmas de uma aprendizagem dotada de fases, habilidades e identidades.

Falar sobre os alunos das oficinas configurou-se em um abandono de representações e em uma aliança com suas diferenças. Por isso, a intenção ensaística de fabular sobre alunos de uma cartografia transcorreu por nuances de suas linhas de uma historicidade emaranhada em incorpóreos criados no ato de enunciar palavras, afectos, perceptos da/na personagem. Seria o mesmo que falar sobre como os estudantes capturaram o coração ou o desarrazoamento deste estudo, no amontoado de coisas pelas quais transportaram seu pensamento e nos signos que se valoraram desse

contexto. Entre acomodações e resistências, as adaptações estudantis a lançaram para outras superfícies, nas veias de quem muitas e muitas vezes precisou se adaptar.

Estar apta
Numa adapta (ação)
Ora passiva, molar
Ora descontínua, abrupta, ativa

[rastros de uma escritura, mai. 2015]

Escrever está no meio, entre as coisas que lhe passaram. “Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida” (DELEUZE, 2013b, p. 11). Então, ela não escreveu com as lembranças de infância, mas por seus blocos que remetem a um devir-criança da imanência. Volver a los 17⁷¹, aprendiz de pensamentos que não param de inventar, como os musgos que crescem sobre a pedra em um pensamento fecundo.

A psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa na Educação e na Clínica, sem desprezar a memória veiculada ao inconsciente psicanalítico, encontra, na concepção cartográfica, um remanejamento dos mapas que foram se avistando. Menos um encontro com uma origem, mais um deslocamento de posições e estados de forças e intensidades, de um inconsciente que lida com devires e trajetos. Como lhe disse seu amigo Deleuze (2013b, p. 84), “o próprio da libido é impregnar a história e a geografia, organizar formações de mundo e constelações de universos, derivar os continentes, povoá-los com raças, tribos, nações”.

71. Música de Mercedes Soza que acompanha a personagem desde o ensino médio, durante um trabalho de escola.

Nessa cartografia do desassossego, muito mais que estampar um sorriso no rosto de um discente, da Universidade ou mesmo da personagem, foi saber chorar, pois, “às vezes não se precisa ter medo da angústia: ela pode ser fértil e dar frutos de alegria e pureza” (LISPECTOR, 2013, p. 206). Percorrendo as quatro linhas do tempo, encontrou, em Proust (DELEUZE, 2010b), uma chance de entender o que lhe acontecia: “é, portanto, nas linhas do tempo que os signos interferem uns com os outros e multiplicam suas combinações” (ibidem, p. 82). À medida que seu, então, amigo Gilles transcorre por quatro tipos de signos: mundanos, amorosos, sensíveis e artísticos, efetua uma relação no acontecer do tempo: tempo perdido, tempo que se perde, tempo redescoberto e tempo absoluto. Assim, viu-se imersa em suas misturas, entre memórias voluntárias de um tempo que se perdeu, inteligências de um tempo perdido, memória involuntária e imaginação de uma temporalidade redescoberta e, quiçá, um puro pensamento de um tempo absoluto.

A personagem lembra, vive, revive, reinventa-se. Saltaram dessas relações de temporalidade, as experiências de um ser estudante que se distanciou da família aos seus 15 anos de idade, para fazê-lo entre saudades e dores: a adaptação. Se houvera algum fastio de docilidade de seu corpo, nesse processo, pareceu romper com a conformidade, ou a utilidade apregoada por alguém, algo que lhe fizesse diferença.

Paulatinamente deu-se conta que seu lugar não era mais o que era e mudanças foram ocorrendo, outras cidades foram sendo habitadas, com a passagem temporal: Santiago, Santa Maria, Pelotas. Por entre sítios da psicanálise, análises institucionais, micropolítica do desejo deleuze-guattariana, sobrevém um devir-militante-de-escrita. Emergiu, daí, a perspectiva de uma Clínica que passasse pelos sentidos selvagens que a arte e a filosofia, a leitura e a escrita pudessem articular. Emergiram daí, deslocamentos em uma mesma territorialidade.

O vapor que evadiu dos estados de coisas (um texto, uma música, um filme, os dados quantitativos, o encontro com grupo de alunos) foi o acontecimento que permitiu que algo se transformasse nessa personagem. Conforme ela foi mudando, aprendeu. À experimentação de uma terra desconhecida e ao pesquisar, como em um estado de sobrevoo, incorreu num breve mergulho no caos.

Na inversão das palavras, de uma perspectiva escritural, nas criações feitas de uma escrita-pela-leitura e de uma leitura-pela-escrita (CORAZZA, 2011b), no reverso dos sentidos, no abandono de convicções e em estado de devir, a personagem, como em um devir-animal (DELEUZE; PARNET, 1997), se colocou à espreita do acontecimento. Não aquele que simplesmente acontece, mas no que acontece àquilo que emite um sinal, não podendo mais lhe escapar. Sentiu a ventania da arte criando sensações e da filosofia ladrilhando conceitos no percurso do pesquisar e do que a moveu a escrever.

Se a filosofia é a arte de fabricar conceitos e a arte faz do acontecimento uma sensação, pensar passa por dar consistência ao caos. Ele é menos uma desordem, mais uma velocidade infinita (DELEUZE; GUATTARI, 2013). Ao cortá-lo sobre um plano de imanência, a personagem pôde ir construindo, solo e horizonte, ao mesmo tempo em que as subjetividades foram emergindo. Assim, sendo o pensamento ponto nodal da filosofia, aprender, nessa perspectiva, passou pela colisão com os signos que a forçaram pensar, dando a ver uma diferença: “mais importante do que o pensamento é aquilo que faz pensar” (DELEUZE, 2010b, p. 29).

Sim, ao se deparar com os signos emitidos pelos alunos, documentos, e textos fizeram-na inquieta. Contudo, essa inquietação foi aguçada por seu encontro com materiais artísticos das oficinas e os que se fizeram presentes durante todo esse período investigatório. Para Deleuze (2010b), os signos da arte têm privilégio sobre os demais (mundanos, amorosos, sensíveis), pois não dotam de opacidade e afirmam vida em

sua potência, sendo, pois, “a própria arte [...] objeto de um aprendizado” (ibidem, p. 47). Logo, compreendeu um modo de intervenção nas formas de aprender, sob a estratégia de experimentações textuais, artísticas, filosóficas, educacionais, clínicas, em que a escrita “como tal prevê a modalidades de oficinas como possibilidades da pesquisa ser realizada por seus próprios participantes” (DALAROSA, 2011, p. 21).

Na dissolução de fronteiras entre arte e vida, a personagem adentrou territórios estudantis *coletivos* ao se configurarem relacionais; *políticos* pelas forças que interagiram; *éticos* em função do conjunto de referências para o existir e *estéticos* pelas formas de suas constituições e expressões. Nessa direção, a arte criadora de perceptos e afectos “luta efetivamente com o caos, mas para fazer surgir nela uma visão que a ilumina por um instante” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 240), nesse conjunto de interações.

As sensações que provocaram um efeito de mudança no seu pensamento, também se agenciaram às variações dos conceitos no campo imanente, dando consistência a um novo estado, a outra forma de sentir e agir. E, uma vez que as escrituras possuem ressonâncias da Arte, da Filosofia e da Ciência, a *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa na Educação e na Clínica* assume o compromisso ético de cuidado com as escrituras dos alunos e com as escrituras que foram produzidas a partir daí, as quais tiveram o ofício de fazer proliferar suas afecções. Sendo, pois, a ciência criadora de funções, uma função é uma desaceleração de um estado de coisas, “desacelerar é colocar um limite no caos, sob o qual todas as velocidades passam” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 140).

Dessa forma, na articulação que as escrituras têm com o método cartográfico, propuseram problematizar e desconstruir noções de letramento que implicassem conceitos de sujeito e realidade. A escrita convocou o pensamento a uma experimentação de potência, marcada por revelações dos estranhamentos que traçam uma linha “tênue entre aprender e devir, o plano do devir é folhado” (DELEUZE; GUATTARI, 2013,

p. 62). Em estado de ebulição, encontraram-se larvas de outros modos de existência, prontas a eclodir num processo de proliferação de sentidos: novos modos de sentir, pensar, agir, ser, estar, escrever. Entre lampejos de linhas escritas, folha após folha, lapiseira, teclado, ensejou a necessidade das palavras. “Numa palavra, o fundo vibra, se enlaça ou se fende, porque é portador de forças apenas vislumbradas” (ibidem, p. 215).

O limite “não está fora da linguagem, ele é o seu fora: é fruto de visões e audições não languageiras, mas que só a linguagem torna possíveis” (DELEUZE, 2013b, p. 9). Uma linguagem que passa pelo não aproveitamento acadêmico discente, que passa por um muro de subjetivações escorregadias, que passa por efervescências das singularidades e devires da personagem.

Aprovar para quem? Arouver?

Não aprovar e que seja *laissez-faire*

O que denuncia?

Des-nuda?

Nu?

Nu como?

Um corpo sem vestes, sem rótulos, sem órgãos?

Denuncia que se desnuda de amarras, sulcos e fluxos de vida

Nem tanto o céu, nem tanto a terra

Há o que se nega, há todo tipo de coisa

De jeitos de ser

Formas que se transformam

[rastros de uma escritura, jul. 2015]

Conceber diferentes instâncias individuais, coletivas e institucionais, afirmam-se na produção de novas subjetivações através da transversalidade (GUATTARI, 2004). A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa na Educação e na Clínica* se pôs a entender que, além de pulsões que dançam na volição do sujeito-indivíduo e dos diferentes grupos e guetos, existem forças que sobrepujam o instituído, dando a ver algo novo. São movimentos coletivos que fazem menção às verticalidades e às horizontalidades que intentam uma repetição do Mesmo, mas que escapam, aumentando o grau de comunicação e relações, que cada vez mais plurais.

Há, pois, um devir de fluxos que se atravessam na zona das virtualidades existenciais. Onde tudo está por acontecer – o fora, as singularidades de uma virtualidade, estabelecem, em um ínfimo tempo, uma relação de criação e destruição, envoltas em uma dose de indeterminação. Assim, “uma partícula atual emite e absorve virtuais mais ou menos próximos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 173). O virtual torna-se a potência de um possível, como, por exemplo, a virtualidade de um estudante de arquitetura tornar-se um arquiteto e este, por sua vez, construir uma casa.

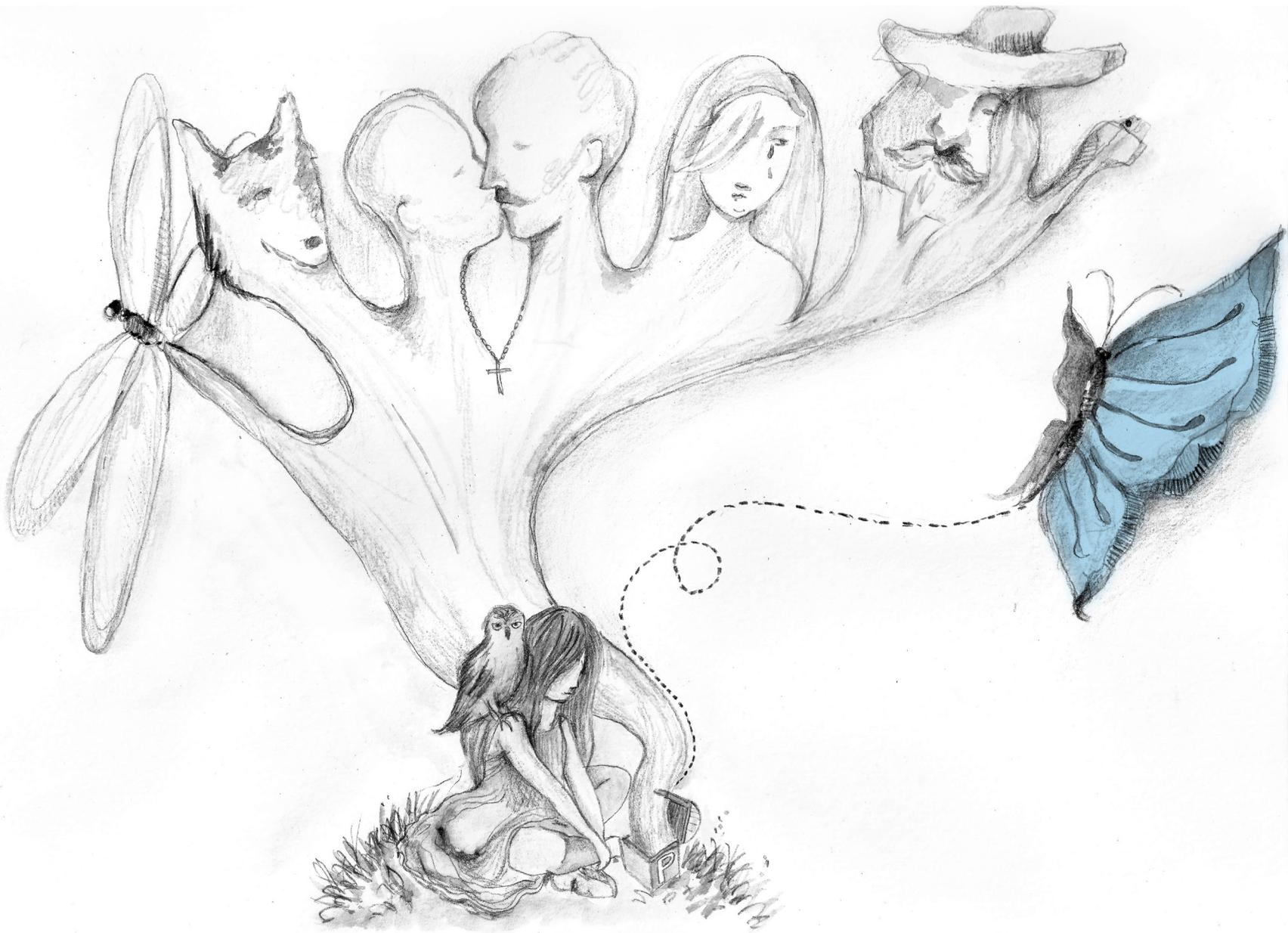
O virtual de uma outra Clínica transfigura-se em ambientes de convivências entre os alunos, oficinas filoartísticas e de uma ciência permeável à existência de um jovem-aluno-mutante-nômade em devir. Por isso, ela pensou sobre o rizoma quando pensou Educação e Psicologia. Não trata de um emaranhado de possibilidades aleatórias, mas de um possível construtivismo de diferentes formas de operar com o ensinar e o aprender, com a psique humana.

A personagem perfila pelas transformações que acontecem e estão a se efetuar no seu corpo, no corpo da pesquisa. Menos uma psicologia social que apregoe bandeiras libertárias das expressões, tampouco *settings* terapêuticos que se ensurdecem de Édipos que aprisionam à repetitividade enfadonha. Isso configuraria um recado “para os militantes revolucionários que, seja qual for o ângulo, se acham en-

volvidos com a loucura, com a neurose” GUATTARI, 2004, p. 305). E, assim, se engajar “cada vez mais, com a juventude, a infância, a criação, afora o problema de apreender o alcance sintomático do desvio como recurso de interpretação do conjunto do campo social” (ibidem).

A personagem necessitou outro modo de pensar a Clínica no contexto educacional, em transcrições, escrituras em meio à vida, invenções que potencializem o pensamento. Em Passos e Benevides (2003, p. 85), percebeu que “a clínica se apresenta como um campo de problemas a serem resolvidos exigindo o esforço intelectual de construção de estratégias de intervenção”. Em contrapartida, para os autores, ela também pode se constituir “como um campo problemático a ser criado, exigindo o esforço intuitivo de desmontagem dos problemas estabelecidos e a invenção de novos problemas, de novos modos de existência” (ibidem).

Ela já não é mais a mesma
Perdeu-se na infância do mundo
Nas memórias indecifráveis de jovens estudantes
Que trazem um pedacinho de ar
Pausas para respirar, será?
Cartografias que se cruzam na imanência do pesquisar
Algo se mistura na epifania de seus desejos
Fragilidades e fortalezas de se constituir jo-vem
Um dia já o foi
Deixa abertas as portas
para que o vento do que vem se transformando entre
Marcas de um corpo
Quase 4 décadas



Duas gestações

Traços vincados nos canto dos olhos, no buço, um susto

15 anos se passaram de sua formatura

Uma página regada de saudade

Continua aprendendo

Aprende a desaprender

A alçar outros voos, novos pousos

Mergulha no mar, adentra tempestades

Fluxos de vida

Navegar por entre águas de solidão

Já tem idade para aguentar

E sentir os pés descalços no chão

Metamorfoses que vê em si,

nas subjetivações dos que nasceram nos anos 90

tecnologias que capturam seus nativos

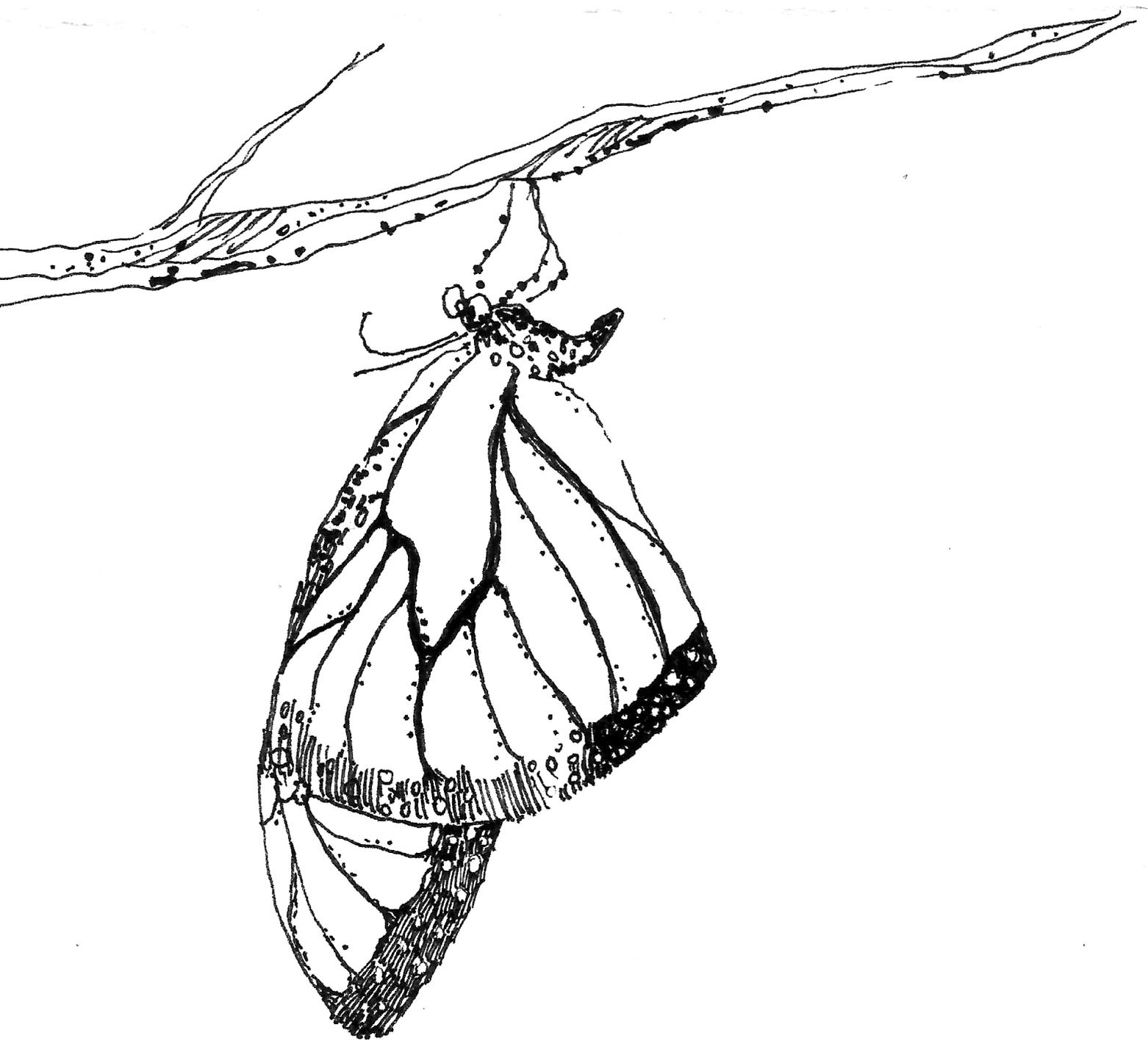
digitais de uma era democrática e global

que fabrica direitos, deveres, algo construído historicamente,

mas algo está diferente

há uma máquina de singularidades

[rastros de uma escritura, nov. 2015]



VI

*De tudo ficam os afetos que
pedem passagem*

A cada respiro, irrompe no pesquisar uma possibilidade, uma brecha, um devir. Batendo à porta de seu pensamento, dizem: “Queremos passar”! São os afetos que pulsam nesse processo de tornar-se outra. A personagem que entra nessa cartografia de um desassossego como *psicóloga*, com suas experiências dentro e fora da Universidade, foi ganhando outras roupagens subjetivas. De um *clinos* (deitado) e de uma suposta relação hierárquica terapeuta-paciente, ela toma a Clínica com um sentido de *clinamen*, em que átomos caem no vazio e colidem, produzindo o novo, afastando-se, nesse momento, da concepção tradicional da posição passiva. A necessidade de existência afirma-se nas linhas de desterritorializações que passa a percorrer. A narrativa, então, nesse trecho, ganha potência afirmativa; menos conta um tempo verbal passado, e mais do campo vivido do presente, o qual é como “o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão” (LISPECTOR, 2013, p. 59). Remonta a rota tracejada e as forças produtivas que dela emergiram. Sobretudo nas misturas de um passado e um presente, pois “o tempo é exatamente a transversal de todos os espaços possíveis, inclusive dos espaços de tempo” (DELEUZE, 2010b, p. 123).

A personagem, em sua primeira transformação – *psicóloga-pesquisadora* –, põe-se a perscrutar as composições discentes por entre documentos, históricos acadêmicos, dados de uma constituição de um real e sua dimensão ética. Uma realidade capaz de figurar sua força de atualização por entre tabelas e linhas invisíveis dos afectos e perceptos que se afirmam como coisas que se impregnam na alma pesquisadeira, arrastando-a por linguagens, imagens e imanências. Em seu devir-carrapato, se gruda naquilo que pudesse denunciar o que “estaria” por trás de um não aproveitamento acadêmico. Depara-se com um caleidoscópio estudantil.

Com a suavidade que era capaz, a personagem tomou entre os dedos, vastos desertos ao redor de campus universitários. Entre ritornelos, passagens e fluxos, foi dando língua aos afectos. Contudo, ficava a reverberar seu problema de pesquisa, revi-

sitando, a cada vez, os modos pelos quais os estudantes estavam a se constituir em face ao seu aprender em meio à vida universitária.

Percebe, então, que tais processos de produção de subjetividade denunciam formas de ser sempre prontas para serem abandonadas em seus contornos provisórios. Uma juventude sem idade, mas prenhe de singularidades. No *intermezzo* de suas moradias, geografias, Cursos, reopções, infrequências, não aproveitamentos acadêmicos, composição familiar, vínculos com estudo e trabalho, ela encontrou a melodia de uma cartografia a se mover, em que “os acordes são afectos” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 194).

Até que, em algum instante, a personagem, esbarra-se com as subjetivações colmatadas à temática do aprender inventivo (KASTRUP, 2007), suspeitando que seja em função da territorialidade que opera nos limites de uma cumplicidade entre subjetividade e invenção. Nessa direção, aprender passa por habitar um território. Tal como uma toca kafkaniana, “à custa de muito escavar e morder, raspar e bater, é a minha fortaleza” (KAFKA, 2001, p. 33). Se habitar um território configura uma familiaridade, também encerra a possibilidade de acolher o novo. Uma Universidade que acolhe tantas outras possibilidades.

Os signos que sacodem o pensamento, da personagem e dos alunos, reconfigura as subjetividades dessa cartografia, abre frestas para a inventividade, simplesmente pelo fato de impedir que seus habitantes continuem sendo os mesmos. “Não se abandona o que se é para devir outra coisa (imitação, identificação), mas uma outra forma de viver e de sentir que assombra ou se envolve a nova e a faz fugir” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 24-25).

Se aprender passa por fazer bifurcar e diferenciar a cognição, a perspectiva da invenção mantém o aprender sempre em curso, por meio de agenciamento e aberta aos afectos. Nesse sentido, a personagem não pode dizer que o discente universitário

não passou por aprendizagens por ter atingido um percentual abaixo de 70% no aproveitamento acadêmico.

Obstáculos no percurso do desempenho universitário fazem com que os estudantes afirmem sua desterritorialização. A produção de subjetividade é acionada no processo de aprendizagem, conectando-se às múltiplas linhas (molares, moleculares, de fuga), ao mesmo tempo. Isso revela que o sofrimento psíquico que insurge no tecido social investigado, constrange o pensamento, forçando-o a um aprender: “sempre vejo o traumatismo mais como uma construção, do que como alguma coisa sofrida” (GUATTARI, 1996, p. 16).

Entre cosmos, caos e osmose, o pesquisar implica-se à processualidade da encarnação de um território existencial, deparando-se com o nascimento de linhas escapatórias. Assim, perdas, tratamentos psicológicos, separação de pais, mudanças de cidade e de moradias, insatisfação com Curso, parecem denunciar uma determinada fragilidade, também formam um rizoma, ramificando linhas que forcem o estudante a encontrar outras entradas e saídas para suas cargas.

Por isso, se uma frágil saúde, como afirma Deleuze (2013b), dá acesso ao vivido, pois aquilo que irrespirável e extenuante produz aberturas ao devir; isto põe a pensar que muitas vezes o aluno cansado ou mesmo em adoecimento, encontra-se sensível às experiências, em que subjetivações dão a deixa para a criação de mundos. A subjetivação seria a própria fuga nas linhas cartográficas no percurso da investigação.

Uma vez que a concepção de aprender passa pela invenção, abraçando toda uma vida, seria demasiado representativo promulgar uma identidade ao aluno como aquele que tem dificuldades e não consegue estabelecer uma relação próxima com o saber, formando cristalizações em seus hábitos. “Aprender a aprender é, então, também paradoxalmente, aprender a desaprender” (KASTRUP, 2007, p. 225). É, pois, aprender em meio a uma existência. Uma aprendizagem que pode, ou não, dar lugar à

inventividade em um movimento diferencial do pensamento, conduzindo involuntariamente as faculdades mentais à disjunção de elevá-las ao encontro e à violência que se comunicam.

Não obstante, a personagem que se põe a pesquisar, ao ir à caça de subjetivações no universo estudantil, percebe-se aprendiz tanto quanto os alunos. Sem posições hierárquicas, se mune de arte, filosofia e ciência para compor um grupo em escrituras. Nas oficinas, ela vira *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*. Implicada no contexto investigado dos pés à cabeça, finda em um devir-caçadora-borboletas-cigarras e afins. Fundamenta seu fazer na experiência compartilhada pelo plano coletivo de formas e forças, traçando uma rota de fuga para que expressões subjetivas pudessem irromper o campo problemático. Encontros com alunos, matérias, textos, sala, afectos, fazem transversalizar a criação de novas formas de existência. O aprender torna-se, com mais potência, indissociado dos modos de subjetivação.

A personagem, ao mergulhar nos possíveis modos de ser e aprender dos jovens universitários, perpassa por seu cotidiano, circunscrevendo-se pelas subjetivações que o impulsionaram. Desde um emergente, por vezes frágil, cuidado de si, da roupa lavada, do xerox e dos cadernos em dia, quilômetros percorridos até a Universidade, passos apressados para chegar a tempo no restaurante universitário, encontros negados em prol de isolamento para momento de estudo, convites sociais no *facebook*, leituras em meio a tumultos nos corredores, a difícil tarefa de conviver e dividir espaços com outros.

Ela adentra nas transformações discentes. Elas perpassam por entre os burburinhos dos corredores da Universidade, por entre as fumaças nicotizadas deixadas pelos encontros na frente dos prédios, vozes que formam, às vezes, zumbidos. Pistas foram sendo deixadas pelos passos dos alunos, por vezes lentos, outras vezes apressados, braços carregando livros, cadernos e afetos, ou sentados com um copo de café ou

outra coisa qualquer, por um momento de esperar em uma fila de todo tipo de coisa. O anseio de se formar na Universidade parecia caminhar ao lado do desejo de seguir o curso da vida, por entre as aprendizagens que escoavam de seus territórios, nas expressões daquilo que lhes fazia vibrar (ou não) e nas veredas de uma produção por algo que os transformasse, em incessante processo de ser e viver.

Sentada à beira do caminho, a personagem, ofegante, fica, por um instante, imóvel, espiando os afetos que ali passavam. Avista uma política inventiva, de encontros provocativos. Sopra um vento rolnikiano que lhe diz: “o contorno de uma subjetividade delinea-se a partir de uma composição singular de forças, um certo mapa de sensações” (ROLNIK, 1999, p. 2). Assim, pôs-se a cartografar, vagando e percorrendo territórios de uma vida em meio aos agenciamentos, desacorçoando as formas sedentárias de pensar.

Ela é compelida a se colocar em diferentes estados de sensação, tornando obsoletos modelos esquadrinhados e identitários. Foi convocada a criar figuras que dessem corpo às aglutinações que iam se compondo. Por isso, não apenas ganha suas transformações, mas também cria aquelas que arrastam as histórias dos alunos das oficinas, por meio de fabulações. Um imaginário e real que podem se justapor em uma mesma trajetória, “duas faces que não param de intercambiar-se” (DELEUZE, 2013b, p. 85).

Aprendizagens das oficinas

Fazer emergir elementos de um virtual que se atualiza no mundo das criações de um ser estudante universitário na contemporaneidade, em um processo de devir. Esta foi uma das intenções da *personagem psicóloga-pesquisadora-aprendiz*

– por meio de atividade poética construída pelo que é lido e escrito ou vice-versa, engendra expressões que se efetuam pela abertura da experiência escritural, aflo-
rando subjetividades dos participantes e dela própria, criando seus textos nas ofici-
nas e em meio à vida.

Ela pensa, novamente, em sua questão de pesquisa: Como as subjetivações discentes vêm sendo produzidas em interface ao seu aprender em meio à vida uni-
versitária? Ela passa a olhar para as aprendizagens que atravessam o próprio proces-
so do pesquisar. Lembra-se de Gilles, novamente, o qual lhe diz que se não sabe pre-
viamente como alguém aprende, pois há multiplicidades que invadem o encontro
com aquilo que força a empreender algo singular. Ela então aprende com os signos
que violentam o pensar no pensamento. Desde seu encontro com Deleuze, ela põe
a pesquisa em movimento, algo que estava sedentário e inativo para transformar-se
em algo novo, dando a ver uma diferença. Mesmo que esta seja pequena, já será ca-
paz de desterritorializar algo preconcebido e de partir para outra composição.

Aprende, também, desgarrando-se de impedimentos cognitivos, para inau-
gurar jeitos outros de produzir algo, de ler e escrever. Imbui-se que a palavra, o dito
e o não dito, na voz e nos silêncios dos discentes abrem direções. Como em uma
distração das falas acostumadas e representacionais de algo já existente, faz outras
relações, dizendo o que já não podia dizer. Tenta criar brechas para outros modos de
articulação com a escrita, a leitura, a vida. Algo sempre em vias de transformação, de
variadas formas, em estrangeiriedades que fazem saltar forças criadoras, entre linhas
rizomáticas, cheiros, imagens, afetos que fluem em ondas de intensidade.

Na oficina “liberdade”, experimenta a aprendizagem por meio de blocos de
infância, atravessamentos transcendentais trazidos pelos alunos. Eles dão a ver algo
de feminilidade, de um devir-mulher que passa por certas sensibilidades. Porém, ela
percebe que “quanto mais se degladiam os gêneros, mais se afirmam as identidades e

menos canais se abrem para as diferenças” (ROLNIK, 1996, p. 4). Utopias e paradoxos estão a circular por entre um corpo que libera um misto de medo e coragem pelos seus poros.

Na oficina “solidão”, o que fica mais potente em seu aprender perfila pela frase de Alice: “pensar é solitário”. Uma solidão tão povoada quanto uma ilha desértica, é capaz de fazer perder-se e se achar a uma fração de segundos. A *psicóloga-pesquisadora-aprendiz* pôde então, distanciar-se da imagem dogmática de alguém sozinho, quase em posição fetal, exalando tristeza. Descobre, na solidão, uma potente oportunidade para pensar suas próprias subjetividades, flexíveis e cheias de devires, encontrando, nela, a liberdade de um mundo de possíveis.

O encontro oficinairo sobre o “corpo” lhe trouxe uma ligação com a alma. Percebe, com mais força, o corpo que cansa em uma enxurrada de papéis que se vive nos dias de uma atualidade. Tentando se afastar dos binarismos que cristalizam identidades, observa, mais uma vez, os paradoxos vividos nas minorias, quando querem escapar do julgamento e do olhar do outro sobre si, seu corpo, suas aprendizagens. Contudo, por vezes, perdem-se nesse labirinto social, reproduzindo estereótipos.

Nessa direção, avista ritornelos. Ora se encontra em um buraco negro que a(os) puxa(m); ora se(os) pega submergida(os) em um estado de coisas e “poses” que intentam forjar uma fagulha de sentido; ora consegue afirmar algo que escape a tudo isso. Seriam como as linhas que se sobrepõem, molares e duras, moleculares e flexíveis e de fuga. Assim, “o ritornelo inteiro é o ser de sensação. Os movimentos são ritornelos” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 218). A questão do corpo também deu a pensar nos estudantes, e que reverberam, no ato de pesquisar, o feminino e a sexualidade em amplo espectro.

Na oficina sobre o “desejo”, repara que o mesmo agencia-se com o corpo, emoções, sensações, as quais se atualizam em produções do si, no aqui e no agora

das relações que são estabelecidas com o mundo. O desejo é produção de tudo aquilo quanto possível de compor em suas relações de aprendizagens com a vida. Já na temática “amor”, pôde observar que se aprende também com a dor (perdas, sofrimentos), e que este afeto está nos vínculos de modo amplo (namoro, família, amizade, estudo, profissão). Isto é, há multiplicidades que se desdobram e que nem sempre se figura algo prazeroso; podendo haver sentimentos hostis. Pode haver encontros que violentem o pensamento e os transformem (alunos e a personagem) em alguém que tenta decifrar aquilo que os arromba.

Ela aprende a tomar a subjetivação estudantil como um dispositivo para pensar seus processos, suas transversalidades nos territórios existenciais de um jovem sempre outro a cada dia. Por entre palavras que insistem em fugir, a vitrola ao fundo imprime suas notas de desejo na ação pesquisadeira e encontra, nos escritos dos alunos, uma força que denuncia: mais espaços assim, oficinas de ser, para ler, escrever, dizer, expressar, que se fazem necessários na Universidade. Uma Clínica de escrituras, como um ambiente de vida. Menos um espaço que o aluno situe sua existência, mais um processo de constante produção de si, autocriação permanente. Possibilidades de afetar e ser afetado, com construtivismos que se empoderam de colocar problemas.

Entende que as escrituras podem transbordar o imaginário da linguagem, desocupando territórios que evoquem identidades, para que desejos sejam liberados nos movimentos entre os corpos. Além disso, mostra, por meio dos dados que colheu nas oficinas desenvolvidas, o quanto a força escritora reverbera em dispositivo potente para pensar e criar. Ela investiu no percurso de aprendizagens inventivas, acionando formas e forças por meio de atividade poética construída pelo que é lido e escrito ou vice-versa. Observou, ainda, que expressões são engendradas na medida em que se efetua pela abertura dessa experiência, aflorando subjetividades naqueles que tecem seu texto em meio à vida.

Linhas de Subjetivações

Quando se transforma em *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa*, olhar atento ao material produzido pelos alunos, com eles e em si, dá-se conta que, embora reconheça o desassossego que emerge daí, também percebe que podem sair da situação que se instaurou. Ela indaga-se, sobre a vivência em outros tempos, de uma dura repressão na sociedade, entre ditaduras, exílios, censuras e, aos poucos, ou por meio de solavancos, a explosão da conquista pela liberdade de expressão e democracia, a qual alcançou decibéis por vezes quase insuportáveis pelo ouvido humano. Assim, a humanidade passa por uma “subjetividade de natureza industrial, maquinica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 33).

Entende que não se trata de contrapor as relações econômicas e subjetivas, mas de conceber que toda espécie de aprendizado consiste em deslocar-se em todo um ambiente maquinico (a família, a cidade de origem, a infância, o universo das tecnologias). Desse modo, a subjetivação estudantil na contemporaneidade, pode estar submersa em produções de relações sociais, em que a modelização de comportamentos e de sensibilidades podem assumir a dimensão de subjetivação capitalística. Percebe que, às conexões estudantis que incorporam modos de apreender o que lhes cerca – por meio de mudanças científicas e biológicas, informacionais e midiáticas, ao entrar na Universidade – algo lhes escapa. O que se enuncia poderá “incidir nos pontos de singularidade em processos de singularização que são as próprias raízes produtoras da subjetividade em sua pluralidade” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 36).

Logo, verifica que, nas condições capitalísticas e de uma sociedade de controle, com o poder econômico e as modelizações, fazem emergir um território existencial de (1) um estudante “aprisionado” ao que o “outro” espera dele e que não se sente livre. Ele vê a Universidade e as coisas como uma “obrigação” – uma subjetivação que

no ínfimo instante que ela surge, não dá vazão à criação; remete-se a uma imagem do pensamento representacional e dogmático em uma linha molar.

Depois, ela enxerga que as (2) condições (econômicas, sociais, institucionais, familiares, religiosas) impulsionam o estudante a traçar uma linha de fuga, um deslocamento, para que novos territórios existenciais sejam avistados. Eles desejam outras formas de aprender e viver. Lutam, então, em seus feminismos, homossexualidade, crenças religiosas ou ateísmos, fluxos que se passam nas veias da Universidade, lugar de aprendizagens, dos bancos acadêmicos, da vida. Fazem um deserto povoado, de afectos, por seus bandos, cheios de potências.

Diante de desterritorializações nas formas de pensar, advindo de encontro com signos que o movimenta, o aluno cria problemas, inventa possibilidades, quer seja nos trilhos dos colegiados, das salas de aulas, encontro com professores, quer seja nas relações com o mundo. Pensam no pensamento e são capazes de aprender a inventar novos jeitos de fazer as coisas de suas vidas. Contudo, paradoxalmente, por vezes, incorrem em vulnerabilidades (físicas, psíquicas, econômicas, sociais) – ou pela duração da desterritorialização que não chega a encontrar um pedaço de terra para se firmar; ou por uma minoria que se põe a majorar e pode criar estratificações molares.

Ainda, observa que os (3) processos subjetivos ocorrem em condições de sensibilidade: afectos, que põe o estudante a traçar movimentos de desterritorialização e retorritorialização que o transforma em devires-outros. Ora ele vivencia as frestas da liberdade (ocupações, performances, movimentos estudantis), ora incorre em representações endurecidas (ao ver-se obrigado a algo), ora fura o tecido das relações com o que lhe afecta (quando consegue um modo de ser e estar que produz diferença). Traçando ritornelos e percebendo que o intolerável mexe com as formas sedentárias do pensamento, resiste e cria novas possibilidades de vida.

Nos vazios e nos povoados desérticos que perfilam os modos de ser discente – em parte com medos, inseguranças, narcisismos –, circunscreve-se uma potência de vida, que pode ser ativada por um trabalho de criação de outros movimentos, novos modos de subjetivações que reverberem sentidos capazes de deslocar o que se encontra dado. Capturar modos de ser e estar, em um fluxo processual de afecções, oportunizou, à personagem, romper com certas estruturas pré-moldadas, onde os corpos-aprendizes lhe pareciam inertes e passivos.

No percurso da pesquisa, ela se transforma novamente: *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa na Educação e na Clínica*. Assim, frente às mudanças no cenário de ingresso ao ensino superior e seus subsequentes impactos, como aumentos da população acadêmica e da diversidade sociocultural, entende que emerge a necessidade de se perceber as alterações que a Educação e a Clínica, nesse contexto, necessitam para acompanhar as singularidades que emergem de outro modo de ser e estar jovem. Que as avaliações acadêmicas, os modos como vêm sendo concebidos o ensino e a aprendizagem possam perfazer, do aprender discente, cadências subjetivas que o impulsionem para a invenção de si e do mundo. Algo de minoritário, um tantinho de criação no desvio dos caminhos da representação para dar a palavra ao fluxo de forças de singularização e de criação de territórios existenciais.

Ela aprende a olhar para uma juventude em devir-criança que briga, esperneia, delira, deseja, expõe-se por garatujas, por muitas coisas, em suas vidas e na Universidade. Em que pese que esta seja melhor, com avaliações mais “justas” no entendimento de um estudante que vem sendo subjetivado na Instituição Educacional, na casa e na família que lhe garantam meios de enfrentamento dos cálculos e das complexas interpretações textuais das disciplinas de graduação.

Ritornelos estudantis rondam no horizonte do pesquisar: sair e se divertir sem pensar no amanhã; amanhã se pensa melhor; recuperar o tempo e as aulas que faltou,

com a força e vigor de uma juventude de um tempo redescoberto. A Universidade, o currículo, a didática, as avaliações, a assistência estudantil, a psicologia – tudo isso se mistura quando a personagem pensa no aluno e naquilo que de político, social, econômico, invade suas experiências e lhe subjetiva de formas diferentes a cada momento, dando-lhe novas aprendizagens.

Na rizomática Universidade, a subjetividade não foi tomada como “recipiente” onde se colocam coisas, mas sim de produzir heterogeneidades, a qual pode ser vista como uma micropolítica das articulações, não do indivíduo centrado, mas as que envolvem a individuação. Dessa forma, a multidão imbricada nos alunos não pode ser representável, mas preche de forças produtivas em constantes movimentos pelos vãos das coletividades, onde “as coisas só começam a viver pelo meio” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 45), em multiplicidades que intentem “criar população no deserto” (ibidem, p. 22) e inaugurem novos possíveis modos de aprender.

Linhas de transformação

Em suas transformações, a personagem, que constantemente se transforma em *psicóloga, psicóloga-pesquisadora, psicóloga-pesquisadora-aprendiz, psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa, psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa na Educação e na Clínica*, resiste e cria outras direções para sua prática no atendimento aos alunos. Transforma-se em *Pandora*, em que sua caixa pode ser o aluno, a Universidade, as relações a partir daí.

Aquilo que conhecia de-cor-e-salteado sofre rupturas: funções mentais do ego, intervenções psicanalíticas, desenvolvimento humano. Com um pedaço de realidade social ao alcance de suas mãos, pensa, matuta, combate, perverte tudo aquilo

que lhe direcionava ao individual, no máximo com nuances sistêmicas. Os jovens e seus entornos; contornos de uma existência ganham outros movimentos (alguns podem até perpassar critérios nosológicos). Não pensa que irá descartar a psicologia que, até então, conhecia, mas fazer vaziar marcas de uma vida que escabela seus pensamentos. Isso a faz sentir vontade de alçar outros voos, pousos diferentes ao modo de uma *Pandora* em devir-pássaro.

Busca, então, com todo o cuidado possível, por entre a sofreguidão de olhar para a majestade chamada normalidade, nos bueiros onde as águas se avolumam, um gesto devagar, de uma vida tecelã; tecer escritas insanas. Movida por interiores e mobilizada por um montante de signos que lhe injetaram produção de desejo, *Pandora* se estranha, adentra em universos de aprendizagens. Em uma política inventiva, desconfia da fixidez, prefere os devires. Ela nota que nem improvisado, nem caminhos seguros e estáveis podem dar conta da inventividade necessária dos territórios existenciais que emergem de uma era de singularidades que inflamam o tecido social. Sob o risco do engano, as escolhas são feitas do que favorece a expansão da vida.

Queria poder irrigar a pesquisa em Educação e Psicologia com virtualidades desbravadas na geografia intensiva de suas afecções. Contraindo, então, um olhar nômade sobre as presenças marginais de substâncias que alimentam o pensamento. Um pensar que cria problemas em torno das subjetivações que assolam o aprender em meio à vida, em meio a uma vida que se coloca a investigar.

Em um sopro de coragem, ela atreve-se a sugerir a criação de novos mundos (pelo menos isso traz sentido para ela); raspando da representação, outras possibilidades de bem-viver, ultrapassando atitudes recognitivas. Mancha clichês como: o aluno tem que se adaptar ao ambiente da Universidade; ele precisa assumir um comportamento emoldurado pelas regras de convivência; é mister ele se dedicar aos estudos e entrar no esquema das avaliações permanentemente. Ela entende que, das subjetiva-

ções que circundam daí, pode-se muito mais, ramificando-se por outros lados.

Os alunos e seus movimentos inquietos, vesgos, sinuosos, por vezes se portam como baratas tontas sem saber em qual abismo se atirar ou sair. Eles vagam por entre as paisagens empreendidas como máquinas sibilantes e se debruçam no pensamento de *Pandora*. Acostumada a promover a escuta, ela se lança em uma nova virtualidade e ouve as vozes daquilo que está em vias de se diferir.

Se o sintoma era visto como a ponta do iceberg de um mundo inconsciente e sombrio, amedrontado pelos traumas, passa a compor, com a função protetora de contemporaneizar o mal-estar e a suportar aquilo que o tempo redesenha. Força de resistência que atualiza diferenças e que tem potencial de transformar um desvigor provisório num desassossego que põe em estado de emergência o novo. Ganha fôlego para uma Clínica capaz de reafirmar a heterogeneidade das subjetividades.

Ao capturar subjetivações dos estudantes, percebe que as escrituras possibilitaram a eles e a ela própria, uma direção para a expressão, dando pistas para que uma nova prática pudesse ser vislumbrada. Ao transformarem alguma poeira em algo novo, ou ao menos movimentar o aprender em meio à vida que se dá pelos encontros (com signos, pessoas, materiais da arte e filosofia), quebram estruturas por meio de escritas potentes, algumas nem tanto. Destas, advêm sinais colhidos em que o não aproveitamento se relacionou muito mais com resistências que com não aprendizados, muito mais com desistências que com dificuldades cognitivas, muito mais por sofrimento e impedimento de frequentar as aulas do que por descompromisso.

Ao percorrer por entre mapas e seus movimentos, imergir em afectos que brotam da experiência, de se fazer dissertação, adentrou, também, todo um campo do possível, de um tempo virtual que não necessariamente se atualiza. Fiska a oportunidade de um vínculo, não mais como uma interpretação em termos psicanalíticos, mas com uma tradução por um tempo de escrituras. Parafraseando Corazza (2013):

o que se transcria em Clínica? Entre a personagem e um vagamundear as coisas: um disjunto, uma fenda. Uma Clínica que articule educação, psicologia, filosofia e escrituras. Um olhar ético e político para com as necessidades de existência que se transformam a cada dia, que estão a emergir. Um olhar não sobre um objeto específico e representável, mas que alcance um conjunto de forças que o constituem. Um aluno, suas aprendizagens, seu não aproveitamento, suas doses de exagero, suas linhas de fuga – singularidades que lhe permitem criar um novo território, uma subjetivação inventiva.

Uma outra Clínica no contexto educacional: que trabalhe com singularidades, multiplicidades, produção de sentidos nos processos de subjetivação; tratando, pois, de um coletivo (de forças, de pessoas, do desejo) que se encontra sempre em vias de aprender, inventivamente, ou não. Crie vacúolos no pensamento para que se possa pensar outras formas de fazer, sentir, pensar, ler, escrever as coisas da vida. Um deserto, sempre pronto para partir do zero e se reinventar, afinal, “a ilha é também aquilo em direção ao que se deriva” (DELEUZE, 2006, p. 7).

Pandora aprende os paradoxos que o aluno vive: ele acha que é livre para fazer escolhas (não ir às aulas, não estudar, estudar, ir ao barzinho etc.), mas não se sente livre. Ele se encontra na solidão para pensar, produzir, mas não quer estar sozinho (busca seus guetos, seus bandos; há aqueles que se encapsulam numa toca autística ou covil). Deseja o amor livre, ser amado, viver livremente sua sexualidade, mas, em alguns momentos, incorre em amarras, vínculos de dependência, obrigações de seguir uma modelização das relações e das instituições.

Esses paradoxos, por vezes, deixam o jovem perdido, inseguro, vulnerável, produzindo *subjetivações* que o engessam em um aprender recognitivo (DELEUZE, 2000); *subjetivações* que clamam por escapes ao traçar desterritorializações que promovem algo novo, escapando de uma aprendizagem pela reprodução do Mesmo (ibidem); *subjetivações* que se ritornelam, movimentos contínuos que se diferenciam na

mínima repetição que enseje uma variação, em que jaz uma diferença (ibidem). Elas se cruzam, se misturam, coexistem, não cessam de se transformar.

Dessa forma, das subjetivações de uma cartografia do desassossego, emerge um devir-aprendiz, onde cada coletivo e cada singularidade descobrem outros modos de operar com os saberes do mundo, potencializando, ou não, a ação de pensar. A ação pode ocupar um lugar no aprendizado. Não se trata de um ato sensoriomotor e receptivo (KASTRUP, 2007). Ela enseja uma sensibilidade, que contrai e tensiona o estudante, podendo introduzir uma mudança, mesmo que ínfima.

Contração de uma subjetividade capaz de se reinventar. Uma invenção que não precisa ser extraordinária. Ela é do campo do vivido, das experiências, das formas como o jovem vem se constituindo, atravessando a cotidianidade. A aprendizagem na direção adotada, das Filosofias da Diferença, passa pela inventividade e pela experiência de problematização.

Após um caminhar por dados, possíveis modos dos estudantes estarem se constituindo, *Pandora* percebe que saltar desse trampolim quantitativo se compõe a um quantum de forças que se remetem ao contexto do universitário para além de caminhos retilíneos de uma prática clínica no contexto educacional. Esta, por sua vez, precisa perpassar por tortuosos e ordinários percursos da vida, experiências do vivido que se encrustam nas memórias e que se presentificam na imanência de se aventurar pelo entremeio dos buracos negros.

Achados que reverberam em seu pensamento. Relações que ensejam sentido entre o aproveitamento acadêmico e as variáveis como a idade, a naturalidade, o estado civil, ter filhos e o acompanhamento psicológico. Estudantes que na maioria possuem entre 20 e 23 anos, mas, em alguns casos, não se consideram jovens. Para além de uma passagem do tempo e dos acontecimentos, o estudo provou o gosto das subjetivações maquínicas, que se agenciam com o mundo, aos movimentos de revolta

e de diferentes autonomias (GUATTARI, 1985). Isso foi catalisando, na personagem, a imagem de um jovem que parece não ser desse planeta, ele encontra-se em mutação, e não se sabe com clareza seus devires iminentes.

O menor aproveitamento acadêmico (12,5%) era apresentado pelos estrangeiros e, dos demais estudantes, apesar de muitos serem de outros estados (10,8%) e cidades do Rio Grande do Sul (36,9%), a grande maioria se constituía da cidade-sede da Universidade (52%). Esses dados, somados à quantificação daqueles que moravam sozinhos (66,9%), remonta a um caleidoscópio na mente de *Pandora*, isto é, se todos que eram naturais de Pelotas morassem com suas famílias, por que, este resultado apresentou apenas 20,5%? Ou seja, há um índice alto de quem não vive com suas famílias, apesar de 290 estudantes (de 557) serem da cidade de Pelotas. Isso também fica a ressoar em seu pensamento, pois corrobora com um desejo de individuação do jovem estudante de arcar com sua própria vida e de transformar suas contingências em sobrevivência.

O dado do aproveitamento acadêmico ter forte relação ($p \leq 0,05$) com o acompanhamento psicológico, indica sua consubstância com os outros estudos, como em Schnorr; Rodrigues; Osório (2014), Zago (2006), Cerchiari; Caetano; Faccenda (2005), Silva, et al. (2011) e Vallilo et al. (2011). Eles demonstram que os universitários, em suas dúvidas e subjetividades na nova vida, podem sofrer depressão, ansiedade e estresse emocional, ligados à falta de confiança na capacidade de desempenho ou autoeficácia, desencadeamento de distúrbios psicossomáticos, em intensidade que produz o adoecimento. Contudo, essas adversidades que podem assolar seus territórios, imprimem uma potência de vida, pois o corte no caos, as sensibilidades possibilitam um deserto do qual podem se reinventar, criar problemas, na multiplicidade e singularidade das experiências.

Assim, mais do que produzir elementos numéricos, foi dar a pensar articulações entre efeitos e estratégias. Considerou os movimentos caleidoscópicos que os estudantes podiam estar vivenciando em meio às transformações de um contexto do ensino superior. Eles ganharam voz à medida que deflagraram as dificuldades enfrentadas para além de uma epistemologia da aprendizagem ou que se remetesse, apenas, aos critérios de avaliação dos diversos cursos de graduação que têm sido criados: trata-se dos modos de subjetivação no curso da vida.

Entretanto, *Pandora*, prenhe de coisas que ficaram a borbulhar na pesquisa, como um tição para o seu pensamento, sente também seus malogros. Escuta a voz de Lispector (2013, p. 11): “O fracasso me serve de base para eu existir. Se eu fosse um vencedor? Morreria de tédio”. Portanto, se cartografar é acompanhar processos (BARROS; KASTRUP, 2014), importa, também, aquilo que não funcionou e os elementos que possam ter ficado em exclusão. Do calor de um quantitativo, findam brasas que, ao mínimo gesto pesquisador, reacende chamas estudantis. Muitos dados cruzados acabaram não aparecendo ao longo do texto, e isso se deu em função das afecções que foram emergindo, sendo incluídos alguns dados colhidos e outros não. Outro motivo foi a questão do tempo. Um tempo perdido e necessário para com os estudos, o cuidado de um olhar para aquilo que se passava, sempre em vias de um tempo redescoberto. Reverbera que muito ainda teria a dizer, analisar, investigar, problematizar.

Como, por exemplo, desses quantitativos: 55,4% dos alunos pesquisados eram bolsistas de alimentação e transporte e apenas 21,3% possuíam essas bolsas mais a da moradia. Em relação à área dos Cursos, a maioria (43,6%) era das Exatas. Os Cursos mais frequentes foram: Meteorologia, Enfermagem, Agronomia, Matemática, Química, Ciências da Computação e Ciências Biológicas. No entanto, seus índices variaram entre 3,8% e 8,5%, isto é, uma baixa prevalência, haja vista que existem muitos outros Cursos (62,8%) da Universidade.

Foi possível observar que 68,8% dos alunos obtiveram, em uma ou mais disciplinas, um aproveitamento acadêmico acima do considerado esperado e, em semestres anteriores, 83% chegou a atingir tal condição satisfatória. Isso denuncia que a infrequência ganha protagonismo na média configurada abaixo de 70%. Diante de um universo de disciplinas infrequentes e com notas abaixo do esperado (163 e 258 disciplinas, respectivamente, em 2013/1), encontradas na investigação, há de verificar, de igual forma, a capacidade de êxito acadêmico. A prevalência de pior nota demonstrou disciplinas que correspondem a Cursos também de área exata, quer sejam: Cálculo (14,7%), Física Básica (2,2%), Geometria Analítica (9%). Muitas relações analíticas poderiam emergir daí.

Diante do banco de dados criado, outros cruzamentos poderiam ter sido realizados, tais como: relações entre alunos que moram sozinhos e a naturalidade; pais separados e moradia; perdas e acompanhamento psicológico; infrequência versus aproveitamento; o índice de maior infrequência versus a natureza do Curso; quantos tiveram baixo aproveitamento em 2013/1 de forma isolada; índice de infrequência de quem fez reopção, entre tantos outros. Teceria, assim, maiores relações entre os dados e a vida que os estudantes, naquele momento, tal como um simulacro (DELEUZE, 2000), poderiam demonstrar.

Das coisas que não operaram na direção de uma aprendizagem inventiva, estive um tanto de frases clichês, *a liberdade de um, vai até onde a do outro termina*, que pareceram, em meio a tentativas criadoras, uma reconhecimento inerente ao processo de conhecer (DELEUZE, 2000), por meio de um (re)conhecimento necessário, mas que finda identitário. Algo que também não teve força, foi a oportunidade dada aos alunos, participantes das oficinas, para colocarem sugestões e construírem juntos os encontros. Nesse sentido, apenas dois sugeriram materiais da primeira para a segunda oficina. Isso denunciaria, também, que, de certa forma, a participação mais forte foram de alguns, o

que se pode ver nas falas e escritos. E, por fim, a oficina “amor” lhe pareceu com menos potência que as demais; não sabe se por ter sido a última, ou pelos materiais, ou outras possibilidades. Ressaltando que a carta desta oficina transmitiu muitos signos à personagem. Ainda poderá vir a inferir mais coisas pelas quais não operou.

Latejam, enfim, torções do pensamento de uma *psicóloga* que assume personagens transformáticas que pensam o humano no mergulho pelo movimento analítico e das subjetivações discentes. Pode pensar, agora, então, novas práticas que venham a provocar algum fastio de vida, transformando algo na realidade de estudantes, em um *continuum* estado de devir, sulcos de diferença que venham tentar produzir sentidos.

acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos
(DELEUZE, 2013a, p. 222).

Referências

ADACHI, Ana Amélia Chaves Teixeira. **Evasão e evadidos nos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/HJPB-7UPMBA>> Acesso em: 12 mai. 2014.

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Literatura potencial. In: **Caderno de Notas 5** Oficina de Escrita: arte, educação, filosofia. Editora Universitária UFPel, 2013. p. 207-215.

AGAMBEM, Giorgio. **A potência do pensamento**. Tradução de António Guerreiro. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 52-75.

BARROS, Leticia Maria Renault; BARROS, Maria Elizabeth Barros. O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP V.; TEDESCO, S. (Orgs). **Pistas do Método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. v. 2 Porto Alegre: Sulina, 2014. p.175-202.

BELLOUR, Raymond. A dupla hélice. In PARENTE, A. (Org). **Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual**. São Paulo: Ed 34, 2011. p. 214-230.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência. Comunicação em: **II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da educação**. Porto Alegre, 2009.

CERCHIARI, Edinéia A. N., CAETANO, Dorgival, FACCENDA, Odival. Prevalência de transtornos menores em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**. Natal. v 10, n 3, p. 413-420 set/dez 2005.

CÉNDAR, Janaína Mariano; SILVA, Fábio Hebert da, BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. v.2. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 153-174.

CORAZZA, Sandra Mara. **Caderno de notas 3**. Didático de criação: aula cheia. Coleção escrituras. Porto Alegre: UFRGS. 2012.

_____. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

_____. Escrita n-1: procura arisca de fins intransitivos. In: AMORIN, A. C.; MARQUES, D.; DIAS, S. O. (Orgs). **Conexões**: Deleuze e vida e fabulação e... Rio de Janeiro: De Petrus et Alii, 2011. p. 143-167.

_____. **Projeto de pesquisa**: Escrituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. Plano de trabalho. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/ INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011.

DALAROSA, Patrícia Cardinale. “Escrituras: um modo de ler-escrever em meio à vida” Observatório da Educação/CAPES/INEP. In HEUSER, Ester Maria Dreher (Org.). **Caderno de notas 1**: projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011. p. 15-29.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução Peter Pál Pelbert. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio D’Água, 2000.

_____. **Empirismo e Subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Tradução de Luiz B. L. Orlandi 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

_____. **O ato de criação**. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jun. Caderno Mais. 1999.

_____. O esgotado. In: **Sobre o teatro**: um manifesto de menos; o esgotado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Proust e os signos**. Trad. de Antonio Piquet e Roberto Machado. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **A ilha deserta**: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed 34, 2008.

_____. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbert. São Paulo: Ed 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **El Anti Edipo**: Capitalismo e Esquizofrenia. Barcelona: Paidós, 2004.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.3. Tradução Aurélio Guerra Neto, et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012.

_____. **O que é Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **L'Abécédaire de Gilles Deleuze**. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.

_____. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

EIZIRIK, Claudio Laks; KAPCZINSKI, Flávio; BASSOLS, Ana Margareth Siqueira (Orgs). **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre: artmed, 2001.

ESCÓSSIA, Liliana; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças no plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. p.92-107.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio** versão 5.11a. São Paulo: Positivo Informática Ltda., 2004.

GIL, José. Prefácio: O alfabeto do Pensamento. In: DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

GUATTARI, Félix. Guattari na PUC: Encontro de Félix Guattari com o Núcleo de estudos e pesquisa da subjetividade. Programa de estudos Pós-graduandos em Psicologia Clínica. PUC-SP. In: **Cadernos de Subjetividade**. v.1, n.1. PUC-São Paulo, 1993, p.9-28.

GUATTARI, F. A produção de subjetividade. In: PARENTE, A. (Org). **Imagem-máquina**: a era das tecnologias do virtual. São Paulo: Ed 34, 2011. p. 177-191.

_____. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **O inconsciente maquínico**: ensaios de esquizoanálise. Tradução de Constância Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: Papyrus, 1988.

_____. **Psicanálise e Transversalidade**: ensaios de análise institucional. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

_____. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.
GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. ed. 12 Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

HEUSER, Ester Maria Dreher. Estudos em torno da busca de um começo pra pensar: do poderoso Eu ao “impoder” essencial do pensamento. In: MONTEIRO, S. B. **CADERNOS DE NOTAS 2**: rastros de escrituras. Canela: UFRGS, 2011. p. 45-65

_____. Fábula da existência seguida de notas sobre fabulação. In: CORAZZA, S. M. (Org). **Fantasia de Escrita**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KAFKA, F. **Carta ao Pai**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **O covil**. Tradução de José Gaspar Simões. Belo Horizonte: Ed Itatiaia, 2001.
KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014. p.32-51.

_____. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, dez/2005.

_____. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs). **Pistas do Método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2 Porto Alegre: Sulina, 2014.

KIRST, Patrícia Gomes. Redes do olhar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (orgs). **Cartografias e Devires**: a construção do presente. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **As Palavras**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

NAKANO, Marilena; ALMEIDA, Emir de; VILAR E VILAR, Maria Elena; MARIANO, Vanderlei. Novas gerações de jovens universitários-trabalhadores: trânsitos entre físico mundo e o território numérico: novos desafios à pesquisa. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012, Porto de Galinhas/PE. **Anais eletrônicos...** Porto de Galinhas/PE, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT03%20Trabalhos/GT03-1731_int.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2014.

NEVES, Marly C. C.; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** v. 56, n. 4. Rio de Janeiro, 2007.

NONTICURI, Amélia Rodrigues, SCHRAMM, Renata Carpena, SOUZA, Juliana Antunes, OSÓRIO, Lisandra Berni, KUNRATH, Romério Jair, RODRIGUES, Carla Gonçalves. Estímulo à aprendizagem mediante a promoção da saúde dos alunos da UFPel: uma tarefa transdisciplinar. In: XVI ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2014. **Anais eletrônicos...** Pelotas: UFPel, 2014. p. 1-4. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_01422.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2014.

OLIVEIRA, Maísa Aparecida de; FERNANDES, Maria Cristina. da S. G. A atividade discente na universidade: caracterização dos estudantes e impactos da produtividade acadêmica. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013, Goiana. **Anais eletrônicos...** Goiana: UFG, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt14_trabalhos_pdfs/gt14_2874_texto.pdf> Acesso em: 14 dez. 2014.

PARENTE, André. Os paradoxos da imagem-máquina. In: PARENTE, André (Org). **Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual**. São Paulo: Ed 34, 2011. p.7-33.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Ale-

gre: Sulina, 2014. p. 109-130.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; BENEVIDES, Regina. Complexidade, transdisciplinariedade e produção de subjetividade. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (orgs). **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PERBART, Peter Pál. **Vida Capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

RODRIGUES, Carla Gonçalves. O dito e o não-dito da formação de professores nesta contemporaneidade. In: HEUSER, E. M. D. (org). **Caderno de Notas 1: projeto, notas e ressonâncias**. Cuiabá: UFMT, 2011.

RODRIGUES, Carla Gonçalves; MESQUITA, Camila Rodrigues; WIKBOLDT, Josimara Schwantz; GIUSTI, Juliana Vernetti; SCHNORR, Samuel Molina. Oficina Tramas e usos do passeio urbano: por uma estética professoral. In: RODRIGUES, C. G. (ORG). **Caderno de Notas 5 Oficina de Escriteiras: arte, educação, filosofia**. Editora Universitária UFPel, 2013.

ROLNIK, Suely. **Guerra dos gêneros & guerra aos gêneros**. Ensaio escrito para Trans. Arts. Cultures. Media (nova York), n 3 de revista. 1996. Disponível em: <<http://caosmo-se.net/suelyrolnik/pdf/genero.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2015.

_____. **Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea**. In: SANTAELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge Albuquerque (ORGS). **Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências**. São Paulo: Face e Fapesp, 1999. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/novascaos.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2015.

_____. Subjetividade em obra: Lygia Clark artista contemporânea. In: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio (Orgs). **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de cultura e desporto, 2002.

_____. **Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia**. Núcleo de estudos sobre subjetividade. 2005. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>> Acesso em abr. 2014.

_____. **Cartografia sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROSA, Guimarães J. **Grande Sertão: veredas**. Nova Aguilar, 1994.

SANTIN, Andrea C. A.; CUNHA, Patrícia R. C. da. Políticas públicas de educação no ensino superior: a implementação do programa reuni e do Sisu na Universidade Federal de Pelotas. In: XIV ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2012. **Anais eletrônicos...** Pelotas: UFPel, 2012. p. 1-4. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/enpos/2012/anais/pdf/CH/CH_00653.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2014.

SCHÉRER, René. Aprender em Deleuze. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1183-1194, Set./Dez. 2005

SCHNORR, Tainá Molina, RODRIGUES, Carla Gonçalves, OSÓRIO, Lisandra Berni. Investigação do sofrimento psíquico. In: XXIII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2014. **Anais eletrônicos...** Pelotas: UFPel, 2014. p. 1-4. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_00698.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2014.

SILVA, V. L. dos S.; CHIQUITO, N. do C.; ANDRADE, R. A. P. de O.; BRITO, M. de F. P.; CAMELO, S. H. H. Fatores de estresse no último ano do curso de graduação em enfermagem: percepção dos estudantes. **Revista de Enfermagem (UERJ)**, v. 19, n. 1, p. 121-6, 2011.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, E.; KASTRUPV.; TEDESCO, S. (Orgs). **Pistas do Método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2 Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 92-127.

VALLILO, N. G.; JÚNIOR, R. D.; GOBBO, R. NOVO, N. E.; HÜBNER, C. V. K. Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Clínica Médica**, v. 9, n. 1, p. 36-41, 2011.

VASCONCELLOS, Jorge. **A ontologia do Devir**. Kalagatos. Revista de Filosofia do mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE, Fortaleza, v. 2 N4, 2005, p. 137-167. Disponível em: <<http://www.uece.br/kalagatos/dmdocuments/V2N4-A-ontologia-do-devir-de-Gilles-Deleuze.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2014.

XAVIER, Alessandra; NUNES, Ana Ignêz B. L.; SANTOS, Michelle Steiner. Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do sujeito na universidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza. v. VIII, n. 2, p. 427-451, jun/2008.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11. N. 32, p. 226-237, mai/ago 2006.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução André Telles, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/wp-content/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

Lista de Figuras

Figura 1: Desenho realizado por Capitão

Figura 2: Desenho dos Cursos de graduação dos alunos das oficinas, Idealizado por Osório, fonte: Sampaio, 2016.

Figura 3: Foto de alguns materiais, fonte: Osório, 2015.

Figura 4: Foto do Acróstico de Alice

Figura 5: Foto: sala das Oficinas da PRAE/UFPeI, fonte: Osório, 2015

Figura 6: Foto da janela da alma1, fonte: Alice

Figura 7: Foto da janela da alma 2, fonte: Borboleta

Figura 8: Foto da janela da alma 3, fonte: Capitão

Figura 9: Foto da janela da alma 4, fonte: Cigarra

Figura 10: Foto colcha das colchas, fonte: Osório, 2015.

Figura 11: Foto materiais de composição da carta, fonte: Osório, 2015.

Figura 12: Fluxos-territórios-naturalidades-afectos-alunos

Figura 13: Desenho Jovem-em-mutação 1, idealização: Osório, Fonte: Gustavo Oliveira (2016).

Figura 14: Desenho Jovem-em-mutação 2, idealização: Osório, Fonte: Gustavo Oliveira (2016).

Figura 15: Foto de calourada, fonte: site da UFPeI

Figura 16: Mapa 1 - Territórios-Universidade-linhas-intensidades-alunos

Figura 17: Mapa 2 - trajetos-afectos da personagem

Figura 18: desenho de Pandora, idealização: Gustavo Oliveira, fonte: Gustavo Oliveira, 2016.

Figuras de abertura de capítulo: Metamorfose, fonte: Gustavo Oliveira, 2016.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Variáveis que apresentaram associação significativa com o aproveitamento acadêmico dos alunos bolsistas da PRAE/UFPeL. Fonte: Osório, 2014.

Tabela 2: Variáveis de moradia, de trabalho e acadêmicas. Fonte: Osório, 2014.

Lista de Abreviaturas e Siglas

AMCE – Associação dos Moradores da casa do estudante
ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEU – Casa do Estudante
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC – Ministério da Educação
OBEDUC – Observatório da Educação
OTs – Ofinas de Transcrição
PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
RU – Restaurante Universitário
UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso
UFPel – Universidade Federal de Pelotas
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Anexos

Anexo 1

Ficha orientadora de dados da pesquisa quantitativa

1. Dados de Identificação

- 1.1 Sexo
- 1.2 Naturalidade (Estado)
- 1.3 Se for do Rio Grande do Sul, naturalidade (cidade)
- 1.4 Estado civil
- 1.5 Tem filhos?
- 1.6 Se sim, quantos
- 1.7 Escolaridade/ 1ª graduação
- 1.8 Trabalha atualmente
- 1.9 Se sim, natureza do trabalho (formal/informal)
- 1.10 Já trabalhou anteriormente

2. Situação Acadêmica

- 2.1 Curso atual
- 2.2 Curso (matutino/vespertino/noturno/integral/diurno)
- 2.3 Modalidade (tecnólogo/bacharelado/licenciatura)
- 2.4 Curso semestre
- 2.5 Já fez reopção?

- 2.6 Se sim, que curso fazia
- 2.7 Se sim, curso de reopção (matutino/vespertino/noturno/integral/diurno)
- 2.8 Modalidade (tecnólogo/bacharelado/licenciatura)
- 2.9 Aproveitamento 2013/1
- 2.10 Aproveitamento 2012/2 e 2012/1
- 2.11 Aproveitamento 2011/2 e 2011/1
- 2.12 Infrequência em pelo menos uma disciplina 2013/1
- 2.13 Quantas disciplinas infrequentes 2013/1
- 2.14 Qual (quais) disciplinas infrequentes 2013/1
- 2.15 Infrequência em pelo menos uma disciplina em 2012/2
- 2.16 Quantas disciplinas infrequentes em 2012/2
- 2.17 Qual (quais) disciplinas infrequentes 2012/2
- 2.18 Infrequência em pelo menos uma disciplina 2012/1
- 2.19 Quantas disciplinas infrequentes em 2012/1
- 2.20 Qual (quais) disciplinas infrequentes 2012/1
- 2.21 Infrequência em pelo menos uma disciplina 2011/2
- 2.22 Quantas disciplinas infrequentes em 2011/2
- 2.23 Qual (quais) disciplinas infrequentes 2011/2
- 2.24 N° de disciplinas matriculadas em 2013/1
- 2.25 N° de disciplinas matriculadas em 2012/2
- 2.26 N° de disciplinas matriculadas em 2012/1

- 2.27 Nº de disciplinas matriculadas em 2011/2
- 2.28 Disciplinas trancadas 2013/1
- 2.29 Disciplinas trancadas 2012/2
- 2.30 Disciplinas trancadas 2012/1
- 2.31 Disciplinas trancadas 2011/2
- 2.32 Nome da disciplina pior nota 2013/1
- 2.33 Nota
- 2.34 Nome da disciplina com melhor nota 2013/1
- 2.35 Nota
- 2.36 Disciplina pior nota anterior a 2013/1
- 2.37 Qual semestre estava?
- 2.38 Disciplina melhor nota anterior 2013/1
- 2.39 Qual semestre estava?
- 2.40 Bolsista integra (alimentação/transporte/moradia)
- 2.41 Bolsista de quais programas (transporte/alimentação/auxílio moradia/casa do estudante/ auxílio deslocamento/material odontológico/pré-escolar/ transporte e alimentação, outro)
- 2.42 Não recebeu alguma bolsa por falta de vaga/verba da PRAE e aguarda?

3. Estrutura Familiar

- 3.1 pais separados
- 3.2 número de irmãos

3.3 Morte de familiar

3.4 se sim, qual? (pai, mãe, irmãos, pai e mãe, outro)

3.5 Tem contato com a família

3.6 Outro familiar importante na renda ou composição familiar

4. Situação Social

4.1 Se declara autônomo

4.2 Moradia (casa do estudante; pensionato; divide aptº com colega; mora sozinho; mora com família; mora com algum familiar; mora com companheiro(a); outro)

4.3 Acompanhamento psicológico UFPel

4.4 Acompanhamento psicológico outro local

4.5 Acompanhamento núcleo psicopedagógico

4.6 Nº justificativas por falta no Restaurante Universitário 2012/2 e 2013/1

4.7 Nº justificativas por falta no Restaurante Universitário 2012/1 e 2011/2

4.8 Nº de justificativas outras (não entrega de documentos; atraso no prazo de reavaliação; motivos de não aproveitamento)

4.9 Teor das justificativas (não aproveitamento; prazo de reavaliação; atraso de documentos; perda de prazo; outro)

4.10 Processo CARE (Comissão de Avaliação de Recursos do Estudante)

4.11 Teve acordo com PRAE

4.12 Teve prazo de permanência esgotado

Anexo 2

Formação de um grupo

Planejamento

1. Quem vai ser o coordenador? A pesquisadora
2. Para o quê e para qual finalidade o grupo está sendo composto? Para fins de pesquisa e de aprendizagem
3. Para quem ele se destina? Alunos bolsistas da Prae que não obtiveram aproveitamento acadêmico em 2013/1
4. Como ele funciona? Sob a forma de oficinas
5. Onde, em quais circunstâncias, e com quais recursos? Em sala para grupo na PRAE, em data e hora a combinar com alunos, com materiais audiovisuais, som, pranchetas, papéis, cópias, canetas, materiais de escritório em geral, cadeiras, almofadas da própria sala, outros.
6. Quando? A seleção ocorreu em julho/agosto de 2015 para realização das oficinas em agosto/setembro de mesmo ano.

Seleção

1. Realizada conforme critérios de indicação e contra-indicação. Motivação; história de relações interpessoais
2. Entrevistas de seleção – conforme anexo 3

Composição do grupo:

Heterogêneo.

Anexo 3

Dados para Seleção dos alunos para o Grupo

I. Identificação

Nome: _____

Filiação: _____

Data Nascimento: ___/___/_____ idade: _____

Naturalidade: _____

Endereço atual: _____

Endereço da família: _____

Telefone: _____

Email: _____

Curso: _____ Semestre: _____

Data de ingresso na UFPEL: _____

Reopção passada: () sim () não qual curso? _____

Motivo: _____

Identificação com o curso atual () sim () não Por quê? _____

Desejo de reopção: () sim () não

Motivo: _____

Bolsista () alimentação () transporte () Casa Estudante () Auxílio Moradia

Aproveitamento semestre atual

Aproveitamento em semestres anteriores

Média de número de disciplinas por semestre

Trabalho/ Estágio/ Projeto: () sim () não Onde? _____

Turno do trabalho/ Estágio/ Projeto: () manhã () tarde () noite

Turno do curso: () manhã () tarde () noite

II. História escolar/ processo ensino e aprendizagem

1. Ensino fundamental
2. Ensino médio
3. Ingresso universidade
4. Disciplinas de que mais gosta
5. Disciplinas com maior dificuldade
6. Não Aproveitamento
7. Sentimentos/ pensamentos
8. Motivação
9. Expectativas

III. Avaliação das condições egóicas:

IV. Observações

Anexar histórico acadêmico e ficha da análise documental

Anexo 4

Termo de consentimento livre e esclarecido

Identificação

Pesquisa: “Aprendizagens inventivas e subjetivações em meio à vida universitária” (mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel)

Pesquisadora: Lisandra Berni Osorio

Vínculo Institucional: psicóloga da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFPel

Telefones para contato: (53) 81184151

Nome do Voluntário:

Idade:

RG:

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Aprendizagens inventivas: cartografando modos de subjetivação em um corpus universitário” de responsabilidade da pesquisadora Lisandra Berni Osorio.

O objetivo do trabalho é conhecer os modos de ser e de aprender dos alunos universitários e, proporcionar lhes um trabalho de grupo, com até doze participantes, para que possam expressar o que sentem e pensam em relação a abordagens de alguns temas sobre a vida e o cotidiano dos estudantes. Configuram os temas: liberdade, solidão, corpo, desejo e amor.

A previsão é de realizar cinco encontros semanais, dos quais a participação livre e consentida de cada integrante será de grande importância para as observações e análises da pesquisadora. A previsão é de que ocorram nos meses de agosto e setembro. Fazer-se-á uso de materiais da arte, ciência e filosofia para o desenvolvimento dos encontros, que terão duração aproximada de três horas.

Cada aluno receberá um caderno para fazer anotações dentro e fora do grupo,

em que ficará comprometido a entregá-lo ao final da pesquisa para a pesquisadora, em plena consciência de que sua identidade será resguardada; todavia, que seu conteúdo possa servir para as análises de pesquisa. A cada encontro fica assegurado o valor dos custos de seu deslocamento até a PRAE, a ser recebido no dia definido.

Lisandra Berni Osorio

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “Aprendizagens inventivas e subjetivações em meio à vida Universitária”, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Lisandra Berni Osorio sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Pelotas _____, _____, de 2015.

Nome: _____

Assinatura do aluno: _____

